

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Thaís Silva Martins

Erguendo a voz: um ensaio sobre o enfrentamento à violência através das
escrevivências de mulheres negras

Juiz de Fora
2025

Thaís Silva Martins

Erguendo a voz: um ensaio sobre o enfrentamento à violência através das
escrevivências de mulheres negras

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Serviço Social. Área de concentração: Questão Social, Território, Política Social e Serviço Social.

Orientadora: Dra. Elizete Maria Menegat

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática
da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

Silva Martins, Thaisa.

Erguendo a voz: um ensaio sobre o enfrentamento à violência através das
escrevivências de mulheres negras / Thaisa Silva Martins. -- 2025.
192 p. : il.

Orientadora: Elizete Maria Menegat

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Serviço
Social. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2025.

1. Escrevivência. 2. Mulheres Negras. 3. Violência. I. Menegat, Elizete Maria,
orient. II. Título.

Thaís Silva Martins

Erguendo a voz: um ensaio sobre o enfrentamento à violência através das
escrevivências de mulheres negras

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Serviço Social. Área de concentração: Questão Social, Território, Política Social e Serviço Social

Aprovada em: 26/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Dra. Elizete Maria Menegat – Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Dra. Sabrina Pereira Paiva – Membro interno

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Dra. Carolina dos Santos Bezerra – Membro interno

Colégio de Aplicação João XXIII

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Dra. Rosana de Jesus dos Santos - Membro externo

Instituto Federal de ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG)

Dr. José Carlos Freire – Membro externo

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVM)

Dr. Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Membro externo

Universidade Regional do Cariri (URCA)



Documento assinado eletronicamente por **Elizete Maria Menegat, Professor(a)**, em 27/02/2025, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosana de Jesus dos Santos, Usuário Externo**, em 28/02/2025, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Carlos Freire, Usuário Externo**, em 05/03/2025, às 20:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sabrina Pereira Paiva, Professor(a)**, em 07/03/2025, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago de Abreu e Lima Florencio, Usuário Externo**, em 09/03/2025, às 23:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carolina dos Santos Bezerra Perez, Professor(a)**, em 21/03/2025, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2211718** e o código CRC **8DCD8E91**.

Dedico esta tese às minhas avós, Olímpia e Madalena, mulheres negras, forças ancestrais que estão sempre comigo. Olímpia se foi no ano em que eu nasci, 1990. Fui a última neta que ela carregou em seus braços. Madalena se foi próximo à qualificação do doutorado, nos últimos dias de 2022. No mesmo ano da sua partida, em uma conversa, ela sorriu e demonstrou entender quando eu disse que viraria doutora, sem ser médica.

AGRADECIMENTOS

“[...] quem nunca passou por uma encruzilhada não sabe escolher caminhos [...]” (Antônio Bispo dos Santos, 2021, p.3).

De fato, enfrentar o doutorado foi lidar com encruzilhadas cotidianamente. Por ter assumido uma mudança radical, em termos do conteúdo e da metodologia do que vinha estudando desde a graduação, senti o peso e a responsabilidade desta escolha, em todos os dias desta linda e árdua trajetória.

O sentimento que hoje trago é de *desbravamento*. Me sinto desbravadora de caminhos, não apenas acadêmicos, mas transformadores da própria vida, nos quais a *escrevivência* me apresenta diversas encruzilhadas.

Para lidar com desafios, sempre contamos com pessoas que nos auxiliam em escolhas, mesmo que, por vezes, indiretamente. Por isso, aproveito este espaço para expressar gratidão, embora entenda que estas poucas páginas dedicadas aos “agradecimentos” não consigam expressar tudo o que é necessário.

Desde fevereiro de 2020, tendo em vista tantas situações inusitadas que envolveram a entrada no doutorado, comecei a ter certeza de que este período da minha vida seria de muitas rupturas com processos de outrora, e ofereci esta caminhada à força divina que me guia, a qual agradeço imensamente.

Também reconheço a luta ancestral, sobretudo do povo negro, que abriu caminhos, seja através da possibilidade de acessarmos a universidade, seja através dos diversos processos que nos levam a *erguer a voz*, como afirma *bell hooks* (2019), exercício que ora faço nesta tese. Portanto, agradecer é um ato inevitável.

No doutorado, ainda fui contemplada com recursos da CAPES, o que me faz destacar, também, o investimento recebido, por meio do árduo trabalho dos brasileiros e das brasileiras que pagam impostos neste país.

Agradeço à minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão, e à minha irmã, por todo o imensurável suporte neste período. De fato, não há palavras que consigam expressar, ainda que minimamente, o que a minha família fez por mim, para que esse título pudesse chegar. Enfim, a vitória é nossa! Sou grata, também, à minha linda tia Íris (*in memoriam*), pelo incentivo nesta caminhada, sempre atenta às minhas angústias. Coincidentemente, a banca de defesa foi agenda para o dia em que completa um ano da sua partida. E eu sinto que ela faz parte desta conquista, e que está sempre comigo.

Sou muito grata às vinte escritoras negras do livro *Raízes: resistência histórica*, obra que fundamenta a análise desta tese. Agradeço à Editora *Venas Abiertas*, na pessoa da Karine Oliveira, por realizar esta publicação tão potente, que nos enche de força. Destaco aqui a Júlia Gomes, amiga querida que me apresentou o referido livro, e que é uma das autoras que compõe a coletânea. Sou muito feliz por todas as nossas trocas, onde uma anima a outra. Ela é uma grande inspiração para a nossa trajetória de escritoras.

Externalizo a minha gratidão ao nosso Programa de Pós-graduação em Serviço Social, da UFJF. Em especial, à minha orientadora Elizete Menegat, por tantos encontros maravilhosos, bem como pela acolhida, pelo carinho, e por ter me permitido ousar.

Às/aos colegas do doutorado em Serviço Social e às/aos do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da UFJF, o meu muito obrigada por todas as trocas, em meio a um período tão difícil. Deixo aqui o meu carinho à Marcela, à Gabriele e à Vanessa.

Agradeço à amiga Izabella, por todo o afeto e pelo constante suporte e disponibilidade, no tempo em que estive em Juiz de Fora-MG.

À Arleam Dias, por ter sido a primeira pesquisadora que, depois de todas as transformações que passei na vida acadêmica, citou um artigo meu em sua dissertação na UFMG. Arleam é uma escritora que muito me inspira, e que me convidou para participar da sua pesquisa de mestrado.

Sou grata à assistente social Daniela Ferrugem, pelas partilhas, e por me ajudar a compreender ainda mais a importância desta pesquisa. Por ter me apresentado o trabalho da Bruna Battistelli (2022), que nos encanta por meio de *cartas-ensaio*.

À professora Claudilene Costa, pelo constante incentivo e pela cumplicidade *escreviente*. Ainda por me possibilitar estar como vice - coordenadora, desde maio de 2024, do Projeto que coordena na UFVJM, chamado: “Aquilombar nos Vales – Mulheres negras tecelãs da resistência”.

Agradeço ao professor Thiago Florêncio, por ter me acolhido no crédito curricular “Estudos Individuais”, e ter marcado a minha trajetória ao me possibilitar, pela primeira vez na vida, escrever um ensaio para um trabalho acadêmico.

Ao professor José Carlos, amigo querido, por me ouvir tanto, e não de hoje. Por trocar comigo de maneira tão preciosa.

À professora Silvina, pela acolhida na faculdade de Letras, através da disciplina isolada que cursei. Por te me possibilitado conhecer diversas pesquisas com abordagens decoloniais, e por ter dado várias dicas para o meu trabalho.

Agradeço com muito carinho às professoras Rosana, Sabrina e Carolina, por terem aceitado participar da banca de defesa. Vocês são inspirações para mim. Mulheres que conheci em momentos muito importantes do doutorado, e que me chamaram a atenção por demonstrarem leveza e resistência.

À cada professor e professora que compôs as bancas de qualificação e de defesa deste doutorado, doando parte do seu tempo e do seu conhecimento para o meu crescimento, deixo aqui o meu muito obrigada.

Externalizo a minha eterna gratidão, também, ao Projeto Nacional Leia Mulheres e ao coletivo Leia Mulheres de Araçuaí-MG, por me permitirem construir um grupo que me deu forças para enfrentar os desafios que atravessaram esta tese, além de serem parte fundamental para a motivação deste estudo. Aproveito para registrar o apoio recebido do Movimento de Poetas e Escritoras/es do Vale do Jequitinhonha, e ao constante incentivo de Hérica, Paula e Herena, mulheres brilhantes, fontes de inspiração para a nossa trajetória de escritoras.

Também sou grata ao IFNMG - Campus Araçuaí, sediado na cidade onde moro, por todas as oportunidades de aprendizado. Em especial, externalizo o carinho e o apoio da querida Vanessa.

Agradeço, também, às amigas incríveis e servidoras dessa instituição: Tatiana, Joildes e Cristina, pelas trocas, pelo amor, e pelas construções feministas – vocês são um presente em minha vida!

Gostaria de agradecer, ainda, à *poesia*, representada neste trabalho pela possibilidade de me desafiar na literatura, com abordagens diferentes de outrora, e motivadas pela *escrevivência*. Assim, me lembro do que diz Emicida (2019) em “AmarElo”, em um trecho que nos emociona e nos faz correr atrás dos nossos sonhos:

[...] Aí, maloqueira
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo?
Respira fundo
E volta a correr
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós
Te vejo no pódio (p.2, grifos meus).

Como infere o trecho da canção, estou correndo atrás de um diploma. Faço isso na busca de ir atrás de um “pódio”, simbolizado na conquista em ser Doutora. Portanto, rumamos para a tese.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(*Vozes Mulheres*, Conceição Evaristo, 2019a, p.295)

RESUMO

A presente tese desenvolve um exercício de escrita ensaística por meio da *escrevivência*, termo criado pela escritora Conceição Evaristo, nos anos 1990. O objetivo é analisar, a partir da *escrevivência*, o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras decorrente do capitalismo, e seu processo de exclusão racial, social e de gênero, tendo a seguinte questão: o que este registro ajuda a revelar sobre a violência sofrida por mulheres negras neste sistema? Este trabalho parte da hipótese de que a *escrevivência* é uma forma de resistência às opressões vivenciadas, em comum, por mulheres negras no capitalismo. Portanto, é uma resistência à violência. Isso levou à análise da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) de Conceição Evaristo, uma vez que retrata, fundamentalmente, acerca da violência sofrida por mulheres. Como aparato metodológico para a presente pesquisa, foi realizada uma análise documental do livro *Raízes: resistência histórica*, escrito por vinte mulheres negras, e publicado em 2018 pela editora *Venas Abiertas*, de Belo Horizonte-MG. Tal escolha se deu a fim de identificar e analisar quais são os conteúdos denunciados acerca da violência sofrida por mulheres negras na presente obra. Evidenciou-se a diversidade de temas abordados, com destaque para a violência colonial, escravização, racismo, e pressão de padrões estéticos.

Palavras-chave: *Escrevivência*; Mulheres Negras; Violência.

RESUMEN

Esta tesis desarrolla un ejercicio de escritura ensayística a través de *escrevivência*¹, término creado por la escritora Conceição Evaristo en la década de 1990. El objetivo es analizar, a partir de la *escrevivência*, el contenido sobre la violencia sufrida por las mujeres negras resultante del capitalismo, y su proceso de exclusión racial, social y de género, teniendo la siguiente pregunta: ¿qué ayuda a revelar este registro sobre la violencia sufrida por las mujeres negras en este sistema? Este trabajo se basa en la hipótesis de que la *escrevivência* es una forma de resistencia a las opresiones que experimentan, en común, las mujeres negras en el capitalismo. Se trata, por tanto, de una resistencia a la violencia. Esto llevó al análisis de la obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) de Conceição Evaristo, ya que retrata fundamentalmente la violencia que sufren las mujeres. Como herramienta metodológica para esta investigación, se realizó un análisis documental del libro *Raízes: resistência histórica*, escrito por veinte mujeres negras, y publicado en 2018 por la editorial *Venas Abiertas*, de Belo Horizonte-MG. Esta elección se hizo con el objetivo de identificar y analizar el contenido relatado sobre la violencia sufrida por las mujeres negras en este trabajo. La diversidad de temas tratados fue evidente, con énfasis en la violencia colonial, la esclavitud, el racismo y la presión de los estándares estéticos.

Palabras-clave: *Escrevivência*; Mujeres negras; Violencia

¹ Como se trata de uma expressão criada pela escritora Conceição Evaristo, não foi traduzida para outro idioma, uma vez que poderia perder o sentido.

ABSTRACT

This thesis develops an essay writing exercise through *escrevivência*², a term coined by writer Conceição Evaristo in the 1990s. The objective is to analyze, based on *escrevivência*, the content about violence suffered by black women resulting from capitalism, and its process of racial, social and gender exclusion, with the following question: what does this record help to reveal about the violence suffered by black women in this system? This work is based on the hypothesis that *escrevivência* is a form of resistance to the oppressions experienced, in common, by black women in capitalism. Therefore, it is a resistance to violence. This led to the analysis of the work *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) by Conceição Evaristo, since it fundamentally portrays the violence suffered by women. As a methodological apparatus for this research, a documentary analysis of the book *Raízes: resistência histórica*, written by twenty black women, and published in 2018 by the publisher *Venas Abiertas*, from Belo Horizonte-MG, was carried out. This choice was made in order to identify and analyze the content reported regarding the violence suffered by black women in this work. The diversity of themes addressed was highlighted, with emphasis on colonial violence, slavery, racism, and pressure from aesthetic standards.

Keywords: Escrevivência; Black women; Violence

² Como dito em nota anterior, não foi traduzido para outro idioma, uma vez que poderia perder o sentido, por ser um termo criado por Conceição Evaristo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Fotografia da escravizada <i>Anastácia</i> feita por Jacques Aragno.....	21
Figura 2 Ilustração da capa do livro <i>Raízes: resistência histórica</i> feita por Adelson Boris.....	108
Fotografia 1 Foto de ALINE OLIVEIRA.....	114
Fotografia 2 Foto de BRUNA TAMIRES.....	115
Fotografia 3 Foto de CAROLINE ANICE.....	115
Fotografia 4 Foto de DALVA MARIA.....	116
Fotografia 5 Foto de ELÂNIA FRANCISCA.....	117
Fotografia 6 Foto de FLOR, PRISCILA	118
Fotografia 7 Foto de GIOVANNA HELIODORO.....	118
Fotografia 8 Foto de JÚLIA GOMES.....	119
Fotografia 9 Foto de JULIANA JESUS.....	120
Fotografia 10 Foto de JULIANA LINO.....	120
Fotografia 11 Foto de KARINE BASSI.....	121
Fotografia 12 Foto de LAURA OLIVEIRA.....	122
Fotografia 13 Foto de NÁGILA OLIVEIRA.....	122
Fotografia 14 Foto de NEGRA JULIE.....	123
Fotografia 15 Foto de REGIANE FARIAS.....	124
Fotografia 16 Foto de REGIANE MARTINS.....	125
Fotografia 17 Foto de SILVANA RODRIGUES.....	125
Fotografia 18 Foto de TAYLA FERNANDES.....	126
Fotografia 19 Foto de THABATA CRISTINA.....	127
Fotografia 20 Foto de ZAINNE LIMA.....	127
Desenho 1 Desenho de Uakyrê Pankararu Braz, indígena da aldeia Cinta Vermelha Jundiba – Araçuaí-MG.....	192

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEERT - Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades

CFESS - Conselho Federal de Serviço Social

COQUIVALE - Comissão das Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFNMG - Instituto Federal de ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais

ONG - Organização não governamental

PUC-RJ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RAÍZES - Raízes: Resistência Histórica (escritoras negras)

SINAN - Sistema de Informação de Agravos de Notificação

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 CARTA ENSAIO 1.....	36
1.2 MEMORIAL: CONSTRUÇÕES E PROCESSOS.....	38
1.2.1 Motivações para escrever	41
1.2.2 Abordagem sobre o referencial teórico da pesquisa: projetando um caminho	48
1.2.3 Reflexões sobre a estrutura da pesquisa: por onde partir?.....	58
2 COLONIALISMO, MODERNIDADE E VIOLÊNCIA: FUNDAMENTOS DO CAPITALISMO PARA COMPREENSÃO DA ESCRIVIVÊNCIA.....	67
2.1 CARTA ENSAIO 2.....	67
2.2 REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DA MODERNIDADE E SILENCIAMENTO DE MULHERES NEGRAS.....	68
2.3 INSURGÊNCIAS ANTICOLONIAIS E INSUBMISSÃO NEGRA.....	76
3 ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA POR MEIO DA ESCRIVIVÊNCIA.....	83
3.1 CARTA ENSAIO 3.....	83
3.2 AUTORIA INSUBMISSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	84
3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA EM <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO</i>	94
3.3.1 Rose Dureis e Adelha Santana Limoeiro.....	96
3.3.2 Aramides Florença, Shirley Paixão, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel.....	99
3.3.3 Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Regina Anastácia.....	103
3.3.4 Natalina Soledad, Mary Benedita, Líbia Moirã, Saura Benevides Amarantino e Mirtes Aparecida da Luz.....	105
4 ANÁLISE DO LIVRO “RAÍZES”: UM EXERCÍCIO ESCRIVIVENTE.....	108
4.1 CARTA ENSAIO 4	108
4.2 PERFIL DAS ESCRITORAS.....	110
4.3 APRESENTAÇÃO DAS ESCRITORAS.....	114
4.4 DISCUSSÃO DOS CONTEÚDOS <i>ESCRIVIVENTES</i> ACERCA DA VIOLÊNCIA.....	128
4.4.1 Escrita insurgente e desobediência epistêmica como combate às opressões.....	129
4.4.2 Escravização e Violência Colonial: “Meu povo não está	

<i>morto</i>	129
4.4.3 Racismo: “ <i>ao racismo que vai cair</i> ”	144
4.4.4 Pressão de padrões estéticos: “ <i>diante do meu crespo apenas, curvem-se!</i> ”	151
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS.....	166
APÊNDICE A - CARTA ÀS ESCRITORAS DO LIVRO “ <i>RAÍZES</i> ”	187

A presente tese assumiu as seguintes convenções:

- a) O texto foi construído na primeira pessoa do singular. Por vezes, a primeira pessoa do plural apareceu para se referir às experiências coletivas que envolveram a pesquisadora, ou para favorecer maior aproximação com quem lê este material;
- b) Na grafia do texto, o formato *itálico* foi assumido para grifar palavras em outros idiomas, para se referir a obras mencionadas, e para dar destaque a termos que a autora considera chamativos, como *escrevivência*, que compõe o objeto de estudo desta tese.
- c) A escrita é ensaística, tendo em vista a influência do âmbito literário, sobretudo, por meio da realização de créditos curriculares na área de Letras.
- d) Nesta tese, a autora reconhece que não existe consenso em torno do significado de *literatura*, mas por se tratar de uma discussão que ultrapassa a sua área de formação, bem como o objetivo deste trabalho, a vincula tão somente à produção de conhecimento literário. Também reconhece que na área de Letras existam debates, por exemplo, em torno das denominações *literatura afro-brasileira*, *literatura negra* e *literatura afrodescendente*. Aqui, as compreende de maneira indistinta, sendo consideradas como advindas tão somente de pessoas negras.
- e) Os capítulos foram introduzidos com cartas endereçadas à pessoa que apreciará a tese. Nelas, o pronome feminino foi usado para fugir da forma tradicional de se tratar *humano* como sinônimo de *homem*, através do uso do pronome masculino como “universal”. Mas isso não impede a leitura de qualquer pessoa. Tal escolha se deu uma vez que esta tese foi movida por experiências de mulheres negras, o que fundamenta o sentido da *escrevivência*, por isso o emprego da linguagem no feminino.
- f) O uso das cartas foi influenciado por Battistelli (2022), que desenvolveu a sua tese de doutorado neste formato, ao propor uma escrita que convoque sentimentos e pensamentos pelas mãos, enfatizando o quanto tal ação é um ato político, e que foge da racionalidade tipicamente acadêmica. A referida autora convida-nos para o resgate da memória, da ancestralidade, e da Arte Postal – elementos que aproximam da *escrevivência*, porque possibilitam fomentar, também, a implicação de quem pesquisa com aquilo que se pesquisa;

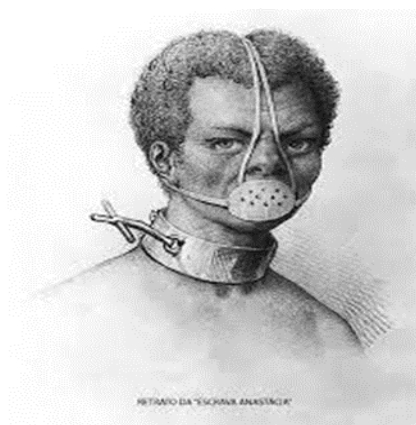
- g) Devido às inúmeras menções ao livro *Raíces: resistência histórica (escritoras negras)*, publicado em 2018, pela Editora *Venas Abiertas*, o qual compõe fundamentalmente a análise da presente pesquisa, a autora opta pela abreviação, chamando-o de *livro “Raíces”*, como consta na Lista de Abreviaturas e Siglas deste trabalho.

1 INTRODUÇÃO

“Não serei interrompida” (Marielle Franco, 2018, *YouTube*)

À primeira vista, o que esta imagem apresenta?

Figura 1 – Fotografia da escravizada *Anastácia* feita por Jacques Aragno



Fonte: livro *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba.

A presente introdução inicia com a imagem da escravizada *Anastácia* utilizando uma máscara de metal, para um convite à reflexão. Esta também é provocada pela epígrafe da seção, frase de Marielle Franco, na qual a ex-vereadora, brutalmente assassinada em 2018, falava acerca do dia Internacional das Mulheres. Enquanto discursava, alguém defendeu a ditadura, e a vereadora protestou: “*Não serei interrompida*”.

Início esta tese afirmando: *nós, mulheres negras, não seremos interrompidas. Destruiremos as máscaras que insistem em nos calar.*

Esta pesquisa é movida por provocações para quem a lê, porque não é um amontoado de certezas, mas o exercício de síntese de questões e, por isso, arrisco a chamá-la de ensaio. Trata-se de um trabalho onde o meu reconhecimento e trajetória como mulher negra, e como alguém que vem experimentando escrever não se limitando apenas às formas acadêmicas, fundamentaram a motivação ensaística e interferiram na escolha do tema estudado.

Afinal, tais reconhecimentos aconteceram justamente nos últimos anos, com a inserção no doutorado, visto às diversas experiências que atravessaram a entrada e

a permanência neste estágio tão árduo da vida, como será comentado no item acerca do memorial da pesquisa, o que influenciou na mudança dos temas que, comumente, eu estudava. Em suma, a tese é um exercício de *erguer a voz*, como afirma bell hooks (2019)³.

A presente tese tem como objeto a violência sofrida por mulheres negras, registrada pela *escrevivência*. O objetivo é analisar, a partir desse registro, o conteúdo sobre violência sofrida por essas mulheres decorrente do capitalismo, e seu processo de exclusão racial, social e de gênero⁴.

Escrevivência é um termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo⁵, que começou a trabalhá-lo na construção da sua dissertação de mestrado, em 1994. Trata-se de uma expressão que comunga a escrita com as experiências da população negra, especialmente mulheres. É uma prática literária vinculada à resistência histórica desta população e, portanto, não se vincula a um conceito fechado, mas ao fato de experimentar um processo.

Evaristo (2023a) afirma que foi a partir do momento que diversas áreas de

³ A referida autora assina com letras minúsculas, a fim de dar maior projeção às suas ideias do que à figura autoral. Por isso, justifico que toda vez que mencioná-la nesta tese, estarei respeitando esta escolha, e subvertendo as regras do uso da letra maiúscula em nome próprio. Além disso, cabe comentar que *bell hooks* trata de um pseudônimo inspirado na bisavó materna da autora, em celebração ao legado de mulheres fortes. O seu verdadeiro nome é Gloria Jean Watkins.

⁴ De acordo com o referencial teórico que orienta esta tese, o capitalismo é um sistema complexo que existe há mais de 500 anos e que se fundamentou, também, no projeto colonial moderno marcado, inerentemente, pela violência. Esta foi e é direcionada, sobretudo, àqueles e àqueles que não se vinculam ao protótipo de humanidade defendido por este sistema, como será mostrado nesta tese. O capitalismo é um modo de produção que já atravessou inúmeras fases, características e denominações, movidas pela exploração do trabalho, para a produção de mercadorias e obtenção de lucro.

⁵ Como veremos no item da tese que trata da sua biografia, a referida autora escreve desde a infância. Contudo, como expressa Santos (2024), só começou a publicar quando o circuito de editoras negras independentes se fortaleceu. Evaristo iniciou as suas publicações na *Série Cadernos Negros*, nos anos 1990, embora só tenha se tornado reconhecida recentemente. Ela é poetisa, contista, romancista, ensaísta e mãe de Ainá Evaristo de Brito. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tornando-se, em 1996, mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e, em 2011, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). De acordo com Literafro (2024), listo as suas obras individuais: *Ponciá Vicêncio* (romance/ 2003); *Becos da Memória* (romance/ 2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos/ 2011); *Olhos d'água* (contos/ 2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (contos e novela/ 2016); *Canção para ninar menino grande* (novela/ 2018); *Azizi, o menino viajante* (conto/ 2017); *Não me deixe dormir o profundo sono* (conto/ 2020); *Fio de prumo* (conto/ 2020) e *Macabéa, flor de Mulungu* (conto/ 2023).

conhecimento foram se aproximando do termo *escrevivência*, é que surgiu a possibilidade de interpretá-lo como conceito. Mas ela não teve esta pretensão ao formula-lo.

Em entrevista ao *Itaú Cultural*, em 2020, Conceição Evaristo comenta acerca do surgimento do referido termo:

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres, principalmente [...] (Evaristo, 2020a, p. 2, grifos da autora).

Com base na referida citação, *escrevivência* é um caminho inverso à realidade escravocrata, pois surge para enfrentar a imagem da violência colonial do passado. Mostra que, hoje, como mulheres negras, podemos contar as nossas próprias histórias, inclusive, as boas e as ruins. *Escrevivência* surge para mostrar que *não seremos interrompidas*, como expressa a epígrafe desta seção.

Ao continuar a explicar sobre o termo em evidência, cabe destaque que em entrevista ao *Jornal Suplemento Literário de Minas Gerais*, no ano de 2018, em razão de, em ano anterior, ter ganhado o *Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura*, a referida escritora também comenta o seguinte:

em 1994, quando terminei o mestrado, tentava a aglutinação entre escrever, viver e se ver. Quer dizer...Na verdade era escrita voltada para a experiência. Em algumas passagens da dissertação tem lá: *escrevivendo*, escrevendo-se. E ficou [...] (Evaristo, 2018a, p.5, grifo meu).

É interessante destacar que Fonseca (2020) assevera que:

conforme declaração da própria Conceição Evaristo ao *Nexo Jornal*, o termo *escrevivência* foi utilizado por ela, pela primeira vez, “em uma mesa de escritoras negras no Seminário Mulher e Literatura, em 1995. O termo foi assumido como uma estratégia que rasura a ordem legitimada pela figura da “Mãe preta” que conta “histórias para adormecer a prole da Casa-grande” [...] (Fonseca, 2020, p.60, grifo

da autora).

Segundo o livro *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), este termo se encontra como objeto de estudo de profissionais de diversas áreas, sendo discutido tanto nacional quanto internacionalmente, compreendido como advindo da população afrodescendente, de acordo com as inúmeras reflexões propostas na referida coletânea.

Com base neste livro, *escrevivência* pode ser lida como conceito; conceito-experiência; método; operador teórico etc., podendo se associar tanto à “a escrita de si” ou autoficção, quanto à “escrita do nós”, se conectando, por exemplo, às estratégias de denúncia e resistência presentes em textos autobiográficos ou ficcionais (Borges, 2020; Duarte, 2020; Felisberto, 2020; Fonseca, 2020; Nunes, 2020;).

Na referida obra, Duarte, E. (2020) ainda complementa esta discussão considerando que *escrevivência* pode ser associada às compreensões que nem sempre se voltam para a sua formação lexical.

Com base na apreensão de um dos textos iniciais do livro mencionado, que trata de um depoimento da escritora que cunha o termo, e que objetiva discutir o seu sentido gerador, é possível considerar que Evaristo (2020b) o defende como uma prática literária, sobretudo, de mulheres negras e pobres.

Isso se dá porque o termo “[...] extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado [...]. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre [...]” (Evaristo, 2020b, p. 38, grifo meu). Assim, por se conectar com as experiências de vida deste grupo, tem uma direção e um sentido, não é qualquer tipo de escrita e não precisa ser expressa apenas no tradicional ato de escrever.

Evaristo (2007), por exemplo, mostra o símbolo criativo da *escrevivência* na mãe lavadeira que desenha o sol no chão lamacento, com um graveto, para chamar este sol, em um gesto em que corpo e escrita se comungam.

Desse modo, na presente pesquisa, compreendo que *escrevivência* se articula à resistência às opressões do capitalismo, que estão atreladas ao processo de desumanização das mulheres negras. Inclusive, isso pode ser exemplificado na seguinte argumentação da escritora que cria o termo:

[...] Quando digo que nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa grande, nasce da imagem que a gente tem no passado da *mãe preta* dentro da casa grande contando história para adormecer a prole colonizadora. Essa imagem me incomoda muito. A imagem da *mãe preta*. Está no imaginário brasileiro essa *passividade das mulheres negras*. Que está na literatura brasileira. A construção dessa personagem da mulher negra. [...] As mulheres africanas escravizadas e suas descendentes eram obrigadas a contar história para adormecer os da casa grande. *Essa autoria negra de mulheres vai escrever história*. A *escrevivência* dessas mulheres é justamente para acordar os da casa grande. Com essa *escrevivência* quero borrar a imagem do passado. É uma outra imagem. A africana e suas descendentes escravizadas dentro de casa nunca podiam contar suas histórias, nunca podiam contar suas vivências. *Imagina mãe preta contando para o senhorzinho da casa que ela apanhava, era escravizada, não podia viver com a família e que ela alimentou aquela criança enquanto o filho dela morria de fome. Nessas histórias, as mulheres se calavam. A nossa escrevivência pretende trazer essas histórias à tona* (Evaristo, 2018a, p.5, grifos meus).

Com base nesta citação que acabo de expor, a *escrevivência* enfrenta essa imagem do passado, calcada na violência, onde o corpo da *mãe preta* ao ser escravizado, tem a sua fala, também, escravizada, pois “[...] a fala também é um utensílio de trabalho escravizado” (Evaristo, 2021a, p.4). A *escrevivência* “borra” essa imagem, criando outra, como elucida a autora, por meio de um processo autônomo e libertador, expresso na escrita: “*ora, se a fala dessa mulher da casa grande é uma fala escravizada, a nossa escrita não. Pelo contrário. A nossa escrevivência é pra acordar os da casa grande*” (Evaristo, 2021a, p.4, grifos da autora).

Desse modo, esta violência sofrida por mulheres negras pode ser exemplificada na figura que abre esta introdução, a da escravizada *Anastácia*. Mas, também, pode ser comprovada em diversos outros casos.

Temos como exemplo o assassinato da historiadora Beatriz Nascimento pelo companheiro de uma amiga, em 1995. A morte de Claudia Ferreira, auxiliar de Serviços Gerais, que foi baleada e teve seu corpo arrastado pela política militar, em 2014, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda, podemos referenciar o brutal assassinato da ex-vereadora Marielle Franco, em 2018, vítima de racismo, de misoginia, de violência política e homofobia. Também cabe exemplificar o assassinato da líder quilombola Mãe Bernadete, em 2023, que vivia em um território que é alvo de exploração e ataques, desde o período colonial, localizado em Simões Filho (BA).

Em todas essas situações, a mulher negra é vítima de violência. A violência presente na imagem de *Anastácia* ainda serve para pensarmos a atualidade que

atravessa as mulheres negras.

Isso me leva já a adiantar que me reconheço como uma das mulheres que, como afirma Conceição Evaristo, desenvolvem a *escrevivência* para “desapagar” o apagamento histórico dos nossos corpos e, por conseguinte, de nossos saberes e vivências, por isso que estou a denunciar tais violências nesta tese. Esta postura se deve, fundamentalmente, às experiências que me possibilitaram me reconhecer como mulher negra, e como alguém que vem experimentando escrever não se limitando aos formatos acadêmicos, o que estabelece grande renovação diante das minhas vivências coletivas anteriores, como será explicitado nesta tese.

Diante disso, e considerando que a violência presente na imagem de *Anastácia* ainda se apresenta, de outras formas, como pode ser exemplificado nos casos citados anteriormente, cabe destacar que, com base em Grada Kilomba (2019), a imagem que abre esta tese se vincula à violência do projeto colonial moderno, que utilizou por mais de trezentos anos uma peça de metal instalada no interior da boca dos/as escravizado/as. O uso dessa *máscara* se deu com o objetivo principal de criar um senso de mudez e de medo, a partir da defesa de uma hierarquização racial que negou a humanidade a quem foi colonizado/a.

Conforme a reflexão realizada pela autora mencionada, sem história oficial, ainda não se sabe se *Anastácia* era de origem africana ou brasileira. A *máscara*, a qual é ilustrada pela referida imagem, “[...] era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa [...]” (Kilomba, 2019, p.33, grifo da autora).

No caso de *Anastácia*, a autora contextualiza que as razões dadas para este castigo são imprecisas. Há relatos de que se deu em função de seu ativismo político, de sua resistência à violência sexual e, ainda, quanto ao ciúme de uma senhora que temia a sua beleza. Além da referida *máscara*, *Anastácia* foi forçada a usar um colar de ferro, muito pesado, o que levou à sua morte por tétano, como explica Kilomba (2019).

Ao partir dessa compreensão, estabeleci como hipótese desta pesquisa de que a *escrevivência* é uma forma de resistência às opressões vivenciadas em comum por mulheres negras no capitalismo, que se fundamenta por meio do projeto colonial moderno, ilustrado na imagem de *Anastácia*. Uma violência que é constante. Afinal, esse sistema, hoje, global, se manteve fundamentado em violências. É por isso que,

como afirma Federici (2017), não se pode considerá-lo como um mero produto evolutivo da humanidade.

O capitalismo, como modo de produção globalizado, se manteve fundamentando, também, no projeto de colonização e escravização europeia na América⁶, a partir de finais do século XV, se dando até meados do século XIX. Este sistema escravizou e dizimou, por meio da hierarquização racial, criando novas identidades históricas, como a do *negro* e a do *índio* – os/as colonizados/as⁷, e redefinindo outra identidade, como a do Europeu – o colonizador (Quijano, 2005).

Este contexto ainda foi marcado pela acentuada e violenta perseguição às mulheres e aos seus corpos, configurando o fenômeno de “caça às bruxas”, como expressa Federici (2017). Ele foi importante para o desenvolvimento do sistema capitalista, sobretudo, entre os séculos XVI e XVII, sendo não apenas na Europa, mas nas colônias do *Novo Mundo*, na América. Pois, “[...] assim como na Europa, a caça às bruxas na América foi, sobretudo, um meio de desumanização e, como tal, uma forma paradigmática de repressão que servia para justificar a escravidão e o genocídio” (Federici, 2017, p.382).

Com base em Quijano (2005), é possível afirmar que a colonização na América propiciou para que pudesse existir um protótipo de *sujeito universal*, criado pelo

⁶ Cabe destacar que a denominação “América” é uma invenção colonial. Com base em Porto-Gonçalves (2009), o termo *Abya Yala* vem sendo utilizado, pelos povos originários, como uma contraposição à expressão “América”, com o intuito de favorecer a construção de um sentimento de identidade e pertencimento, daqueles e daquelas que já se encontravam aqui, antes da colonização europeia.

Ao considerar a denominação “América”, como invenção colonial, a escritora Lélia González, por exemplo, desenvolveu a categoria político-cultural de *amefricanidade*. Ao constatar e valorizar a presença negra na construção do continente americano, visto o contexto diaspórico que trazia as pessoas africanas para serem escravizadas na “América”, a referida autora desenvolveu a ideia de uma unidade entre África e América, o que formaria a *América*.

⁷ Cabe comentar que os termos “negro” e “índio” estão em destaque, porque se configuram como denominações do aparato colonial. Por isso, no caso do segundo termo, especificamente, hoje tal identidade é defendida por eles/as mesmos como *indígenas* ou *povos originários*.

Quanto a história colonial, a partir de finais do século XV, Quijano (2005) argumenta que os colonizadores encontraram um grande número de diferentes povos. Vejamos: “[...] cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduziam-se a uma única identidade: *índios*. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongus, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de *negros*” (Quijano, 2005, p.127, grifos do autor). O destaque do termo foi assumido por compreender que se trata de uma denominação advinda do aparato colonial.

colonizador. Este modelo esteve articulado à perspectiva de um sujeito masculino, branco, europeu e heterossexual, entre outras características não identificadas nos/as colonizados/as. Logo, quem foi considerado “humano”, dentro deste protótipo defendido pelo projeto colonial, tinha direito à vida. Quem não era considerado, se tornava alvo da escravização e do extermínio, como as mulheres negras.

O próprio surgimento do modo de produção capitalista, segundo o referido autor, é vinculado ao projeto colonizador da América, que fundou a própria modernidade. Por isso, o sentido do sujeito universal, mencionado anteriormente, é vinculado à concepção de homem moderno, como será melhor discutido no próximo capítulo da tese.

Ao afirmar que *escrevivência*, em sua concepção inicial, se constitui como uma proposta que vem enfrentar opressões e apagamentos que, principalmente, mulheres negras vivenciaram ao longo do processo de escravização dos seus corpos, Evaristo (2020b) nos permite pensar a amplitude temporal desta violência.

Desse modo, com base em González (2020a), parto do entendimento de que o que veio a ser a nossa nação, Brasil, se forma a partir de acontecimentos, a exemplo da violentação de mulheres negras através da minoria branca dominante, como os próprios senhores de engenho. Esse envolvimento interracial, que forçou o processo de miscigenação, favoreceu a ideia de que o racismo nunca existiu no Brasil⁸, justamente por conta dessa mestiçagem – fruto da violência colonial.

A referida autora destaca também a figura da *mãe preta*. Esta, conforme foi mostrado em citação de Conceição Evaristo, foi aquela que cuidou e educou os filhos da família escravocrata, contando-lhes histórias, possibilitando, ainda, a criação de uma língua denominada por González (2020a) de *pretuguês*, a qual contribuiu, consequentemente, para o aprofundamento da africanização da cultura brasileira.

A autora explica que o idioma Português falado no Brasil é profundamente africanizado. A junção dele com as origens do povo negro fez surgir o que ela chama de *pretuguês*, que é uma linguagem mais rítmica, calcada em tradições dos antepassados da *mãe preta* escravizada. Esta, por cuidar da família escravocrata,

⁸ Gonzalez (2020a) aproveita para fazer a crítica ao “mito da democracia racial”. Tal ideia favoreceu, e ainda favorece, o *racismo por denegação*, segundo a autora, que se mostra no discurso de que as relações raciais, no Brasil pós colonização, promoveram harmonia entre as raças. Conforme a crítica de Gonzalez, o historiador e sociólogo Gilberto Freyre foi o principal articulador desse pensamento, sobretudo, a partir dos anos 1930, mas essa ideia ainda se apresenta na sociedade brasileira, e favorece a reprodução do racismo.

disseminou sua cultura e seus dialetos, mesmo que na condição de exploração.

Portanto, com base em Evaristo (2020b), cabe reforçar que a imagem fundante da *escrevivência* é aquela, ainda que borrada, onde a *mãe preta* vivia a sua condição de escravizada dentro da “casa grande”, silenciada na sua condição de humanidade. Não tinha o direito, inclusive, de cuidar dos seus próprios filhos, tendo que, contraditoriamente, dispensar uma afetividade às crianças da família escravocrata. Estava inserida no trabalho escravizado dentro de um processo que objetificava e violentava o seu corpo.

É por isso que a referida autora menciona a célebre frase: “[...] a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos [...]” (Evaristo, 2020b, p.30, grifo meu).

Escrevivência, por se conectar, especialmente, com as experiências de vida das mulheres negras, através de um processo de resistência e enfrentamento à permanente violência, não é qualquer tipo de escrita. Ela tem uma direção e um sentido, afinal: “[...] nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana [...]” (Evaristo, 2020b, p.30, grifo da autora), que permite conexão tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana, conforme Conceição Evaristo reforça.

Desse modo, Evaristo (2020b) assevera que o referido termo trata de um exercício que extrapola uma escrita de si ou narcisista, porque está inserido em um contexto de resistência histórica de um povo, como a própria contextualização de González (2020a) nos ajuda a compreender.

Tendo em vista essas considerações, cabe afirmar que pelo fato de a *escrevivência* se vincular à uma proposta de resistência que é coletiva, foi preciso recorrer a um aparato metodológico, para analisar o conteúdo sobre violência sofrida pelas mulheres negras no capitalismo, a partir deste registro. Afinal, não se trata de uma experiência meramente intimista.

Para tanto, nesta pesquisa, escolhi o livro *Raíces: resistência histórica*, composto por vinte escritoras negras, publicado em 2018, pela *Venas Abiertas*. Esta é uma editora popular, de caráter sociocultural, idealizada por uma mulher negra, a Karine Oliveira. Ela é professora, editora e produtora cultural, que também faz parte do referido livro, sendo, inclusive, a responsável pelo seu fomento.

A editora mencionada nasceu em Belo Horizonte-MG, em 2018, com o propósito de fomentar a literatura produzida por pessoas à margem do mercado

editorial, valorizando e disseminando a literatura de mulheres, pessoas negras, periféricas, e que fogem do padrão heteronormativo e cisgênero. Isso, conforme o que foi mostrado anteriormente, se aproxima da proposta de se contrapor ao ideal de *sujeito universal* – protótipo de humanidade do capitalismo.

De acordo com *Venas Abiertas* (2020), nos primeiros dois anos de atuação, a referida editora já tinha oportunizado mais de 150 pessoas a publicarem seus livros pela primeira vez, tanto de forma independente quanto colaborativa. Além disso, a *Venas Abiertas* aposta em atividades comunitárias, proporcionando a inserção de novos profissionais independentes e da periferia, no âmbito do mercado editorial, sendo pessoas: revisoras, ilustradoras, *designer* gráficas, comunicadoras etc.

O livro chegou até mim como uma possibilidade de análise documental, conforme será explicitado na parte acerca do memorial, que também compõe este capítulo da tese. Me chamou a atenção o fato de ser uma obra escrita por vinte mulheres negras, principalmente jovens, e já, em uma das suas apresentações, ter a menção de que se trata de uma produção *escreviente*, como podemos ver a seguir.

Somos mulheres negras e carregamos em nossa escrita a nossa história, a história das que vieram antes de nós e a história do nosso povo. Quando escrevemos, não somente nossas mãos que escrevem: é nossa alma, nossos corpos, ombros, olhos, ouvidos e pés. Somos nós, inteiras, por mais que o passado negue nossa existência e o presente tente arrancar ou anular parte de nós. *Quando escrevemos, são nossas dores que deixam de ser silenciadas, são nossas lutas que gritam e chacoalham o mundo. Quando escrevemos, afirmamos os sonhos e esperanças por tanto tempo negados* (CAROLINE ANICE, 2018, p.6, grifos meus)⁹.

Para isso, como aparato metodológico para a tese, optei pela pesquisa documental do livro “*Raízes*”, identificando e analisando quais são os conteúdos acerca da violência sofrida, em comum, por mulheres negras no capitalismo, que são denunciados por estas escritoras. Faço este caminho compreendendo que estão inseridas por esta marca periférica, conforme aponta o perfil da editora *Venas Abiertas*.

Cabe comentar, segundo Cellard (2008 apud Silva e *et al.* 2009), que o

⁹ Com o objetivo de tentar diferenciar as referências das autoras do livro “*Raízes*”, das demais referências usadas nesta tese, eu as cito pelo nome completo e sempre em maiúscula. Trata-se de uma forma de acentuar a autoria dessas escritoras, mostrando a quem me lê o momento em que estou mencionando-as ou analisando os seus escritos.

documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para as pesquisas nas ciências sociais, por ser capaz de reconstruir referências ao passado, representando a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas.

Outra vantagem para o uso deste recurso na pesquisa, conforme discutem os autores, é que a análise de documentos permite acrescentar a noção de tempo à compreensão da realidade. Ela possibilita verificar mudanças e permanências dos comportamentos, práticas, mentalidades etc.

O livro “*Raízes*”, por exemplo, foi publicado em 2018 por vinte mulheres negras, em sua maioria jovens. Disso decorre pensarmos, também, como estava o Brasil no referido ano.

A título de ilustração, tratou-se de um ano eleitoral marcado pela prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, em abril. Hoje, o atual presidente era na ocasião ex-presidente do Brasil, e a sua prisão envolveu um acordo jurídico e midiático. Esteve vinculada às consequências que resultaram no impedimento do exercício de Dilma Rousseff (sua sucessora e colega de partido) à presidência do país em 2016, por meio de um golpe fomentado, sobretudo, pelo então Congresso Nacional.

Em 2018, a conjuntura nacional apresentava um acirramento do que Mota e Rodrigues (2020) chamaram de conservadorismo reacionário¹⁰, ancorado no contexto que levou à eleição de Jair Messias Bolsonaro à presidência da república, calcado em uma perspectiva antipopular e autoritária.

Como contextualiza Santos (2019), além de outros fatores, a candidatura do referido presidenciável, em 2018, indicou a inviabilidade eleitoral de uma única candidatura das frações hegemônicas da elite brasileira. A autora mencionada explica que a vitória de Jair Bolsonaro, no referido ano, teve como característica o crescimento de uma candidatura que cresceu, de um lado, no vácuo aberto pela falta de uma alternativa burguesa eleitoralmente viável, e, de outro lado, pela difusão do antipetismo.

Tal situação teve como marcas centrais as causas e as consequências que

¹⁰ O pensamento conservador, entendido historicamente, associa-se a uma postura ética e política que surge no século XVIII, em contraposição às características alcançadas pela modernidade, mas que, posteriormente, também foi apropriado pela própria modernidade. É por isso que existem as distinções entre o *conservadorismo clássico* e o *conservadorismo moderno*. De todo modo, o conservadorismo reacionário explicitado pelas referidas autoras indica a defesa de uma perspectiva filo-fascista assentada, portanto, na contraposição de ideais modernos burgueses, como a própria democracia.

envolveram a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, em abril de 2018, e o impedimento do exercício de Dilma Rousseff, em 2016, enquanto presidenta do Brasil.

Por isso, Mota e Rodrigues (2020) afirmam que, neste contexto, a eclética aliança que se estabeleceu entre as diversas frações das classes dominantes para criminalizar o Partido dos Trabalhadores e a esquerda, bem como para realizar o *impeachment* de Dilma, não previam levar Bolsonaro ao poder. Assim, suas tensões com os diversos grupos que o apoiaram como os ultraliberais, militares, religiosos etc. foram visíveis em seu governo, que se findou em 2022.

Portanto em 2018, ano de lançamento do livro “*Raízes*”, foi um momento em que o Brasil vivenciou o escancaramento da dissolução dos pactos de conciliação fomentados pelos governos petistas de Dilma e Lula e, ao mesmo tempo, observou o fortalecimento do já referido conservadorismo reacionário.

Tendo em vista essas considerações, ainda cabe reforçar que em 2018 aconteceu o brutal assassinato de Marielle Franco, como comentado, e de seu motorista Anderson Gomes, em 14 de março.

Como explica Áurea Carolina (2018), Marielle, mulher, negra, bissexual e vinda da favela, uma grande figura que defendia os direitos humanos, enfrentou milicianos e a polícia corrupta. Confrontou o Estado penal, e ainda amparou famílias de policiais mortos. Em uma candidatura de esquerda, em tempos muito sombrios em nosso país, *ergueu a voz* contra a injustiça e a violência, mostrando ser possível fazer uma outra política, levantando-se pela juventude negra, pelas mulheres e contra a homofobia.

Apenas em março de 2024, seis anos após este crime, é que finalmente foi se chegando aos mandantes deste assassinato, com o julgamento dos assassinos se dando tão somente em outubro do mesmo ano. Esse tempo sem respostas de quem mandou tirar a vida de Marielle diz muito sobre a “justiça” brasileira, sobre a fragilidade das instâncias ditas democráticas e, segundo Franco (2022), sobre como a corrupção brasileira corroeu e dificultou, sobremaneira, o desfecho dessas investigações.

Ainda cabe comentar que tal fato se articula ao fortalecimento das milícias no município do Rio de Janeiro, onde a vereadora nasceu e atuava. As milícias se tornaram uma força politizadora em meio à despolitização estatal, com base na leitura de Menegat (2024). Composta por civis e militares, armados, podem apoiar e financiar campanhas de candidatos ao governo que se comprometam com elas, ao mesmo tempo em que ocupam um espaço cada vez maior dentro do próprio Estado.

Além disso, tal cenário se associa ao contexto de crise econômica global,

expressa no que Menegat (2024) traduziu como *economia política da barbárie*, que se vincula a um enlace entre guerra, economia e política. Isso pode ser exemplificado na expansão de grupos milicianos que se sustentam no processo de estilhaçamento do Estado, sendo gestores imediatos da barbárie em nível local, algo que se vincula diretamente ao assassinato de Marielle, por exemplo.

Isto posto, para continuar a apresentação desta tese, cabe endossar que o objetivo da pesquisa é analisar, a partir da *escrevivência*, o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras decorrente do capitalismo, e seu processo de exclusão racial, social e de gênero. Farei isso, partindo da já comentada hipótese de que *escrevivência* é uma forma de resistência às opressões vivenciadas, em comum, por mulheres negras neste sistema.

Portanto, cabe expor o problema central da tese: *o que a escrevivência ajuda a revelar sobre a violência sofrida por mulheres negras no capitalismo?* É esta a questão que me guia.

Dessa maneira, cabe reforçar que, por compreender a *escrevivência* como uma prática, o objetivo aqui é identificar e, com isso, analisar os conteúdos que esta prática expressa. Não há a pretensão de delimitá-la como um conceito ou como um método, embora isso seja possível. Afinal, com base no livro *Escrevivência: a escrita de nós* (2020), o termo é tratado de múltiplas formas, como já comentei.

Tal fato revela que *escrevivência* pode estar em disputa e até ser usada em perspectivas que se afastam da forma como a Conceição Evaristo pensou ao criá-la. Pode, até mesmo, ser usada em um sentido que se afasta da sua característica lexical, como explicou Duarte (2020). E até onde pude apreender, ao fazer esta pesquisa, isso não parece ser um incômodo para Conceição Evaristo.

Em entrevista ao Itaú Cultural, em 2020, a autora expressa que o sentido que defende acerca de *escrevivência*:

[...] não impede que outras pessoas também, de outras realidades; de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a *escrevivência*. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar dos da casa-grande (Evaristo, 2020a, p.2, grifo meu).

Isto posto, caminhando para finalizar esta introdução, ainda acerca da metodologia desta pesquisa, cabe ressaltar que embora o livro “*Raízes*” seja uma

produção de 2018, trago, na tese, a apresentação das escritoras no tempo verbal do presente do indicativo, uma vez que favorece a forma de exposição dos conteúdos *escrevientes*, dando maior vivacidade aos registros.

A fim de distinguir as referências das autoras do livro “*Raízes*”, das demais referências usadas nesta tese, eu as cito pelo primeiro e segundo nome, e sempre em maiúscula, fugindo das tradicionais regras de citação, e buscando estar mais próxima das suas *escrevivências*. Nas referências apresentadas ao final da tese também está assim.

Ainda considero explicitar que, como o livro “*Raízes*” compõe escritos em formatos diversos, que, inclusive, remetem a gêneros literários distintos que não compete a esta pesquisa estudar ou classificar, é pertinente afirmar que os trechos retirados dele aparecerão exatamente como lá se encontram. Isso se dá tanto em termos de formato de escrita, quanto em termos de gramática, uma vez que não respeitar isso é ferir a própria *escrevivência*¹¹. As demais normas de citações para trabalhos acadêmicos foram respeitadas no decorrer da tese, devido as exigências da pós-graduação.

Portanto, dialogando com a proposta de analisar os conteúdos *escrevientes* das escritoras do livro “*Raízes*”, cabe explicar que o poema *Vozes Mulheres* (Evaristo, 2019a) – epígrafe que compõe esta tese – reflete que hoje as nossas vozes de mulheres negras ecoam a possibilidade da liberdade, infere que essas vozes ecoam o grito que rompeu a *máscara* de *Anastácia*.

Ao pensar esta tese, reflito ainda que essas vozes ecoam a possibilidade de nos colocarmos como mulheres que pesquisam, e não mais como aquelas que, por serem desumanizadas, foram e ainda são tratados como “objetos” de pesquisa, segundo nos ajuda a compreender Nascimento (2021). É por isso que *escrevivência* é central nesta pesquisa.

Em entrevista à *Carta Capital* em 2017, ao citar a *máscara* de *Anastácia*, Conceição Evaristo afirma que as mulheres negras sabem “[...] falar pelos orifícios da *máscara* e às vezes a gente fala com tanta potência que a *máscara* é estilhaçada. E eu acho que o *estilhaçamento* é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a *máscara*

¹¹ Tal questão me faz lembrar o recorrente uso, inclusive em artigos da área do Serviço Social brasileiro, do título do penúltimo conto do livro “*Olhos d’água*” (2014) de Conceição Evaristo. A referida autora intitula o conto com a seguinte frase *A gente combinamos de não morrer*, e é comum ver as pessoas alterando a frase para a norma gramatical padrão, o que desrespeita o sentido colocado pela escritora e fere a *escrevivência*.

[...]” (Evaristo, 2017a, p.2, grifo meu).

Assim, considero que as escritoras do livro “*Raízes*” podem nos mostrar a possibilidade de estilhaçar essa *máscara*. E, a partir disso: o que seria essa nossa liberdade de estilhaçar as *máscaras* hoje, como Evaristo (2017a) nos propõe? Quais seriam os conteúdos que impulsionam o nosso *grito* para romper a *máscara* da violência e estilhaçá-la? Se nesta pesquisa parto do entendimento de que *escrevivência* é uma forma de resistência às opressões vivenciadas em comum por mulheres negras no capitalismo, quais são, especificamente, as violências que enfrentamos? E como expressamos essa resistência por meio da *escrevivência*?

Enfim, essas são questões que atravessam esta pesquisa, o que coloca a pertinência de pensar sobre alguns dados atuais acerca da violência contra as mulheres negras.

A quarta edição da pesquisa *Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil*, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto Data Folha, por meio de Bueno e *et al* (2023), trouxe informações sobre diferentes formas de violência física, sexual e psicológica sofridas por mulheres brasileiras com 16 anos ou mais, em 2022.

Nesta pesquisa, 33,4% das mulheres brasileiras, da referida faixa etária, experimentaram alguma forma de violência física e/ou sexual por parte de algum homem com quem se relacionava ou tinha se relacionado.

Dentre as mulheres que afirmaram sofrer violência, no referido ano, 65,6% eram negras, 29% brancas, 2,3% amarelas e 3% indígenas. A pesquisa ainda afirma que, em relação a prevalência, mulheres negras experimentaram níveis mais elevados de violência (29,9%) do que as mulheres brancas (26,3%). Isso é um dado que leva a pensar as formas de resistências das mulheres negras diante desse cenário.

Portanto, perante isso, é necessário trazer a afirmação de Kilomba (2019, p. 69), que assevera o seguinte: “[...] onde há opressão, há resistência. Em outras palavras, a opressão forma as condições de resistência”. Então, nós, mulheres negras, obtivemos e obtemos estratégias de subversão para nos mantermos nesse sistema, e o livro “*Raízes*” pode nos ajuda a pensar e enfrentar isso.

Assim, finalizo esta seção da introdução apresentando uma proposta de tese que marca o meu processo de desvelamento da compreensão da realidade, a partir de uma perspectiva mais ampla e crítica do que outrora, como mostrarei a seguir. Isto significou levar em consideração os fundamentos dos processos de colonização e

escravização europeia na América, que foram centrais para a gênese e o desenvolvimento do capitalismo, e que se encontram como “pano de fundo” da *escrevivência*, como nos leva a compreender o seu sentido gerador desenvolvido por Conceição Evaristo.

Desse modo, destaco que a presente pesquisa é composta por quatro capítulos que serão sintetizados a seguir.

Este capítulo introdutório objetiva apresentar as minhas motivações, pretensões, bem como aquilo que me conecta com as escritoras do livro “*Raízes*”, por meio de um memorial. Nele, há a exposição do caminho para se chegar a esta pesquisa, bem como a sua relevância, e o seu referencial teórico.

O capítulo dois trata do aprofundamento teórico acerca do contexto histórico que sustenta a violência sofrida por mulheres negras, e que se constitui como o “chão histórico” que fomenta o enfrentamento da *escrevivência* – uma forma de resistência a este processo.

Uma vez que a *escrevivência* é este enfrentamento, mencionado no capítulo anterior, no terceiro há a explanação da trajetória de Conceição Evaristo, como uma prova viva de resistência a esse “chão histórico”. Afinal, a escritora é, inclusive, um legado para a nossa geração, exemplificada no livro “*Raízes*”.

Ao trazer a trajetória da autora, priorizei a sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011)¹² que, como expressa Sobrinho (2023), é “[...] um dos mais relevantes trabalhos que busca representar essa outra longa história, parte do cotidiano de muitas mulheres, que é a lamentável realidade da violência física” (p. 240).

Após isso, entro na discussão do “*Raízes*”, destacando, fundamentalmente, o que a *escrevivência* ajuda a revelar, por meio do objetivo em analisar o conteúdo acerca da violência sofrida por mulheres negras, decorrente do capitalismo, e seu processo de exclusão racial, social e de gênero.

Tendo em vista esta estrutura de tese, entremos no memorial, que é central neste capítulo introdutório, por expressar as pretensões que guiaram a construção desta pesquisa.

1.1 CARTA ENSAIO 1

¹² Referenciada nesta tese por Evaristo (2020c).

Cara leitora, uma tensão ronda no ar.

Mas também tem uma vontade muito grande de trocar contigo e te contar como vim parar aqui. Tenho procurado fazer o exercício de comprometer a vida com a escrita, comprometendo-a com a própria vida, como provoca Evaristo (2007).

É assim que te convido a entrar em minha tese de doutorado. Aquele amontoado de páginas em que a academia exige ineditismo, originalidade e perspicácia. Páginas em que muitas e muitos concorrem a prêmios e atestados de meritocracia. Isso pode ter importância para algumas pessoas, mas este trabalho não foi construído com tal pretensão.

Desde já, te convido a conversar comigo usando o pronome feminino. Sim, leitora: “tamo junta”! Acredito que você, assim como eu, deve estar cansada desses séculos de violência que, nós, mulheres, sofremos. Afinal, a título de ilustração, em nosso país, no ano de 2022, 30 milhões de mulheres foram vítimas de algum tipo de assédio sexual, representando 46,7% do total da população feminina do país (Bueno e *et al*, 2023).

Além disso, o próprio surgimento do modo de produção capitalista é vinculado ao projeto colonizador da América, que se aproxima da concepção de um *sujeito universal* que também é masculino.

Pelo fato de termos sido acostumadas e acostumados a ler e nos referenciar em obras escritas por homens, torna-se estranho, para o sistema em que vivemos, endereçar as cartas que introduzem os capítulos desta tese, à uma mulher. Contudo, a possibilidade de subversão é inerente ao processo *escrevivente*, de acordo com o que veremos nesta pesquisa. E isso pode contribuir para a reflexão de uma outra forma de escrever na academia.

É neste amontoado de páginas que te convido a conhecer os capítulos desta tese e as cartas que os introduzem.

Para tanto, te segredo um “poema” meu:

A literatura como ponte

Aqui e acolá.

Duas fases que se cruzam e ao mesmo tempo se separam.

A literatura as une.

Ela retirou-me de um lugar e me levou a outro.

Ela reconecta o eu com a minha essência que se perdeu.

Ela revolucionou a minha vida, balançou estruturas e me refez *Eu*.

(Martins, 2021a, p.1)

Leitora, gostaria de compartilhar com você que este “poema” se configurou como o meu primeiro exercício de escrever uma “poesia”. Ainda não sei se de fato é. Mas, por ora, quero te dizer que é com a sensação presente neste escrito que inicio a minha tese de doutorado. É com esta mensagem, expressa em uma vontade de estar buscando sintetizar processos de ruptura, que aqui me encontro.

A seguir, vou te contar como a escrita entrou na minha vida, através das minhas motivações e pretensões para esta pesquisa. Depois, haverá um item onde demonstrarei o referencial teórico da tese e, outro, onde mostrarei a estrutura da pesquisa. Após, isso, rumaremos para os demais capítulos.

1.2 MEMORIAL: CONSTRUÇÕES E PROCESSOS

“[...] É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso?
Comprometer a escrita com a vida?” (Conceição Evaristo, 2007, p.2)

Como aprendi com Conceição Evaristo, a literatura marcada pela *escrevivência* pode confundir a identidade da personagem, com a identidade da autora. A referida escritora enfatiza que esta marca não a constrange, e compreendo que, pelo contrário, isso endossa o sentido de *escrever*, como a própria epígrafe desta seção nos sugere.

Dessa maneira, tendo em vista o presente capítulo ser introdutório, mostro agora uma proposta de memorial, em que eu me coloco, especificamente, envolvida com a proposta da *escrevivência*. Isso se dá uma vez que esta pesquisa se vincula ao meu reconhecimento e trajetória como mulher negra, e como alguém que vem experimentando escrever, não se limitando apenas às formas acadêmicas. Isto favoreceu para que a escrita deste trabalho estivesse, fundamentalmente, na primeira pessoa.

É difícil mencionar como me reconheci como negra, afinal, como critica González (1988), “[...] a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista” (p.2), uma vez que o racismo pode dificultar e camuflar a percepção de alguns processos.

Ser negra de pele clara traz muitos dilemas em termos do que chamamos de *reconhecimento*. De fato, os mitos vinculados à miscigenação atravessaram e atravessam a nossa história. E, por vezes, para nós, pardas/os, não será, por

exemplo, o “baculejo” da polícia que determinará a nossa identificação. Talvez, serão as práticas racistas advindas de piadas relacionadas aos nossos cabelos e demais traços, como tão marcante foi em minha trajetória escolar. Ou através da dificuldade de se candidatar em processos seletivos, por cotas, e passar pelo procedimento de heteroidentificação, ou, até mesmo, nas declarações exigidas pelo IBGE.

Certa vez, discutindo sobre cotas raciais em uma roda de amigas, uma delas afirmou o seguinte: “Thaís, por exemplo, se ‘retirar’ o cabelo não sobra nada de identificação como negra”. Isto me tocou de um jeito tão profundo e precioso. Por mais que eu saiba que o meu cabelo é o meu maior símbolo de negritude, e por mais que eu me entenda como uma mulher de pele clara, uma negra, de cor parda, esta frase me incomodou. Me fez ver que, se “retirar” o meu cabelo, como foi sugerido, sobra muito, muita coisa. E esta “sobra” não é apenas algo relacionado ao fenótipo, ainda que eu consiga me identificar com traços negroides, para além do meu cabelo. Esta “sobra”, na verdade, compõe tudo o que me possibilitou chegar até aqui.

É muito complexo o processo de identidade étnico-racial, em um país marcado pelo constante processo de negação deste reconhecimento, moldado pela ideologia do embranquecimento. Compreender o racismo, por exemplo, como fundamento do capitalismo, bem como experimentar e defender a *escrevivência* como uma forma de produção de conhecimento, conforme desenvolvo neste texto, são formas de ir além do mero identitarismo, mas considerar elementos que o rondam.

Por isso, gostaria de partilhar que sou grata a Ribeiro (2018), por ter me auxiliado a perceber o racismo na minha vida, através do ensaio autobiográfico expresso em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?* Assim, trago uma partilha.

Identifico que as minhas vivências escolares na infância atravessaram processos de segregação, advindos dos meus traços negros e de classe social. Não trataram de meras brincadeiras, ou *bullying*. E é incrível como que a instituição, fechada em seus moldes religiosos¹³, negligenciava esses processos. Hoje, percebo o quanto isso influenciou em meu bem estar e interferiu, até mesmo, nos meus rendimentos nas aulas de educação física, contribuindo para que o sedentarismo me acompanhasse durante grande parte da minha vida.

¹³ Trata-se do Colégio Nazareth, uma instituição, hoje, quase centenária, fundada e comanda por freiras franciscanas. Estudei nesta instituição durante todo o período da educação básica, dos 5 aos 17 anos.

Ainda, me lembro da angústia ao ser escalada para representar a personagem “tia Nastácia” do *Sítio do Pica Pau Amarelo*¹⁴ e ser obrigada a praticar *Blackface*¹⁵, aos oito anos de idade.

Apesar de ter tido a oportunidade de estudar em uma escola privada, dos cinco aos 17 anos, grande parte do tempo com bolsa de estudos, eu não tinha a mesma realidade dos/as colegas, no que tange às possibilidades de viagens, realizar cursos de idiomas, ir e voltar da escola sempre de carro, e demais atividades pagas fora daquele ambiente: dança, teatro, nataação etc. Ao mesmo tempo, eu compreendia que o que eu vivia, naquele espaço, era muito distante dos meus e das minhas, porque quem se reconhecia com a minha realidade não estava ali junto a mim.

Como os meus pais investiram significativamente para que os três filhos pudessem ter um ensino de “qualidade”, na minha percepção, naquele contexto, só importava a escola, em sua dimensão de ensino. E acredito que, também, o racismo vivenciado me levou a crer que eu precisava compensar o que eu não tinha com boas notas.

Sou muito grata pelo investimento dedicado a mim, e, com certeza, ele me auxiliou para que eu pudesse chegar aonde estou, mas considero que isso contribuiu para que eu considerasse, durante décadas da minha vida, que obter um nível de rendimento de excelência, na trajetória acadêmico-profissional, era “sagrado”, sem sequer questionar que tipo de ensino é este e toda a construção social que o envolve. Como isso é colonial!

Tais vivências favoreceram para que, com a entrada na graduação e no mestrado, eu não me questionasse o que realmente eu gostava de ler, escrever, produzir etc. A vida se desenrolou na busca da perfeição, na construção de uma

¹⁴ Obra de Monteiro Lobato. Me pergunto se a personagem *Tia Nastácia* não estaria simbolizando a imagem da escravizada *Anastácia*, exposta na introdução desta tese.

¹⁵ Quanto ao assunto, sugiro Ribeiro (2018). Neste livro, a autora remonta o contexto e a história do *blackface*. A prática começou quando os homens brancos se faziam de homens negros, escravos ou livres, durante a era dos shows dos menestréis (1830-90), o que contribuiu para a perpetuação do racismo através de estereótipos que promoviam a ridicularização das pessoas negras, utilizando nossos traços como adereços de fantasias. No mesmo livro, a referida autora traz a informação de que uma companhia teatral, em 2015, encenaria uma peça com esta proposta e a peça não foi ao ar, por conta da militância que denunciou o racismo explicitado.

Hoje, mais de 25 anos depois da encenação mencionada, consigo perceber a prática racista, na qual me envolvi, e na qual compunha o contexto da obra de Monteiro Lobato.

pesquisadora “caxias”, digamos, que não se perguntava se aquele caminho era realmente o seu.

Essa condição se torna um “prato cheio” para se moldar a partir de referenciais externos que, a meu ver, são típicos da estrutura acadêmica branca e eurocêntrica, que temos. Isso leva à necessidade de experimentar a *escrevivência*, e de entender que a universidade também é um espaço para vivenciá-la, ainda que seja bastante desafiador se implicar na pesquisa, falar de si e conectar isso com processos históricos¹⁶.

Portanto, por mais que seja difícil mencionar como me reconheci como negra, afirmo que isso veio se dando nas vivências que envolveram o doutorado, de acordo com o que será exposto neste memorial.

Diante disso, a fim de introduzir esta parte da tese, também é necessário considerar a condição profissional e acadêmica, na qual me encontro, que traz desafios para vivenciar a experiência da *escrevivência*, em um curso de doutorado. Digo isso, pois *escrever* é algo amplo, tem uma raiz ancestral e histórica, e permite conexão com várias áreas, especialmente, no âmbito literário.

Ainda cabe pontuar a minha recente aproximação com este tema e a área a qual me encontro, onde não houve fomento para discussões como essa. Apesar disso, considero que a *escrevivência* direciona a motivação em escrever esta tese. Me percebo como parte do enfrentamento histórico dos nossos corpos e, por conseguinte, de nossos saberes e vivências.

É inegável que a aproximação com *escrevivência*, e com a possibilidade de realizá-la, interferiu, também, no uso de cartas e na escolha em analisar uma obra – específica – do âmbito literário, como o livro “*Raízes*”.

Isto posto, vejamos inicialmente as minhas motivações e pretensões que compõem esta tese.

1.2.1 Motivações para *escrever*

O meu processo de envolvimento com a escrita começou nos “cadernos de redação” durante o período da infância. Especificamente, lembro de uma época, entre

¹⁶ Não existe fórmula exata para isso. É realmente um grande desafio. Por vezes, me considero piegas, ao desenvolver alguns raciocínios. E esses expostos aqui chegaram até a ser suprimidos da tese. Mas voltaram para ela, no processo de revisão final.

os anos de 1998 e 2001, em que eu e a minha irmã comemorávamos os aniversários das vivências advindas dos “cadernos de redação”.

Mas a formação escolar, acadêmica, e profissional foram moldando, assim como faz com todas as pessoas, uma forma de escrever, na qual eu sabia que tinha uma coisa estranha. Afinal, já vinha recebendo os fundamentos da ciência moderna que prevê, também, a não conexão das nossas trajetórias com as estruturas de conhecimento. Por isso, expresso que eu não via sentido em muito do que eu escrevia antes da entrada no doutorado. Lembro de no período do mestrado a minha escrita ter sido qualificada como um “disco arranhado”, e eu sentia que tinha alguma coisa estranha me rondando ao escrever, bem como ao ter a minha escrita avaliada.

Gostaria de partilhar que me graduei em Serviço Social, no ano de 2012, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Esta se constituiu por meio das propostas de interiorização da educação superior brasileira, que marcou os primeiros governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). Sou fruto do Jequitinhonha, mais precisamente da região média do Vale, no Nordeste mineiro, na cidade de Araçuaí, onde nasci, moro e onde escrevo esta tese de doutorado.

O vale do Jequitinhonha é banhado pelo rio que leva o mesmo nome, ocupando uma área de 50.137,63Km² com cinco microrregiões, cerca 55 municípios, sendo, inclusive, subdividido em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. Trata de uma região de muita cultura popular, marcada pela agricultura familiar, e com cerca de 950 mil habitantes.

Embora seja uma região – conhecida em alguns meios de comunicação – como de miséria, é marcada por muita luta e riqueza cultural, com cerca de 100 comunidades quilombolas certificadas, até o ano de 2024, conforme a *Fundação Cultural Palmares* (2024). De acordo com a mesma fonte, Minas Gerais é o terceiro estado brasileiro com maior população quilombola, sendo 406 comunidades certificadas. Deste total, um quarto se encontra no referido Vale.

Após a conclusão da graduação na UFVJM, em 2014 fui cursar o mestrado em Serviço Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na busca de uma formação identificada como de mais qualidade¹⁷. A minha experiência como estudante

¹⁷ Durante o meu processo de formação na graduação, as escolas de Serviço Social do Rio de Janeiro sempre foram vistas como padrão de excelência e fontes de inspiração. Na verdade, visto o pioneirismo na criação das escolas deste curso, o eixo “Rio-São Paulo” é

de um *campus* universitário que estava em plena construção e que, naquele momento, ainda não possuía pós-graduação, me fez desenvolver esta escolha.

Atuei como assistente social docente na UFVJM, entre os anos de 2017 e 2019, e, em 2020, entrei no doutorado em Serviço Social na UFJF. Minha trajetória curricular é atravessada por esta área de formação.

Nos meus processos de vivência até aqui, junto aos meus e às minhas do Vale do Jequitinhonha, onde vivo e onde escrevo esta tese, aprendi que quando uma pessoa negra avança nesta sociabilidade, cada um e cada uma de nós vai com ela. Nossas conquistas são sempre coletivas, como aprendi com o colega Jô Pinto, presidente da Comissão das Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha (COQUIVALE).

Desse modo, gostaria de explicitar que este trabalho é fruto de diversas vivências coletivas. Muitas delas são devido à entrada no doutorado, e sinalizam a realização de processos de ruptura, que terão centralidade nesta tese.

Já outras vivências estão relacionadas às experiências mais antigas. Por exemplo: à minha inserção na Pastoral da Juventude católica, durante os anos de 2004 e 2005, e no Projeto de Apoio a usuários/as da saúde mental, que desenvolvi como bolsista no ensino médio no ano de 2006.

A inserção no Movimento Estudantil durante a graduação, sobretudo durante os anos de 2010 a 2012, também merece destaque. Isto me proporcionou vivências junto ao Levante Popular da Juventude, junto ao Estágio Interdisciplinar de Vivência em áreas de Reforma Agrária e Atingidos por Barragens (EIV), e, também, junto ao Centro Acadêmico do curso de Serviço Social, e na construção do Coletivo feminista *Comadre Maria*.

É necessário destacar, também, a atuação na coordenação do Núcleo de Assistentes Sociais (NAS) em Teófilo Otoni-MG, no ano de 2018, bem como a composição da equipe que gerenciou o curso de capacitação para assistentes sociais no âmbito da política de assistencial social do referido município, também, no mesmo ano.

Cabe explicitar que todas essas vivências, anteriores à entrada no doutorado em 2020, me compuseram e me possibilitaram ser quem sou hoje. No entanto, observo que a partir da referida inserção venho sendo atravessada por processos de

comumente cultuado como um local favorável à realização da pós-graduação na referida área.

compreensão da realidade permeados por dimensões que não eram comuns outrora.

Isso se deve, fundamentalmente, às experiências que me possibilitaram me reconhecer como mulher negra e como alguém que vem experimentando escrever não se limitando aos formatos acadêmicos. É necessário destacar que estes dois reconhecimentos são elementos que fundamentaram a minha motivação para escrever esta pesquisa, e que marcaram a minha permanência no doutorado, estabelecendo uma grande renovação diante das minhas vivências coletivas anteriores.

Cabe destacar que o processo de ruptura mencionado acerca do que comumente eu vinha estudando e atuando encontra-se fundamentado, principalmente, na minha inserção no Projeto Nacional Leia Mulheres que me possibilitou, fundamentalmente, realizar estudos que se vinculavam às opressões de raça e gênero. Levou-me a aproximar do sentido de *escrevivência*, que se articula, sobretudo, às mulheres negras, o que favoreceu leituras e construções feministas que me ajudaram a me compreender como negra.

O referido Projeto surgiu em 2015, através de Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, na cidade de São Paulo, e está vinculado a uma iniciativa da escritora inglesa Joanna Walsh, simbolizada na *hashtag* *#readwomen2014* (*#leiamulheres2014*). A proposta objetiva a leitura de mais escritoras, tendo em vista o mercado editorial não possibilitar às mulheres o mesmo espaço dedicado aos homens, como consta no *site* do Projeto.

Diante disso, de acordo com Miranda (2021), cabe explicar que historicamente o estado da arte das letras brasileiras esteve constituído pelo privilégio reservado a algumas pessoas, as quais têm em comum as seguintes características: serem homens, brancos, heterossexuais, pertencentes à elite econômica, e, comumente, vinculados às territorialidades urbanas das capitais brasileiras. É o protótipo do *sujeito universal*, como comentado anteriormente.

Desse modo, é pertinente informar que SILVANA RODRIGUES (2018), no livro “*Raízes*”, baseando-se em uma pesquisa de Regina Dalcastagnè (2012), indica uma radiografia racial e de gênero do mercado editorial brasileiro. Por meio da análise de 258 romances publicados por três grandes editoras, dentre 1990 e 2004, revelou-se que 93,9% das pessoas que publicaram eram brancas, 72% do sexo masculino e 68% residiam em São Paulo ou Rio de Janeiro.

Diante dessa realidade, cabe a defesa de Silva (2020), ao alegar que a

escrevivência, tema que ronda o estudo da presente tese, é

[...] uma potente forma de criação que veio abalar o paradigma literário vigente nas letras brasileiras. Este, diga-se de passagem, nunca foi homogêneo, sempre foi constituído de estilos e estéticas diferentes e contrapostas, porém predominantemente excludente e elitista (p.123).

Tal cenário atesta a necessidade de um projeto como o Leia Mulheres. Também mostra a importância da valorização de novas editoras como a *Venas Abiertas*, bem como de escritoras negras que a fomentam, como as do livro “*Raízes*”.

De acordo com o *site* do Leia Mulheres (2024), esta proposta está presente em cerca de 100 cidades brasileiras, tendo, também, um clube em Portugal, Alemanha e Suíça. Atualmente, são mais de 400 mediadoras. A mediação é realizada por mulheres, mas os clubes são abertos para qualquer pessoa participar. São orientados pela coordenação nacional a se reunirem uma vez por mês para discutir – de forma descontraída e não necessariamente acadêmica – algum livro de autoria feminina que deve ser lido previamente. Em 2019, fui a idealizadora do projeto na cidade de Araçuaí e, desde então, estou como uma das coordenadoras do clube.

Esta iniciativa permitiu para que eu fizesse parte do Movimento de Poetas e Escritores/as do Vale do Jequitinhonha, e que percebesse a minha escrita não restrita à esfera acadêmica, como, por exemplo, através do exercício que fiz no Blog “Espaço-Livre/ Jô Pinto” – Coluna “*Escrevivendo*”¹⁸, no ano de 2021.

Além disso, a inserção no Leia Mulheres favoreceu para que eu produzisse textos e poesias publicadas em redes sociais, e em registros do *site* do referido Projeto, bem como do nosso clube que faz parte dele. Sobretudo, contribuiu para que, em julho de 2024, eu produzisse o meu livro que se encontra no prelo.¹⁹

Desde meados de 2020, devido à influência do Projeto Nacional Leia Mulheres, eu pensei em muitas propostas de estudo para a tese. Naquele momento, fazia mais de 10 anos desde a última vez em que eu havia lido algum livro que não fosse de exigências voltadas ao Serviço Social brasileiro, dada à minha experiência como estudante, pesquisadora e professora, exclusivamente, nesta área.

¹⁸ Nas referências desta tese, constam alguns textos que foram publicados nesta coluna.

¹⁹ Este livro conta a história de uma jovem estudante de Letras, que lida com um relacionamento abusivo. No processo de reconhecimento como negra, ela vai encontrando vários processos de libertação.

Ou seja, desde que entrei na graduação, em 2008, eu só fui me abrir para ler livros que não fossem de estudos e pesquisas do referido campo, em 2019, na eminência de tentar a seleção do doutorado, e por conta da influência do Leia Mulheres. E somente em 2020 foram lidos mais de vinte livros que não tratavam, necessariamente, da referida área, e que se conectavam com o âmbito literário – hábito que vem se expressando, até hoje, por sentir a literatura como uma dimensão indissociável da atividade de viver.

Somado a esse contexto, o clube “Leia Mulheres Araçuaí”, o qual coordeno, foi tomando uma proporção muito grande durante o período da pandemia de Covid-19, a partir de março de 2020 até meados de 2022. O clube começou a se colocar como um coletivo que não só lê, mas que também escreve, sendo puxado, especificamente, por mulheres negras que se reconhecem como escritoras.

Hoje, com cinco anos de história, podemos dizer que compomos a cena literária do Vale do Jequitinhonha. Estamos presentes junto ao Movimento de Poetas e Escritores/as desta nossa região, participando de eventos que dizem respeito à literatura de autoria feminina no referido Vale, e realizando projetos de divulgação e interlocução com as escritoras desta localidade.

Assim, a fim de continuar este memorial, cabe explicitar que ao entrar no doutorado em 2020, as propostas de estudo para a tese foram surgindo em um formato amplo, que me permitia olhar de forma diferente para a minha profissão, e para o processo de formação que eu havia tido até então.

É importante reforçar que isso se deu no período da pandemia de Covid-19, que trouxe e vem trazendo impactos muitos profundos em termos objetivos e subjetivos, em todo o mundo.

Correa e *et al* (2022), por exemplo, desenvolveram uma pesquisa para identificar as percepções de pós-graduandos/as brasileiros/as de todo o país, sobre os impactos da referida pandemia em suas trajetórias acadêmicas.

A pesquisa mencionada se deu através da ferramenta *google forms*, entre outubro e dezembro de 2020. Contaram com a participação de 5.985 estudantes. Deste total, 81,95% sentiram-se desmotivados. É importante destacar que 78,65% tiveram dificuldade de concentração; 61,77% tiveram crises de ansiedade e 61,59% tiveram dificuldade para dormir. 33,35% precisaram procurar atendimento psicológico; e 16,91% necessitaram de medicação para ansiedade e antidepressivos.

Cabe destacar que os percentuais citados acima ultrapassaram 100%, sendo

que um mesmo respondente relatou uma ou mais condições estressantes citadas acima.

Tais dados relevam que não dá para produzirmos pesquisa, desconsiderando um cenário como este, ou simplesmente tratando-o como algo moralizante. E penso que propostas de estudo, marcadas por *escrevivência*, contribuem para o enfrentamento dessa realidade, porque nos permitem pensar, também, as nossas pesquisas envolvidas com as nossas trajetórias. No meu caso, esta reflexão contribuiu para que, no doutorado, surgisse um tema de estudo bem diferente da trajetória que eu vinha desenvolvendo desde a entrada na graduação.

Isso me levou realizar a Atividade Programada “Estudos Individuais”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Regional do Cariri, e a “Disciplina Optativa Estudos da Cultura: discutir pesquisa, divulgar pesquisa, com abordagens decoloniais”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nesse período, também, comecei a desenvolver estudos direcionados aos fundamentos do patriarcado²⁰, e busquei realizar levantamentos das obras das escritoras do Vale do Jequitinhonha, que se aproximavam do clube “Leia Mulheres Araçuaí”. Na busca de conseguir fechar um objeto de estudo, me aproximei do movimento poético de *Slam*²¹, até chegar ao livro “*Raízes*”, produzido por vinte escritoras negras, que também traz poesia *Slam*, e é marcado por uma editora que incentiva e potencializa saraus e eventos artísticos, a *Venas Abiertas*, a qual já foi mencionada.

Isto posto, nesse contexto, fui assumindo o compromisso de lidar com o doutorado de uma forma leve e poética, uma vez que não diferente de grande parte

²⁰ Acerca do estudo deste termo, me referencio em Scholz (1996), Scheilla Gonçalves (2018) e Federici (2017). Tais autoras me auxiliaram a compreender a particularidade da dominação de homens sobre mulheres, a partir da esfera da produção de *valor* imanente ao sistema capitalista, sendo a mulher inserida, comumente, no âmbito desvalorizado da reprodução da força de trabalho.

Patriarcado é um termo que não é consensual na literatura feminista. O entendo como um fundamento – assim como o racismo – que legitima e reproduz o capitalismo. Por isso, quanto ao célebre debate da articulação “gênero, raça e classe”, de forma geral, me posiciono como uma pesquisadora que estuda o capitalismo. Destaco que compreendo que existam os termos *interseccionalidade* e *consustancialidade*, muito usados nas ciências humanas e sociais aplicadas, no que tanger as discussões sobre “gênero, raça e classe”.

²¹ O *Poetry Slam* (Batalha de poesia) ou movimento poético de *Slam* diz respeito a uma performance poética. Se dá por meio de um tipo de poesia falada que ganhou popularidade nas últimas décadas, em eventos como saraus e demais apresentações (Ferrara, 2020).

dos/as pós graduandos/as brasileiros/as, eu já tinha identificado o quanto que a academia, moldadas em seus padrões brancos e eurocêtricos, como contextualiza Kilomba (2019), vinha nos adoecendo. Afinal, no período do mestrado, eu havia tido muitas crises relacionadas com a forma de avaliação da minha escrita.

Ao realizar os créditos curriculares na área da Letras, tive acesso ao estudo do termo *escrevivência*. Tais créditos foram fundamentais para o amadurecimento da minha escrita, e para o desenvolvimento das motivações da proposta de estudo que ora apresento. Na avaliação final das disciplinas, o professor e a professora orientaram a realização de um ensaio e não de um trabalho monográfico, em formato de *papper*, como tradicionalmente é exigido na pós-graduação.

Ao fazer os ensaios, como foi proposto nas referidas disciplinas, pude ressignificar a minha forma de compreender e escrever sobre a realidade social. Isso interferiu no próprio formato metodológico que eu vinha dando para os meus estudos, e fez com que a minha tese fosse sendo construída também de maneira ensaística.

Além do mais, tratou de um exercício que refletiu o afastamento de uma perspectiva que me “moldou” durante anos. Inclusive, tal fato favoreceu para que eu citasse, anteriormente, um “poema” que fiz, já deixando explícita a importância do âmbito literário neste estudo.

Sinto que estou sendo “desbravadora”, dentro de um processo que me refaz constantemente, como pesquisadora, e, também, como mulher negra. Afirmo isso pensando as diversas potencialidades que isso possa vir a expressar, tendo em vista a minha recente aproximação ao debate e à vivência que ora proponho.

Isso exige que, para que eu possa dar prosseguimento a este memorial que também apresenta a tese, eu explique o referencial teórico que me orienta hoje. Tal caminho leva a um tema de estudo bem diferente do que vinha escrevendo antes de entrar no doutorado. Vejamos.

1.2.2 Abordagem sobre o referencial teórico da pesquisa: projetando um caminho

Para compreensão da direção do referencial teórico dado para esta pesquisa, cabe destacar que, antes da entrada no doutorado, os meus estudos, tanto como pós-graduanda como docente, foram centrados nos fundamentos profissionais e na ética profissional do Serviço Social brasileiro, a partir do referencial teórico *marxista*.

Tendo em vista a minha trajetória até aqui, cabe explicar que o marxismo apresenta inúmeras tendências, correntes e abordagens, que são frutos dos próprios embates inerentes às lutas sociais. Tais manifestações estiveram e estão não apenas no universo acadêmico, mas em diversos âmbitos da vida social: como nos sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais etc.

De forma geral, o marxismo ganhou aprofundamento no Serviço Social brasileiro, devido aos frutos das articulações mais críticas advindas do Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina. Este se inicia em meados dos anos 1960 e tem sua curva ascendente por quase uma década, nos termos de Netto (2008).

Como parte do meu processo de formação acadêmico-profissional, até o doutorado, considero necessário destacar que o Serviço Social brasileiro vem defendendo nas últimas décadas, com uma hegemonia considerável, sobretudo em suas entidades representativas²², o denominado *projeto ético-político profissional*.

Esse se articula a princípios considerados democráticos e progressistas, para a profissão: como a liberdade, os direitos humanos, a cidadania, a democracia, a justiça social, o respeito à diversidade etc., conforme consta nos princípios do Código de Ética profissional do/a assistente social (Cfess, 1993), um dos documentos que presta referência ao Projeto mencionado. Tal Projeto tem sua gênese associada ao já referido Movimento de Reconceituação, que favoreceu o aprofundamento da influência do marxismo no Serviço Social brasileiro.

Em linhas gerais, o denominado *projeto ético-político profissional* vislumbra a construção de uma nova sociabilidade, sem exploração e opressão social. Vislumbra, portanto, o fim da sociedade capitalista.

Atualmente, é necessário fazer uma crítica ao meu processo de formação acadêmico-profissional, calcado nesta direção, uma vez que no doutorado assumi a compreensão dos fundamentos do capitalismo, a partir de uma perspectiva mais ampla e crítica do que outrora. Isso levou à consideração dos processos de colonização e escravização europeia na América, que foram centrais para a gênese e o desenvolvimento do referido sistema, e que se encontram como “pano de fundo” da *escrevivência*, como nos leva a compreender o seu sentido gerador desenvolvido por

²² São elas ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Serviço Social), o CFESS (Conselho Federal de Serviço Social) e a ENESSO (Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social).

Conceição Evaristo.

Em que pese as conquistas que o Serviço Social brasileiro já obteve, no sentido de avançar na ruptura com as abstrações que envolvem o referido *projeto ético-político profissional*, em minha formação acadêmico-profissional, no final dos anos 2000 e nos anos da década de 2010 – período em que abarcou o momento da graduação, do mestrado e da docência – de forma geral, percebi o direcionamento em compreender de que cabia ao Serviço Social contribuir para a superação do capitalismo. Tal direção foi advinda das entidades representativas da profissão, e das escolhas realizadas pelos/as profissionais que construíram as propostas pedagógicas das instituições que atravessaram esta formação, nos quais me incluo. Afirmo isso em razão do meu exercício de docência em Serviço Social, dentre os anos de 2017 e 2019 na UFVJM, como foi informado no item anterior deste capítulo.

A compreensão de que cabia ao Serviço Social contribuir para a superação do capitalismo está vinculada ao entendimento de que a transformação desse sistema se dá a partir de processos reflexivos e combativos advindos da *classe trabalhadora*, uma categoria advinda da tradição marxiana. Com base em tal direcionamento, o capitalismo é um sistema de classes baseado na exploração da força de trabalho, responsável pela criação da riqueza social. A superação de tal condição estaria na suposta tomada de consciência da classe que é explorada.

Logo no início dos processos de orientação no doutorado, em meados de 2020, observei que essa marca da profissão é atravessada por uma categoria chamada “marxismo tradicional”, nos termos de Postone (2014). Segundo o referido autor, esta categoria vincula-se a abordagens teóricas que analisam o capitalismo do ponto de vista do trabalho - e não o trabalho do ponto de vista do capitalismo, que é como o autor defende.²³

Nesse sentido, o “marxismo tradicional” tende a centralizar a crítica na distribuição da riqueza socialmente produzida sob o capitalismo, sem problematizar o trabalho como forma social constitutiva da criação de *valor* e, por isso, imanente a este sistema de produção de mercadorias. Assim, esta vertente do marxismo tende a considerar o fim da dominação e da exploração de classe exclusivamente a partir

²³ Afinal, Moishe Postone faz parte de uma vertente de crítica radical a tais abordagens, compreendendo, ainda, que o trabalho não é ontológico aos indivíduos sociais. Trata o trabalho como produto do capitalismo, e não como algo inerente a qualquer modo de produção da vida social, como o “marxismo tradicional” compreende, e como foi explicado no meu processo de formação no Serviço Social.

da distribuição mais equitativa da riqueza produzida pelo trabalho, mantendo-se a forma de produção de *valor*. Além disso, relega as discussões acerca de gênero e raça, que estão também como fundamentos do modo de produção capitalista e compõem os debates que faço nesta pesquisa.

A partir desta interpretação de Postone (2014), no “marxismo tradicional” há uma compreensão de hierarquização das opressões sociais, na qual dominação e exploração de classe são mais importantes para o entendimento e enfrentamento às desigualdades sociais inerentes ao capitalismo²⁴.

Dessa maneira, atualmente, observo que vim de uma tradição de estudos que contribuiu para tratar as discussões relativas à raça e gênero como secundárias, diante dos debates que fundamentam o próprio modo de produção da nossa sociabilidade²⁵.

Portanto, a escolha do referencial teórico presente nesta tese me possibilitou compreender as origens do capitalismo, a partir de uma perspectiva mais ampla e crítica do que outrora.

Vejo que para a construção desta pesquisa, foi necessário a leitura de intelectuais que ajudassem a entender os fundamentos do modo de produção capitalista, levando em consideração o processo de colonização e escravização europeia na América (XV- XIX), que foi central para gênese e desenvolvimento deste

²⁴ Para complementar o debate, cabe explicitar que Quijano (2009) argumenta que o próprio Marx referiu explicitamente que não era o descobridor das classes sociais, nem das suas lutas, uma vez que historiadores e economistas burgueses já tinham desenvolvido sobre isso. Tal questão leva à necessidade de compreender que o “marxismo tradicional” não encerra o marxismo, muito menos a teoria social de Marx.

²⁵ No Serviço Social brasileiro, Gonçalves (2021) chama a atenção de que desde os anos 1980, a discussão acerca das relações étnico-raciais vem ganhando corpo. Moreira, Gonçalves e Favaro (2023) ainda contextualizam o marco emblemático do VI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) em 1989, no qual assistentes sociais negras se organizaram para apresentar teses sobre esta temática, no maior evento da categoria profissional. Além de destacar o papel delas na história pregressa de enfrentamento ao racismo.

Mais recentemente, ainda tivemos a Campanha do Conselho Federal de Serviço Social, (gestão 2017-2020) intitulada: “Assistentes Sociais no combate ao racismo”, o lançamento dos “Subsídios para o debate étnico-racial na formação em Serviço Social (2018), da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, a Frente Nacional de Assistentes Sociais no Combate ao Racismo (2020), entre outras iniciativas.

Contudo, ainda é possível observar, como nos lembra Gonçalves (2021), “[...] um fosso quando o assunto é o conhecimento da produção teórico-política de importantes intelectuais negras/os sobre o impacto do racismo em diferentes aspectos da formação social brasileira” (Gonçalves, 2021, p.75). E isso, consequentemente, atravessou o meu processo de formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro, no final dos anos 2000 e nos anos da década de 2010.

sistema. Afinal, esse processo foi constituído, também, por meio da hierarquização pela raça, como expressa, por exemplo, as leituras de Quijano (2005), Kilomba (2019), Dussel (1993), Mignolo (2017) etc.

Tais intelectuais nos ajudam a entender, também, o sentido de *colonialidade*, que é a manifestação atual e permanente da esfera colonial na nossa sociabilidade. Se refere a um padrão de dominação que não se limita às relações formais colonialistas que em tese já se findaram, como, por exemplo, por meio da independência das colônias americanas no século XIX, das quais a nossa formação brasileira foi constituída²⁶.

Desse modo, *colonialidade* se articula a um processo amplo, global, que envolve o período colonial e ainda os seus frutos. É um projeto inacabado, segundo Maldonado-Torres (2018).

Portanto, para contribuir com essas discussões, conto com as contribuições de três grandes expoentes do engajamento anticolonial, tanto em termos teórico-crítico quanto militante – pessoas múltiplas que não reduziram a sua trajetória à academia, como muito daqueles e daquelas que contribuem para pensar o “manancial” da *escrevivência*²⁷. Aqui, me refiro, especificamente, ao poeta, professor e político Aimé Césaire (1913-2008); ao também poeta, intelectual revolucionário, e médico psiquiatra Frantz Fanon (1925-1961); e à artista interdisciplinar e escritora Grada Kilomba.

Ao aproximar destes autores e autora, bem como de intelectuais decoloniais²⁸,

²⁶ A fim de entender melhor o que significa colonialidade, cabe a argumentação de Maldonado-Torres: “[...] colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. A “descoberta” do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da colonialidade. Outra maneira de se referir à colonialidade é pelo uso dos termos modernidade/colonialidade, uma forma mais completa de se dirigir também à modernidade ocidental”. (2018, p.41).

²⁷ O termo “manancial” foi usado pelo professor Thiago Florêncio, ao se referir ao potencial da *escrevivência*, durante a banca de qualificação desta tese, em janeiro de 2023. Um professor muito querido que também compôs a banca de defesa. Em 2021, foi o meu orientador no crédito curricular “Estudos Individuais”, além de ter sido fonte de apoio e trocas durante a construção deste trabalho.

²⁸ Com base em Hollanda (2020), é possível considerar que, aproximadamente, no final dos anos 1990, surgiu a noção de “giro decolonial”, por meio do intelectual Nelson Maldonado-Torres. Tratou-se de um movimento de resistência coletiva, política e epistemológica à lógica da modernidade e da colonialidade, tradicionalmente, vinculadas à perspectiva ocidental, isto é, da Europa, visto os inúmeros processos de colonização e escravização promovidos por este continente.

Ballestrini (2013) explica a constituição e a trajetória de um grupo de intelectuais chamado Modernidade/Colonialidade (M/C), que se formou no final da década de 1990 por intelectuais latino-americanos, embora a maioria deles, no momento em que Ballestrin escrevia, estivesse

tenho observado o entendimento do capitalismo articulado à modernidade, o que fundamenta a colonização como elemento constitutivo do capitalismo, e a criação do *sujeito universal* articulado ao homem europeu.

É por isso que também me referenciei em Robert Kurz (1943-2012) e à sua análise sobre os efeitos destrutivos da modernidade, para a compreensão do referido sentido de humanidade no capitalismo, calcado nesse *homem universal*. Por meio da compreensão de que a modernidade construiu uma “razão sangrenta” (Kurz, 2010), o autor desconstruiu a ideia de que os valores iluministas foram emancipatórios.

Ao continuar a comentar sobre o caminho teórico desta tese, cabe destacar o diálogo com autoras do feminismo negro, o que é explicitamente necessário, uma vez que o objetivo se centra na produção de escritoras negras. Tendo isso em vista, me aproximei da historiadora e filósofa Lélia González (1935-1994), para compreender elementos da formação social brasileira, por meio da sua produção que advém sobremaneira da sua militância política.

Também cabe destaque que, para a discussão acerca do silenciamento de mulheres negras e da sua relação com o enfrentamento *escreviente*, me referencio na estudiosa da teoria cultural chicana, Gloria Anzaldúa (1942-2004), e na teórica feminista bell hooks (1952-2021). Faço isso, por meio, respectivamente, do artigo *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (2000) e da obra *Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), nas quais os próprios títulos já refletem o enfrentamento por meio da escrita e da fala de mulheres historicamente silenciadas. Esta última, em específico, foi um livro que influenciou para a escolha do título da presente tese.

Ainda cabe explicitar acerca do panorama geral do referencial teórico da pesquisa que, para a discussão sobre o capitalismo e os seus fundamentos, me referencio na obra *Calibã e a Bruxa* (2017), da filósofa Silvia Federici. Como a referida autora é da tradição marxista, e tendo em vista a minha formação acadêmico-profissional na referida área, conforme já foi explicitado, busco articulação junto a

lecionando em universidades do norte global. Ao fazer isso, a referida autora denota que o coletivo mencionado realizou um movimento epistemológico de renovação das ciências sociais na América Latina no século XXI, o que nos leva a compreender que o termo *decolonialidade*, que tem sido muito usado atualmente nos meios acadêmicos e nas mídias sociais, advém desse processo. Contudo, não deixa de ser um projeto de enfrentamento às marcas coloniais. Logo, quando se fala de *decolonial* não se deve pensar apenas um projeto acadêmico, mas, também, estratégias históricas afrodiaspóricas, como a própria *escrevivência*.

discussão da “acumulação primitiva”, de capital, que se forja por meio da violência colonial, e que serve de panorama para a discussão de Federici (2017).

No intuito de subsidiar tal debate, também me ancoro na tese de doutorado de Scheilla Gonçalves (2018), que desenvolveu uma crítica acerca da conexão entre o aumento atual da violência sexista e os fundamentos do patriarcado capitalista, nos termos da autora²⁹. A reflexão dela argumenta que as mulheres negras no capitalismo contemporâneo estão submetidas a *escombros*. Isso nos ajuda a refletir sobre as condições das escritoras do livro “*Raízes*”.

Para continuar a exposição de autoras e autores que cabem destaque nesta explicação do referencial teórico, demarco a nítida aproximação das minhas referências com o campo literário, por conta da influência da escritora Conceição Evaristo, que criou o termo *escrevivência*.

Constituem-se como inspiração para esta tese, o texto *Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2007), onde ela explicita o processo criativo de nascimento da *escrevivência*. Também cabe destaque o texto *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009), que expressa a discussão realizada em sua dissertação de mestrado, em 1994, quando Conceição começou a trabalhar o termo. Além disso, há também o diálogo com o texto *Escrevivência e seus subtextos* (2020b), que compõe a já comentada coletânea *Escrevivência: a escrita de nós*, bem como entrevistas e obras literárias da autora, especialmente, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020c), onde há uma profunda exposição acerca da violência física sofrida por mulheres.

Portanto, a tese é construída a partir do sentido da *escrevivência*. Não há a pretensão de me referenciar em intelectuais de apenas uma perspectiva teórica, ou de me intitular como uma pesquisadora de determinada escola de pensamento. Em minha percepção, fazer tal movimento é encaixar o estudo da *escrevivência* em uma escola ou campo do saber, e aqui há o objetivo de defendê-la como uma experiência, segundo Conceição Evaristo.

Dessa maneira, este termo em si já expressa um saber, inclusive, ancestral, visto o significado da *mãe preta*, dito anteriormente, aquela que tinha que contar histórias para os filhos da família escravocrata. Hoje, a referida autora nos mostra que

²⁹ Ela desenvolve tal reflexão com base na pensadora marxista Roswhita Scholz, que defende a argumentação de que o *valor* produzido pela sociedade capitalista é assumido como princípio masculino.

estamos a contar as nossas próprias histórias, por meio das nossas *escrevivências*.

E é justamente por considerar o sentido de *escrevivência* articulado à resistência de mulheres negras, e por fazer uma crítica à minha formação acadêmico-profissional, calcada no “marxismo tradicional” – como comentei anteriormente –, é que aproveito este espaço para avançar acerca do referencial teórico da pesquisa, considerando a necessidade de compreensão de discussões acerca de raça e gênero, que tanto fizeram falta em meu processo de formação acadêmico-profissional, anterior ao doutorado.

Considerando primeiramente a palavra raça, cabe considerar que, etimologicamente, Munanga (2004) explica que vem de *razza*, no italiano, que advém do latim *ratio*, que significa categoria e espécie. É interessante quando o autor nos provoca afirmando que “classificação” é algo comum do nosso cotidiano, que todos nós já classificamos objetos e livros, por exemplo, a partir de semelhanças e diferenças³⁰.

Ao asseverar que raça não é um termo estático, Almeida (2020) chama a atenção para a necessidade de compreender que por detrás de raça sempre há um conflito, uma relação de poder e dominação. Por isso, é importante destacar que os campos semânticos devem ser sempre associados ao tempo histórico.

Especificamente, pensando o continente americano, Quijano (2005) argumenta que *raça* e *identidade racial* foram estabelecidas como instrumentos de classificação social, indissociáveis do processo de colonização da América, que se deu a partir do final do século XV, processo que funda a modernidade e o próprio capitalismo.

O autor destaca que a “invenção” de raça, pela era moderna, tem tudo a ver com a história das relações de poder colonial europeu sobre a América. Ainda explica que a construção da modernidade favoreceu o profundo entendimento de que raça se vinculava a um fenômeno da biologia humana (Quijano, 1999), para camuflar o real interesse do projeto colonial europeu em hierarquizar as raças e, com isso, explorar e exterminar as tidas como inferiores.

Neste processo, a ideia de raça produziu novas identidades históricas, e se configurou como um elemento constitutivo do capitalismo. Afinal, conforme o referido

³⁰ Munanga (2004) nos possibilita compreender *raça* associada à *etnia*, sendo *raça* um conjunto de várias *etnias*, considerando-as de forma geral. Mas tendo em vista os limites deste estudo, e a minha recente aproximação ao debate, focarei no termo *raça*, embora entenda a articulação e a necessidade de compreensão de ambas, para o enfrentamento ao racismo.

autor, “a ideia de *raça*, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América [...]” (Quijano, 2005, p.2, grifo meu).

Portanto, o capitalismo, como modo de produção, hoje, global, se manteve fundamentando, também, no projeto de colonização da América, a partir de finais do século XV. Este sistema escravizou e dizimou, por meio da hierarquização racial, criando, por exemplo, o *negro* e o *índio*, como já foi comentado (Quijano, 2005).

Dessa maneira, as discussões acerca de *raça* são fundamentais para a compreensão da nossa sociabilidade. Logo, como explica Almeida (2020): “[...] o racismo não deve ser tratado como uma questão lateral, que pode ser dissolvida na concepção de classes [...]” (p.185), que foi o que aprendi no meu processo de formação acadêmico-profissional e que, hoje, aproveito para fazer uma crítica.

Williams (2012), por exemplo, assevera que a escravização negra na América foi um fenômeno eminentemente econômico, e que, portanto, o racismo é decorrente de relações de classificação social, o que indica que não faz sentido estudar as opressões separadamente, muito menos relegar este debate. Afinal, a ausência das discussões relativas à *raça* na esfera formativa favorece a reprodução das desigualdades junto a nós, e à população usuária dos serviços nos quais nos vinculamos como assistentes sociais.

O mesmo podemos afirmar em relação à categoria gênero, ainda mais quando visualizamos que o Serviço Social é uma profissão eminentemente feminina.

Assim como *raça*, gênero é uma categoria que esteve atrelada às origens do capitalismo, o que favorece para que seja uma discussão que expresse, também, os fundamentos do referido sistema. Além disso, com base em Federici (2017), nas origens do capitalismo, não encontramos apenas a sua intrínseca relação com a escravização racial, mas também, e junto dela, a exploração de mulheres, o que favoreceu o famoso processo denominado de “caça às bruxas”. Este fenômeno é fundamento para o desenvolvimento do sistema capitalista, sobretudo entre os séculos XVI e XVII, ocorrendo não apenas na Europa, mas na América, também.

Tratou-se de um movimento que simbolizou uma guerra contra as mulheres, no intuito de destruir o poder social que conquistavam, demonizando-as e forçando a construção de um ideal de feminilidade que fosse compatível com a construção da ordem burguesa. Logo, podemos constatar que não é de hoje que nos matam por sermos mulheres, como expressa a lei brasileira nº 13.104, de 2015. Esta tipificou o feminicídio – um crime de ódio cometido contra a mulher, em função do seu gênero,

ou seja, por ser mulher.

Tais considerações ampliam a análise acerca da gênese e do desenvolvimento do sistema capitalista, e disso decorre, inclusive, a necessidade de compreender de que quando se fala de *identidade*, não se está falando, necessariamente, de *identitarismo*. Almeida (2019), por exemplo, nos alerta de que a *identidade* se torna uma armadilha quando se converte em *identitarismo*.

Segundo o referido autor, *identidade* é algo objetivo, vinculado à materialidade do mundo. Ela não é exterior às determinações da vida social. O perigo está em querer analisa-la descolada desse processo, e aí convertê-la como algo em si mesmo, o *identitarismo*.

Por isso, discutir raça e gênero, por exemplo, é também compreender a importância das identidades oprimidas dentro da sociabilidade capitalista.

É compreender que

[...] as identidades de mulheres negras como Carolina [de Jesus], Conceição [Evaristo] e tantas outras se dão, também, no contato constante com a violência, justamente pela questão da tripla inferiorização que sofrem as mulheres negras – gênero, raça e classe. Pensar nisso, faz-nos refletir sobre o percurso histórico realizado por essas mulheres, no Brasil e na América Latina. Percurso esse que remonta ao caminho diaspórico entre África e América, o qual resultou em diversos tipos de violência e exploração. [...] (Almeida e Andreatti, 2023, p.236).

Portanto, muito já escutei que tratar de *identidade* divide a *classe trabalhadora*. Ora, como nos lembra Almeida (2019): “[...] uma classe trabalhadora coesa, indivisa e sem contradições só existe em abstrações mentais originadas de leituras quase evangélicas dos textos de Marx e Engels [...]” (p.15).

Tal pensamento de que *identidade* divide a *classe trabalhadora* favorece para a invisibilidade de intelectuais negras, cujas muitas contribuições ainda ficam ausentes, considerando tanto período colonial quanto os dias de hoje.

Assim: quais são as identidades que atravessam o livro “*Raízes*”? Quais são as marcas da violência presentes nas pessoas que se identificam ali como mulheres negras?

Esta pesquisa poderá nos ajudar a pensar sobre isso, ao analisar o conteúdo das *escrevivências* de escritoras negras.

Isto posto, uma vez que a tese objetiva analisar o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras no capitalismo, a partir da *escrevivência*, partindo da

hipótese de que esta é uma forma de resistência às opressões vivenciadas, em comum, por mulheres negras neste sistema, cabe agora pensar a estrutura da presente pesquisa, uma vez que já foram explicitados esses elementos básicos, bem como o problema, as motivações e o referencial teórico.

1.2.3 Reflexões sobre a estrutura da pesquisa: *por onde partir?*

O presente item propõe delimitar a proposta de pesquisa, expondo, fundamentalmente, as suas justificativa e metodologia. Esta entendida aqui como, também, o caminho realizado para se chegar em um objeto de pesquisa.

Para tanto, cabe apontar algumas considerações que fundamentam a necessidade do estudo da *escrevivência*, bem como a sua relação com o tema violência. Além disso, é pertinente contextualizar como me aproximei do livro “*Raízes*”, que é central neste trabalho, por fundamentar o caminho para a construção do que a pesquisa pretende.

Chegou a fase do memorial em que mostrarei a estrutura desta pesquisa. Destacarei qual a relevância em analisar o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras no capitalismo, a partir da *escrevivência*, objetivo deste trabalho, e qual o procedimento metodológico que auxiliará para tal.

Oliveira e Sampaio (2022) consideram que, embora *escrevivência* tenha surgido por meio da escritora Conceição Evaristo, nos anos 1990, o termo se expandiu gradativamente após a sua midiaticização. Nos estudos contemporâneos, tem se alargado de maneira abrangente, sobretudo, no campo das ciências humanas e sociais, que o vê como espaço promotor de debates políticos, étnicos e de gênero.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, os referidos pesquisadores analisaram 8 trabalhos publicados nas áreas citadas, durante os anos 2002 a 2019. Em suas análises, foi possível observar o tratamento da *escrevivência* como método, narrativa, memória, relato, metodologia, autoficção e autobiografia.

Pinto (2025) aponta que o termo *escrevivência* ganhou projeção nacional a partir de maio de 2017, quando a ocupação *Itaú Cultural* celebrou a escritora Conceição Evaristo. Endossa que embora o termo caminhe para 30 anos de sua elaboração, e venha passando por discussões, tanto por Conceição, quanto por pessoas que pesquisam o assunto, o seu sentido de emancipar as mulheres negras continua intacto.

Felisberto (2020) afirma que a *escrevivência* vem a cada dia ganhando múltiplos sentidos dentro da academia, colocando Conceição Evaristo em diálogo com diferentes intelectuais, que têm a experiência do racismo como central nos seus debates, seja no âmbito historiográfico-literário ou sociológico. Felisberto (2020) ainda partilha que vem experimentando desenvolver a orientação de trabalhos de conclusão de curso, a partir de *escrevivências*.

Lis e Motta (2020) complementam o debate acerca desse termo, afirmando que, atualmente, há estudos que aproximam a *escrevivência* com o campo da fotografia, do *design*, da arquitetura, da medicina, do direito e, ainda, da gastronomia. Seja em qual campo for, segundo as referidas autoras, a

[...] *Escrevivência* de Conceição Evaristo pretende desalojar a narrativa dominante que coloca o corpo negro em condição de subalternidade, enquanto torna visíveis as diversas experiências desse corpo que deseja narrar suas subjetividades (p.268, grifo das autoras).

As autoras mencionadas ainda apontam que, com base na ferramenta *Google Acadêmico*, até 18 de junho de 2020, momento em que produziram as suas análises, foram encontrados 905 resultados dos termos “Conceição Evaristo” e “*escrevivência*”. Essa amostra se deu, excluindo as citações destes mesmos trabalhos. Incluindo as citações, há a ampliação para 1.020 resultados.

Ao fazer esta busca no *Google Acadêmico*, em 16 de fevereiro de 2024, levando em consideração a não especificação de data, e o fato de ser qualquer tipo de publicação e em qualquer idioma, observei, aproximadamente, 4.510 resultados dos referidos termos, incluindo citações, e 4.050, excluindo citações. No que diz respeito a relação “*escrevivência*” e “*violência*”, constatei aproximadamente 4.280 resultados, incluindo citações, e 4.030, excluindo.

Oliveira e Santos (2020) estudando a relação da *escrevivência*, por exemplo, com a violência de gênero, abordam uma discussão da obra *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, a partir dos destaques das personagens “Maria Nova”, “Dora” e “Cidinha Cidoca”. Com esta análise, os autores analisam que o romance reflete memórias individuais e coletivas, acerca de um *trauma* (violência) alicerçado na remoção forçada da favela, pelas famílias que ali habitavam.

Ao ler a referida obra, é possível observar que Evaristo (2017b) nos presenteia com uma “realidade inventada”, como brinca a autora, ao destacar que a

escrevivência é marcada, também, por meio da ficção de elementos que acontecem na realidade. Neste romance, as violências aparecem no racismo, na xenofobia, no machismo, na objetificação do corpo da mulher etc. E a personagem “Maria-Nova” é a adolescente que observa, critica, indaga e que põe para si a tarefa de escrever outra história para o seu povo, diante da remoção forçada da favela.

Esta personagem desenvolve a tarefa de continuar a *escrevivência* que a própria Conceição Evaristo desenvolve ao escrever suas obras, mesmo que não tenha passado, exatamente, por tudo o que as personagens de suas obras passaram. Mas o que essas passaram são as expressões da violência do nosso povo, de um racismo cotidiano e de uma violência desmedida, como apontam Franco e Caimi (2023).

Por isso, as referidas autoras destacam que Evaristo (2017b) sustenta que “[...] já é passada a hora de colocar o dedo na ferida dos que estão do lado de lá [...]” (Franco e Caimi, 2023, p. 205). Compreendo que é este raciocínio que Almeida e Andreatti (2020) consideraram ao refletirem que a obra *Becos da Memória* é um ato de resistência à violência sofrida pelos habitantes da favela, uma resposta ao silenciamento imposto, que é uma barreira colonial.

Tendo em vista essas considerações, podemos afirmar que *escrevivência* é um tema de estudo que vem crescendo, e que se configura como uma proposta de enfrentamento à realidade, que é violenta, o que favorece a pertinência da proposta de estudo que aqui é apresentada.

Além disso, *escrevivência* não é algo fechado, limitado a uma área de conhecimento. É, sobretudo, um “manancial” de possibilidades que pode provocar e balançar as estruturas acadêmicas, tendo seu sentido vinculado às vivências de mulheres negras.

Desse modo, para compreender a estrutura desta pesquisa, cabe explicar como me aproximei do livro “*Raízes*”, com o intuito de analisar as *escrevivências* de escritoras negras, dentro dessa amplitude que o termo apresenta.

Para pesquisar o significado de *escrevivência*, entendo ser necessário desenvolver um *lócus* de análise, para contribuir com o objetivo de analisar o seu sentido, afinal, o mesmo é articulado à realidade social concreta, permeada pela violência. Dessa forma, pretendo desenvolver aqui algumas reflexões que me levaram a pensar o campo empírico do presente estudo.

Como comentei neste memorial, ao entrar no doutorado, as ideias para a tese foram surgindo sob a influência do Projeto Nacional Leia Mulheres e das disciplinas

cursadas no âmbito das Letras.

Desde meados de 2020, fundamentalmente, devido à influência do Leia Mulheres, eu pensei em muitas propostas de pesquisa, porque elas sempre estiveram guiadas pela minha relação com a escrita, conectadas com o meu reconhecimento como mulher negra, e relacionadas com a “virada” que fiz no âmbito dos estudos que tradicionalmente eu realizei dentro do campo do Serviço Social.

Como comentei, o clube “Leia Mulheres Araçuaí”, o qual coordeno, foi tomando uma proporção muito grande durante o período da pandemia de Covid-19, a partir de março de 2020. Hoje, é um coletivo que não só lê, mas que também escreve, sendo puxado, especificamente, por mulheres negras que se reconhecem como escritoras.

O clube vem realizando projetos de divulgação e interlocução com as escritoras do Vale do Jequitinhonha e, por isso, em 2021, cheguei a delimitar como proposta de estudo para a minha tese, a análise das produções e das trajetórias das escritoras do Vale do Jequitinhonha. Pensei em dialogar acerca da *escrevivência*, tendo como base o material advindo destas autoras, buscando compreender, inclusive, como os fundamentos do racismo se expressavam nesta região, e como eles reverberaram na escrita das referidas mulheres.

Fiz isso, uma vez que já havia identificado a necessidade de trazer experiências atuais de *escrevivência*, para que eu pudesse desenvolver as possibilidades de discussão e ampliação da pesquisa, a partir de uma experiência. Afinal, tal termo se vincula necessariamente ao ato de experienciar.

Tendo em vista essa proposta, aproveitei o contato que tinha iniciado, naquele contexto, com a escritora Herena Barcelos³¹, da cidade de Itinga, médio do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Ela é escritora e agente cultural. Em 2021, aproximou do nosso coletivo “Leia Mulheres Araçuaí”, no intuito de fortalecer a sua pesquisa sobre autoria feminina no Vale do Jequitinhonha. A referida escritora estava construindo o ensaio *Cadê a escritora que estava aqui? O patriarcado comeu* (2020)³², o qual acessei. No documento, havia um levantamento com base em acervos de colecionadores de obras de autores/as nascidos/as ou residentes no Vale do

³¹ Herena Barcelos é uma das pessoas que idealizaram o Movimento de poetisas e escritoras/es do Vale do Jequitinhonha e, desde de 2021, está como uma das coordenadoras do nosso coletivo “Leia Mulheres Araçuaí”. Já foi premiada em concursos regionais e nacionais, tem três livros autorais: *InVerso e Acorde*, 2017, *De Outras Terras em Mim*, 2018 e *Válida*, 2024. Além de obras em antologias, como a *Coletânea Novas Contistas da Literatura Brasileira*.

³² Tal ensaio foi produzido durante o concurso *Prêmio Marielle Franco*, 2020.

Jequitinhonha. Dentre os 104 livros elencados, 35 eram de autoria de mulheres, sendo 27 autoras no total.

Uma vez que havia delimitado, como proposta de estudo para a tese, naquele momento, a análise das produções e das trajetórias das escritoras do Vale do Jequitinhonha, ao ter acesso ao documento de Barcelos (2020), identifiquei como critério de inclusão, para a possível pesquisa, selecionar obra de escritora natural do Vale do Jequitinhonha. Fiz isso, compreendendo que a perspectiva de *escrevivência*, a meu ver, atravessaria um processo de pertencimento local. Além disso, também coloquei como critério o fato de já ter publicado livros³³. O estipulei com o único objetivo de tentar delimitar a amostra, para contribuir no processo de escolha, já pensando, talvez, em uma futura pesquisa etnográfica que pudesse retratar a história de uma ou duas autoras.

Das 27 autoras mencionadas no ensaio de Barcelos (2020), cinco delas eu ainda não consegui acessar a biografia, naquele momento (2021), por indisponibilidade em rede sociais, *sítes* regionais e informações junto às pessoas que criaram o Movimento de poetas e escritores/as do Vale. Também, dentre as 27, cinco já eram falecidas e outras cinco foram descartadas pelos seguintes motivos: três não eram naturais da região, uma ainda era criança, e a outra fez co-autoria com um homem, em seu livro. Portanto, da amostra total, doze se encaixaram no critério da possível pesquisa.

Fiz a leitura das doze obras das respectivas doze autoras, presentes no levantamento de Barcelos (2020), e me deparei com uma infinidade de temas, como amor, natureza, sexo, família etc. Em linhas gerais, a meu ver, os livros traziam abordagens calcadas em um terreno intimista e de homenagem à nossa região, embora fossem obras diversificadas. Além disso, apenas uma das autoras era negra.

Comecei a perceber que ir por este caminho de estudo me afastaria ainda mais do que tradicionalmente eu vinha estudando e, de fato, poderia se configurar como um estudo muito distante do doutorado em Serviço Social, ainda mais no contexto de ensino remoto, em função da pandemia de Covid-19. Pensei nisso, uma vez que o conteúdo das disciplinas do meu programa de pós-graduação, as quais eu cursava na

³³ Entendo que publicar livros envolve processos que não são acessíveis, a depender da editora. Considero que necessite de recurso financeiro, avaliação de parecerista, revisão de textos etc. Assim, utilizar este critério favoreceu o fechamento da amostra para a pesquisa exploratória que vinha fazendo.

época, não dialogavam com essas inquietações que eu vinha apresentando.

Encerrei o ano de 2021 pensando em não ir por este caminho.

Em fevereiro de 2022, concluí a disciplina optativa “Estudos da Cultura: discutir pesquisa, divulgar pesquisa, com abordagens decoloniais” que, como comentei, cursei no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora, da qual faço parte.

Nesta disciplina, tive acesso, também, ao estudo e à discussão sobre o *Poetry Slam* (Batalha de poesia) que me auxiliou a aprofundar o sentido de *escrevivência*, e a pensá-lo como um *lócus* de análise para desenvolver a presente pesquisa. Percebi que a aproximação com esta proposta também foi reforçada pela minha experiência junto ao clube Leia Mulheres da minha cidade, pelo fato deste coletivo ser voltado não somente para a leitura, mas, também, para a escrita, além de ser conduzido por mulheres negras.

O *Poetry Slam* (Batalha de poesia) diz respeito a uma performance poética, a qual é desenvolvida a partir de um tipo de poesia falada, que ganhou notoriedade nas últimas décadas em eventos como saraus. Teve início na década de 1980, nos Estados Unidos, por meio do poeta Marc Smith, e chegou ao Brasil em 2008. Quem o trouxe foi uma mulher negra, a Roberta Estrela D’alva, através da idealização de uma iniciativa chamada “ZAP” (Zona Autônoma da Palavra) – o primeiro campeonato de *Slam* do país (Duarte, 2019; Ferrara, 2020).

No *Slam*, poesia e política se unem especialmente a partir da urgência em se fazer ouvir vozes não valorizadas, como as de mulheres negras (Duarte, 2019; Ferrara, 2020).

Conforme a leitura de Ferrara (2020), o movimento poético de *Slam* não se configura como um estilo literário específico, pois possui uma característica dinâmica que se investe contra os padrões. A ou o *slammer* traz, nas suas apresentações, seus poemas e seus corpos, por meio de performances, onde há a possibilidade de diálogo e troca com o público. O texto que este autor ou autora apresenta no *Slam* é composto por outras linguagens como gestos ou acenos, e até por meio da reação do público.

Desse modo, inferi que esta experiência me aproximaria da discussão de raça, o que, até então, aquele levantamento das obras das autoras do Vale do Jequitinhonha não tinha me proporcionado. Mas com outro caminho de pesquisa, em um outro contexto, talvez possibilitaria.

Em janeiro de 2023, qualifiquei a minha proposta de doutorado levando a

possibilidade de interlocução entre o *slam* e a *escrevivência*. Indaguei se era possível identificar a *escrevivência* nos escritos das mulheres negras brasileiras na atualidade, por meio da experiência do *Poetry Slam*.

Contudo, me deparei com o empecilho de ter que, necessariamente, realizar pesquisa de campo junto às *slammers*, uma vez que comecei a perceber que o *slam* se tratava de uma arte complexa, que envolve performance e não apenas o texto escrito. Tem, inclusive, relações com o Movimento *Hip Hop* e com as Artes Cênicas, como aprendi com Estrela D'alva (2014).

Tal caminho exigiria maior aproximação com o *slam*, e a conexão com outras áreas de estudo, algo que não daria para se realizar, naquela conjuntura, visto à área de formação do meu doutorado, em Serviço Social, atravessado por muitas mudanças de propostas de pesquisa. Ainda foi realizado em sua maioria de forma remota, devido a pandemia de Covid-19, como já contextualizei.

Além disso, ao propor pesquisar sobre o *slam*, tendo o objetivo de relacioná-lo com a *escrevivência*, me vi em um lugar de avaliadora dos escritos das poetisas *slammers*. E compreendo que quem expressa o critério de ser *escrevivente* é quem escreve e não quem pesquisa sobre a realidade de quem escreve. Isso se aproximaria do meu caso ao lidar com o *slam*, pensando a sua relação com a *escrevivência*.

Desse modo, me lembrei da obra “*Raízes*”, livro que me foi apresentado em 2018, no ano de seu lançamento, pela Júlia Gomes, que é uma de suas autoras.

O livro é composto por vinte escritoras negras e já, em uma das suas apresentações, há a menção dos termos “*escrevivência*” e “Conceição Evaristo”, destacando que se trata de uma produção *escrevivente*, com base no próprio sentido gerador do termo criado pela referida autora, segundo o que já mencionei nesta tese.

Observei que aproximar da obra mencionada tratava de me conectar com uma produção, em que as próprias escritoras que a compõem já se consideravam *escreviventes*. Não seria eu que analisaria se eram ou não.

Tal escolha me possibilitou adentrar em um universo de produções que, inclusive, compõem também a poesia *slam*, mas há contos, trechos de diários, poemas etc. Enfim, há a manifestação da *escrevivência* de forma livre, o que me permitiu discutir os conteúdos que as escritoras expressam, e não analisar gêneros literários ou performáticos, o que é mais comum na área de Letras, e o que o possível estudo do *Poetry Slam* me exigiria.

Portanto, como comentado na introdução desta tese, acerca do procedimento

metodológico, optei pela pesquisa documental do livro “*Raízes*”, identificando e analisando quais são os conteúdos, acerca da violência sofrida por mulheres negras, explicitados por estas escritoras³⁴.

De acordo com a análise que compõe o último capítulo desta pesquisa, é possível observar a multiplicidade de temas que expressam as suas *escrevivências*, inclusive, quando se leva em consideração a temática violência.

A diversidade das abordagens se apresentou não apenas, olhando de forma total, mas, também, visualizando o que as escritoras expressaram individualmente.

Dentre as menções realizadas pelas escritoras do livro “*Raízes*”, visto o objetivo desta pesquisa, selecionei para análise aquelas que diziam respeito, diretamente, à *violência*, uma vez que o objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo sobre este tema, a partir da *escrevivência*. Além disso, como critério para a análise, separei os temas que tratavam de algum tipo de opressão que estava sendo denunciada pelas autoras, através de diversas menções: racismo, violência de gênero, estupro, patriarcado etc., como consta no último capítulo da tese.

Cabe destacar que levei em consideração os temas que apareceram mais de uma vez nos registros, e que, conforme as escritoras, tratavam de violências que atravessam diretamente as mulheres negras, sendo, portanto, os temas: **Escravidão, Violência Colonial, Racismo e Pressão de padrões estéticos**, os quais aparecem como itens na análise deste trabalho.

Isto posto, tendo em vista esta explanação acerca do caminho estrutural da presente pesquisa, dentro de um memorial que possibilitou, fundamentalmente, a minha implicação com o que estou estudando, cabe agora entrar nos demais capítulos.

A seguir, apresento o capítulo voltado, em linhas gerais, para o “chão histórico”

³⁴Cabe comentar que, nesse contexto em que tentei fechar o meu objeto de estudo, o qual é explicitado na presente seção, cheguei a cogitar um correio de troca de cartas com as autoras do livro “*Raízes*”, sob a influência de Battistelli (2022), que desenvolveu a sua tese de doutorado neste formato, e tendo em vista, também, as dicas advindas do professor Thiago Florêncio, que apreciou o meu projeto de qualificação, em 2023. Essa iniciativa pode ser verificada no *Apêndice* desta tese. Naquele momento, cogitei que tais compartilhamentos pudessem servir de campo empírico para a minha pesquisa. Enviei a carta, que consta no referido *Apêndice*, para cinco escritoras que estão no livro e que, naquela época, também estavam em minhas redes sociais. Fiz isso com o intuito de fomentar como poderia de desenrolar esta proposta. Obtive resposta de três, e tais respostas foram por mensagens de texto em redes sociais. O correio acabou não sendo estabelecido.

que fundamenta o enfrentamento por meio da *escrevivência*, e que legitima a realização de pesquisas que a atravessam. Isso se dá por meio de um texto que discute, fundamentalmente, a relação do capitalismo com o colonialismo, através das suas inerentes faces violentas, o que contextualiza o referencial teórico que orienta esta tese.

2 COLONIALISMO, MODERNIDADE E VIOLÊNCIA: FUNDAMENTOS DO CAPITALISMO PARA COMPREENSÃO DA *ESCREVIVÊNCIA*

2.1. CARTA ENSAIO 2

Cara leitora,

Agora vamos entrar no segundo capítulo desta tese. Ele é voltado para debater fundamentos históricos que nos ajudem a compreender a violência contra mulheres negras, os quais constituem como fomento para o enfrentamento por meio da *escrevivência*.

No intuito de que você possa compreender tal reflexão, é necessário que eu discorra sobre capitalismo, já que o objetivo da tese é analisar o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras neste sistema, a partir do registro da *escrevivência*, como já foi explicitado até aqui, e que tem como instrumento metodológico a análise do livro “*Raíces*”.

Entendo que simplesmente mencionar que se vai “falar sobre capitalismo” seja algo muito abrangente e, por vezes, pode se configurar como sem nexos. Vou aproveitar a informalidade que a carta nos traz para explicar, em linhas gerais, o que estou chamando de capitalismo.

Trata-se de um sistema complexo que existe há mais de 500 anos e que, portanto, é um modo de produção de mercadorias que já atravessou inúmeras fases, características e denominações, apresentando particularidades regionais, nacionais, continentais etc.

Neste capítulo, o objetivo é explicitar como o capitalismo se forjou no apagamento direcionado, sobretudo, a nós, mulheres negras, que é o aspecto que mais nos interessa nesta pesquisa.

Para tanto, é necessário compreender que o capitalismo se constituiu inerentemente vinculado à modernidade, porque o já referido *sujeito universal* tem o sentido imputado à concepção de *homem moderno*.

E disso cabe pensarmos a relação entre as origens da modernidade e as origens do próprio capitalismo (Quijano, 2005), pois como explica Dussel (1993), a modernidade expressa um traço oculto e essencial à ela, que é: “[...] o mundo periférico colonial, o *índio* sacrificado, o *negro* escravizado, a *mulher* oprimida, a criança e a cultura popular alienada, etc. [...]” (p.186, grifos meus). Ou seja, a

modernidade explicita o apagamento daqueles e daquelas que não estão no perfil de *sujeito universal*, como as próprias mulheres negras.

Assim, neste capítulo, a discussão acerca do capitalismo é para explicitar o legado da modernidade, como um fundamento deste sistema. E, com isso, contribuir com a discussão da tese que gira em torno da violência sofrida por mulheres negras, registrada pela *escrevivência*. Esta vem enfrentar opressões e apagamentos que, principalmente, tais mulheres vivenciaram ao longo do processo de escravização dos seus corpos na sociedade capitalista.

Após tais considerações, darei exemplos de enfrentamentos históricos desse processo, com base na menção de trajetórias que tive acesso neste período do doutorado. Vejamos.

2.2 REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DA MODERNIDADE E SILENCIAMENTO DE MULHERES NEGRAS

“[...] Eles tomaram os brancos por deuses e esperaram deles tudo o que é esperado da divindade!” (Aimé Césaire, 2020, p.53).

Como comentei no capítulo anterior, o referencial teórico presente nesta tese vem me possibilitando compreender as origens do capitalismo, a partir de uma perspectiva mais ampla e crítica do que outrora.

Enquanto anteriormente, em minha trajetória acadêmico-profissional, havia a centralidade do debate acerca de *classe*, como externalizei no capítulo anterior, hoje procuro valorizar as discussões relativas a gênero e raça. Isto inclui o sentido do termo *escrevivência*, calcado no enfrentamento ao silenciamento, sobretudo, de mulheres negras.

Tenho procurado conhecer os fundamentos do modo de produção capitalista, levando em consideração o processo de colonização e escravização europeia na América (XV- XIX), que foi central para gênese e desenvolvimento deste sistema.

Historicamente, tomando como base o meu processo de formação acadêmico-profissional até a entrada no doutorado, entendia o capitalismo como um sistema de produção de mercadorias que se sustenta na contradição entre a concentração da propriedade e dos meios de produção nas mãos de uma minoria, e uma maioria que, destituída dos meios para a sua sobrevivência, é obrigada a vender a sua força de trabalho e que, por meio disso, cria a riqueza social que não lhe pertence. Isso se

configuraria como uma relação contraditória entre as consideradas classes: burguesa e trabalhadora.

De acordo com o que era de costume outrora em minha trajetória de estudos, tal entendimento esteve vinculado às lutas proletárias do século XIX na Europa. Isso favoreceu que, para entender as origens do capitalismo, fosse necessário associá-las aos ideais iluministas do século XVIII, vinculados, sobretudo, aos valores burgueses enfatizados nos processos que possibilitaram a Revolução Francesa (1789), e que se desencadearam em função dela.

Atualmente, vejo que para entender como o capitalismo se constituiu é necessário compreender processos anteriores a isso. É preciso discutir acerca da modernidade e sua inerente violência colonial, que legitimaram as origens desse sistema, e que estão associadas, sobremaneira, ao processo de escravização e de colonização europeia na América, a partir de finais do século XV, se dando até meados do século XIX.

Portanto, com base em Quijano (2005), o capital como relação social, baseada na mercantilização da força de trabalho, provavelmente, existe desde o século XI e XII. O referido autor expõe que o capital surgiu em algum lugar na região meridional das penínsulas ibérica e/ou itálica e, conseqüentemente, no mundo islâmico. Mas esclarece que é, a partir de finais do século XV, com o processo de colonização da América pela Europa, que se pode falar de predominância mundial do capital e, desse modo, de um sistema capitalista, portanto, da emergência de um modo de produção de mercadorias com vocação para tornar-se globalizado. Vejamos:

[...] o capital existiu muito tempo antes que a América. Contudo, o capitalismo como sistema de relações de produção, isto é: a heterogênea engrenagem de todas as formas de controle do trabalho e de seus produtos sob o domínio do capital, no que dali em diante constituiu a economia mundial e seu mercado, constituiu-se na história apenas com a emergência da América [...] (Quijano, 2005, p.126).

Tendo em vista tal consideração, cabe destacar que Williams (2012) discute o caráter eminentemente econômico da escravização no continente americano. Esse processo foi articulado à gênese do mundo moderno, o que contribuiu, significativamente, para o capitalismo, e para a sua centralidade europeia, sobretudo, considerando a Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII.

É interessante quando o referido autor contextualiza que existiram teses que

associaram esse processo de escravização à uma perspectiva moral da população colonizada, como se a exploração se articulasse ao fato de serem mais resistentes. Ainda explica que existiram teses que se justificavam por meio do argumento da localização geográfica, de onde vinha a população colonizada, o que também mascara o interesse econômico que fundamenta esse processo violento.

Ao analisarmos o contexto de colonização europeia na América, cabe comentar que existiu uma divisão racial do trabalho para a produção de mercadorias, e, portanto, para gerar capital. Tal divisão favoreceu para que as formas assalariadas não se associassem, conseqüentemente, aos povos colonizados. Afinal, como explica, Quijano (2005): “[...] fato é que já desde o começo da América, os futuros europeus associaram o trabalho não pago ou não-assalariado com as raças dominadas, porque eram raças inferiores [...]” (p. 120).

É por isso que Gonçalves, S. (2018), ao estudar este contexto, assevera que a criação das categorias *negro* e *índio* estiveram associadas à implementação de relações de produção não-assalariadas no processo de colonização.

Desse modo, o protótipo de *sujeito universal* associou-se, também, ao trabalho assalariado e aos postos de mando da administração colonial (Quijano, 2005). Tal fato favoreceu o desenvolvimento de “[...] uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo” (Quijano, 2005, p.127).

Portanto, cabe a assertiva de Federici (2017), ao alegar que “[...] o capitalismo não poderia sequer ter decolado sem a ‘anexação da América’ e sem o ‘sangue suor’ que durante dois séculos fluíram das *plantatitons* para a Europa [...]” (p.2017, grifo da autora).

Tal debate nos leva a compreender os fundamentos do que Marx (2013) contextualizou como a “assim chamada acumulação primitiva”³⁵ de capital, e a relação deste processo com a violência colonial que esteve no cerne das origens do capitalismo. Quanto a isso, o referido autor discorre como um processo marcado por expropriação, que é inerente ao contexto colonial moderno.

³⁵ Este é o nome do Capítulo 24 de *O Capital* de Karl Marx, presente no livro I desta obra. O referido autor coloca como a “assim chamada” por fazer referência, de forma jocosa, à interpretação equivocada que a economia burguesa tinha acerca do processo de expropriação dos/as trabalhadores/as, neste contexto, a qual é sintetizada na denominação realizada por eles de *acumulação primitiva*. Por isso a expressão é usada entre aspas nesta tese.

Quijano (2005) afirma que raça se converteu no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder do capitalismo, calcado na produção global de mercadorias, para a valorização de capital. A hierarquização racial veio para fortalecer o movimento de expansão do capital, para a produção de mercadorias. Em outras palavras, raça associou-se ao modo básico de classificação social universal da população mundial, conforme o referido autor, ao analisar as origens desse sistema.

Quijano (2005) contextualiza que:

na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados [...] (p.118).

Além dessa consideração, cabe argumentar, com base em Federici (2017), que nas origens do capitalismo, não encontramos apenas a sua intrínseca relação com a escravização racial, mas também, e junto dela, a exploração e o extermínio de mulheres.

Esse contexto foi marcado, também, pela violência contra elas, por meio do fenômeno de “caça às bruxas”, algo que esteve como fundamento para o desenvolvimento do sistema capitalista, sobretudo entre os séculos XVI e XVII, ocorrendo não apenas na Europa, mas nas colônias americanas, conforme a referida autora.

Tratou-se de um meio para confinar as mulheres aos âmbitos privado e reprodutivo, destruindo as suas práticas de controle, saberes e conhecimentos sobre os seus corpos, e sobre a própria vida social, por meio de um processo de perseguição e assassinato. Como explica Federici (2017), tal violência tinha o intuito de forjar os ideais de feminilidade e de domesticidade que fossem compatíveis com a ordem capitalista que se instituía.

Afinal, a ampla variedade de práticas femininas vinha ameaçando a organização capitalista do trabalho, pois se associavam, sobretudo, à magia e à natureza. Isso comprometia o poder da racionalidade imposta pelo mundo capitalista,

masculino, porque, como afirma Federici (2017): “o mundo devia ser ‘desencantado’ para ser dominado.” (p.313).

Inclusive, a referida autora argumenta que

[...] foi principalmente devido a essas capacidades – como feiticeiras, curandeiras, encantadoras ou adivinhas – que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, para subverter a ordem constituída (Federici, 2017, p. 314).³⁶

Federici (2017) ainda enfatiza que no processo de colonização da América, assim como a discriminação estabelecida pela raça, a discriminação sexual foi mais uma bagagem que os colonizadores trouxeram da Europa. Assim: “[...] tratava-se, nada mais, nada menos, do que da destruição da vida comunitária, uma estratégia ditada por um interesse econômico específico e pela necessidade de se criarem as condições para uma economia capitalista [...]” (p.220).

Segundo a análise da referida autora, este debate serve para contextualizar o processo exterminador que esteve no cerne da chamada “acumulação primitiva” de capital. Isso se sustentou, também, por meio de projetos de colonização, dizimando quem não se encontrava no entendimento de humanidade, imposto por este contexto e atacando, sobretudo, às mulheres e aos seus corpos, conforme a sua análise.

Ao discutir este contexto, Kurz (2010) assevera que “[...] aos indivíduos não brancos aplica-se, pois, algo semelhante àquilo que se aplica aos indivíduos femininos [...]” (p.51). Assim, cabe considerar a ideia de cisão explicitada por Scholz (1996), onde a referida autora explica, ao estudar este contexto, que o feminino foi cindindo a um nível semi-humano. Portanto, para ela, o fenômeno de “caça às bruxas” foi uma condição sangrenta para a ascensão moderna da racionalidade burguesa, que é tida como masculina.

³⁶ Federici (2019) argumenta que a violência contra as mulheres não desapareceu com o fim do fenômeno “caça às bruxas” e a abolição da escravização nas Américas, sendo, ao contrário, institucionalizada. A meu ver, isso indica a histórica violência contra as mulheres no capitalismo, sendo, inclusive, o terreno de enfrentamento realizado, também, pela *escrivência*. A autora contextualiza, por exemplo, que: “[...] nos anos 1920 e 1930, no auge do movimento eugenista, a “promiscuidade sexual” feminina, retratada como doença mental, era punida com internação em hospitais psiquiátricos ou esterilização [...]” (Federici, 2019, p. 92).

Cabe mostrar, como nos leva a refletir Federici (2017), que o preço da resistência ao capitalismo sempre foi o extermínio. E essa exterminação se conecta ao processo de produção de lucro que é comandado pelo já mencionado *sujeito universal* – o considerado perfil de humanidade do capitalismo associado ao sujeito masculino, branco, heterossexual, cisgênero, burguês etc. Ou, nos termos de Scholz (1996), tal reflexão se resume à ideia de que “o *valor* é o homem”. Isso significa que o *valor* gerado por meio da exploração do trabalho assalariado no capitalismo é comandado pelo referido *sujeito universal*.

Nessa direção, Kurz (2010) nos ajuda a entender esse processo ao mencionar que a definição de ser humano, no capitalismo, conectada a esta ideia, favorece a considerar não apenas a cisão do feminino à esfera do *valor*, mas, também de todos os povos que foram colonizados. Vejamos:

[...] A definição de “ser humano” enquanto sujeito do valor, não somente reduz o “feminino” cindido a um nível semi-humano, senão que, de acordo com a sua natureza, exclui socialmente da humanidade todos os indivíduos que, efêmera ou duradouramente, não podem (ou não podem mais) agir dentro dos limites do automovimento do “sujeito automático”, de cujo ponto de vista, convertido no ponto de vista da reprodução social em geral, devem ser tidos como “supérfluos”, e, portanto, em princípio, como não humanos [...] (p.50).

Segundo esta citação, podemos afirmar que o apagamento, que se centra no debate acerca da *escrevivência*, é fruto de um processo histórico de dizimação de negros/as, indígenas, mulheres etc. que estiveram dissociadas da esfera do *valor*. E este processo atravessou a constituição do capitalismo, tendo em vista tal sistema ter se forjado, também, a partir da violência a estes corpos.

Na América, por exemplo, as mulheres, antes da colonização,

[...] tinham suas próprias organizações, suas esferas de atividade eram reconhecidas socialmente e, embora não fossem iguais aos homens, eram consideradas complementares a eles quanto à sua contribuição na família e na sociedade. [...] Tudo mudou com a chegada dos espanhóis, que trouxeram sua bagagem de crenças misóginas e reestruturaram a economia e o poder político em favor dos homens. As mulheres sofreram também nas mãos dos chefes tradicionais, que, a fim de manter seu poder, começaram a assumir a propriedade das terras comunais e a expropriar das integrantes femininas da comunidade o uso da terra e seus direitos sobre a água [...] (Federici, 2017, p.400-01, grifos da autora).

Tendo em vista este processo de colonização, ao compreendermos o capitalismo como um sistema mundial que foi se globalizando, a partir de finais do século XV, cabe destacar o que Dussel (1993) assevera: “[...] A modernidade nasce *realmente* em 1492: essa é a nossa tese [...]” (p. 188, grifos do autor). Ou seja, capitalismo e modernidade nasceram juntos e estão associados à colonização da América. Por isso, o referido *sujeito universal* é associado ao *homem moderno*. E é por isso também que, com base em Maldonado-Torres (2018), *colonialismo moderno* pode ser entendido como o modo específico pelo qual os impérios europeus colonizaram o território americano.

É interessante observar que, por exemplo, para Lugones (2014), este processo de colonização, ao negar a humanidade a quem foi colonizado/a, nega-lhes o gênero. Com base na referida autora, “[...] desse ponto de vista, pessoas colonizadas tornaram-se machos e fêmeas. Machos tornaram-se não-humanos-por-não-homens, e fêmeas colonizadas tornaram-se não-humanas-por-não-mulheres [...]” (p.937).

Portanto, esse processo deve ser associado, também, à formação e ao início de uma civilização, que se forjou de forma violenta, e que, com isso, levou Césaire (2020) afirmar que de civilização não existe nada, “[...] a Europa se mostra impotente para justificar-se [...]. *A Europa é indefensável*” (p.9, grifos do autor). Pois “[...] da colonização à civilização, a distância é infinita [...]” (p.11)³⁷.

Ao considerarmos que a modernidade funda uma civilização violenta, cabe asseverar que embora não exista um consenso, entre os historiadores, em torno do nascimento da era moderna, costuma-se trata-la como um impulso positivo da humanidade, segundo a crítica de Gonçalves, S. (2018). Com base no pensamento de Robert Kurz, a referida autora explica que as origens do capitalismo foram destrutivas, tendo em vista, sobretudo, a invenção das armas de fogo.

Por isso, cabe asseverar que a colonização europeia na América não é um sombrio desvio desta história. Tratou-se da demonstração de seus fundamentos, seu

³⁷ Isso me leva a considerar a importância da *escrevivência* para o fortalecimento de outras formas de sociabilidade. Afinal, como acentua Borges (2024), a *escrevivência* não é meramente a descrição do que se vive, mas o que se faz com o que se vive. É um lugar de enunciação e, portanto, podemos compreendê-la como resistência e enfrentamento coletivos à essa civilização violenta que Césaire (2020) menciona. Pois ela nos ajuda a pensar, também, projetos de sociedade, a partir do engajamento de mulheres negras.

ponto de partida e sua natureza evidente (Botelho, 2013). Assim, ao criticar a modernidade, Quijano (2009) afirma que para ela:

[...] A Europa é civilizada. A Não-Europa é primitiva. O sujeito racional é Europeu. A Não-Europa é objeto de conhecimento. Como corresponde, a ciência que estudará os Europeus chamar-se-á 'sociologia'. A que estudará os Não-Europeus chamar-se-á 'etnografia' (p.99).

Dessa maneira, podemos afirmar que esse processo deve ser compreendido, também, por meio da colonização de subjetividades, com base na compreensão de Botelho (2013). Pois, ao entender este contexto, no âmbito de disputas geográficas para o favorecimento da expansão e da consolidação capitalista, devemos associá-lo, também, ao coroamento da subjetividade moderna. Como explica o referido autor, isso fez os grandes sistemas filosóficos solidificarem a forma do *Sujeito, branco e masculino*, o que considero que coloca o terreno necessário de enfrentamento por meio da *escrevivência*, através da autoria de mulheres negras.

Conforme Grosfoguel (2020), a modernidade produziu a compreensão de que somente um único mundo é possível. Pois como nos lembra Mignolo (2008), a “[...] ‘Modernidade’ era o termo no qual eles espalhavam a visão heroica e triunfante da história que eles estavam ajudando a construir [...]” (p. 316).

Ao discutir acerca da modernidade, cabe a consideração de Botelho (2013) de que a elaboração teórico-filosófica do Iluminismo, por exemplo, é emblemática para este contexto, pois apresenta um caráter seletivo e excludente da racionalidade moderna. A racionalidade foi considerada como instrumento particular dos europeus e meio para consciência e conquista da liberdade, como argumenta o referido autor. Mas estas são só para o tido *sujeito universal*. Por isso, Botelho (2013) destaca que é:

[...] inacreditável que o Iluminismo ainda hoje seja tomado como o mais avançado movimento intelectual universalista, que teria colocado o Homem acima de tudo, independente de raça, sexo, religião etc. De forma não-velada, sua inclinação para a diferenciação é baseada em critérios que são recentes na história, específicos da modernidade: o *furor desenfreado de assimilar a mulher à beleza natural, os índios à infância selvagem e os negros à inferioridade bárbara é um resultado da própria história de constituição da identidade europeia*, para o qual a *invenção* da América teve um papel fundamental [...] (p.212. grifos meus).

Portanto, com base nessa citação, é importante destacar o termo “invenção”.

Porque a denominação “América” e a sua concepção como tal é uma invenção colonial. Como nos lembra Porto-Gonçalves (2009), já existiam inúmeros povos nesta região, antes da chegada dos Europeus, sendo eles: *maia, kuna, chibcha, mixteca, zapoteca, ashuar, huarani, guarani, tupinikin, kaiapó, aymara, ashaninka, kaxinawa, tikuna, terena, quéchua, karajás, krenak, araucanos/mapuche, yanomami, xavante*, etc. Por isso, como já mencionado em nota do capítulo anterior, a expressão *Abya yala* vem sendo utilizada pelos povos originários, como uma contraposição à expressão “América”.

Dussel (1993) considera que a construção da modernidade promoveu o encobrimento desses povos, ao não serem considerados humanos, pelo ideal moderno, e, portanto, tidos como “Outros”. Assim, ao europeu projetar a si, ele encobre quem já se encontrava na localidade, no mesmo instante em que denomina este como “Outro”.

Cabe destacar, obviamente, que não podemos associar este processo de colonização e escravização como algo passivo, como se a população colonizada não tivesse resistido. Afinal, como pude apreender através de Lugones (2014), é necessário superar a ideia de que o sistema global capitalista colonial, nos termos da autora, foi exitoso em todos os sentidos na destruição dos povos, das relações, dos saberes e etc. daqueles/as que foram colonizados/as. É necessário compreender que o capitalismo foi e é continuamente resistido, até os dias de hoje.

Tendo em vista essa consideração, parto do pressuposto de que a *escrivivência* é uma forma de resistência ao capitalismo, por ser enfrentamento à violência sofrida, em comum, por mulheres negras neste sistema.

Também é possível encontrar enfrentamento à essa sociabilidade em diversas lutas, músicas, danças, produções literárias etc. Portanto, diante disso, na próxima seção, cito alguns exemplos de insubordinação histórica do povo negro ao capitalismo.

2.3 INSURGÊNCIAS ANTICOLONIAIS E INSUBMISSÃO NEGRA

Ao considerar as reflexões realizadas anteriormente, e ao pensar em resistência ao capitalismo em termos históricos, é pertinente discorrer acerca de trajetórias de intelectuais negros e negras, que tive acesso neste período de descobertas do doutorado.

Além do espaço dedicado, exclusivamente, à Conceição Evaristo – capítulo três – e às escritoras do livro “*Raízes*” – capítulo quatro, apresento neste item inspirações que são insurgências para o enfrentamento colonial, por expressarem insubmissão diante do cenário violento relatado na seção anterior.

Gostaria de destacar a trajetória de Aimé Césaire (1913-2008), já citado nesta tese, e de Frantz Fanon (1936-1961).

Ambos são martinicanos, marcaram, e ainda marcam, o que consideramos como engajamento anticolonial, tanto em termos de produção teórica, quanto de militância. É muito pertinente conhecer as suas biografias, e perceber as influências política e poética, por meio de combate ao colonialismo.

Como homens negros advindos de colônia francesa, as trajetórias dos dois se conectam, também, por terem estudado na França, e pelo fato de Césaire ter sido professor de Fanon. Isto favoreceu para que Fanon fosse um entusiasta das suas ideias, além de serem amigos. Inclusive, Fanon abriu o seu primeiro livro, publicado em 1952, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, com uma citação de Césaire.

Césaire nasceu em *Basse-pointe*, no norte da Martinica, vindo a falecer, também na Martinica, em 2008. Foi um escritor, poeta, político, e o principal fundador do termo *negritude*, que carrega o sentido de resgate da humanidade do sujeito negro.

Justamente por conta da perspectiva anticolonial deste autor, a revolução haitiana (1791-1804)³⁸ tem uma centralidade em seu pensamento. Ao narrar a sua biografia, Campos (2020) esclarece que em meados dos anos 1940, Césaire e a sua companheira, Suzanne, passaram uma temporada no Haiti, o que favoreceu para que as autoridades francesas ficassem mais atentas aos seus passos, pois temiam que ele estivesse articulando um movimento pela libertação das colônias caribenhas.

Campos (2020) explica que a sua firme postura contra o racismo e o colonialismo contribuiu para a sua trajetória política que atravessou décadas, tanto quanto prefeito, quanto como deputado. Afinal, este cargo, em especial, Césaire manteve de 1945 até 1993. Além disso, em 1948, começou a escrever o texto que deu origem ao célebre livro *Discurso sobre Colonialismo*, publicado em 1950.

³⁸ Como explica Campos (2020), a Revolução Haitiana iniciou em 22 de agosto de 1791, alcançando a vitória em 1º de janeiro de 1804, com a independência do Haiti. Conforme o referido autor, Césaire chegou a mencionar o seguinte: “[...] ‘*Haiti, onde a negritude pôs-se de pé pela primeira vez*’, na tradução de Lilian Pestre de Almeida [...]” (p. 80, grifos meus). Este exemplo do Haiti abalou os senhores de escravos em todo o mundo, segundo a reflexão de Campos (2020). O país, inclusive, sofreu bloqueio econômico.

Dois anos depois, Fanon, um dos grandes entusiastas do pensamento de Aimé Césaire, publicou *Pele Negra, Máscaras Brancas*, com apenas 27 anos.

Cabe explicar que este livro foi fruto do manuscrito que ele apresentou para a conclusão do seu curso em medicina psiquiátrica, em 1951, na universidade de *Lyon*, no leste francês. Conforme contextualiza Faustino (2022), tratou-se de um trabalho que foi rejeitado³⁹ por desafiar as convenções científicas e acadêmicas da época, o que o fez ter que escrever outra monografia em poucas semanas.

O referido autor nos ajuda a perceber a trajetória de Fanon atravessada pela ideia da “reestruturação do mundo”, afinal, as suas ideias são anticapitalistas. Por isso,

[...] Fanon almejava a revolução social como possibilidade histórica e, principalmente, como condição para superar as alienações psicossociais que permitiram curar as feridas físicas e psíquicas promovidas pelo complexo colonial. Mas sabia que as lutas sociais não poderiam ter êxito se não tivessem como ponto de partida a realidade concreta que surgiam [...] (Faustino, 2022, p.39).

Em 1953, Fanon se mudou para a Argélia, a fim de assumir a direção de um hospital psiquiátrico. Ao lidar com a violência colonial e seus efeitos destrutivos, naquele lugar, em 1956, abandonou o hospital, e se dedicou à Revolução Argelina, que havia começado poucos anos antes disso, e que se relacionava com toda a violência que vivenciou no referido país⁴⁰. Faustino (2022) afirma que tal processo formou o próprio Fanon, ao mesmo tempo em que contribuiu para o curso da mencionada revolução. Ainda enfatiza que muitas das perguntas realizadas por Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* só puderam encontrar respostas com a eclosão da Revolução Argelina, que Fanon não viveu para ver a sua conclusão.

No auge de sua atuação política, com apenas dez anos de vida intelectual, foi diagnosticado com leucemia, falecendo em 1961, nos Estados Unidos, justamente no contexto em que já vinha circulando por várias partes do continente africano,

³⁹ Como explica Faustino (2022), o trabalho de conclusão de curso, na faculdade de psiquiatria cursada por Fanon, chamava-se “tese de exercício”. Observo que por isso que é comum pesquisadores/as comentarem que foi a sua tese de doutorado que sofreu rejeição, quando na verdade o termo tese, neste contexto, equivaleria a uma monografia de conclusão de graduação nos nossos tempos.

⁴⁰ Inclusive, em 1959, Fanon publicou a obra *O quinto ano da Revolução Argelina*. Segundo Faustino (2022): “[...]o ponto é que, para Fanon, a Revolução Argelina estava restituindo a humanidade aos argelinos, outrora coisificados [...]” (p.36).

destacando a necessidade de expandir a guerra de libertação de outros países.

Cabe comentar que ao prefaciar uma das últimas edições do livro de Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Kilomba (2020) faz uma problematização importante. Destaca que Fanon discutiu o sentido do termo “Outro”, sendo este aquele sujeito que não é reconhecido na humanidade, pois esta é “detenção” do branco. Afinal, como já foi dito, com base em Dussel (1993), podemos afirmar que a construção da modernidade promoveu o encobrimento dos povos colonizados, tidos como “Outros”.

Ao mencionar sobre isso, na obra de Fanon, Kilomba (2020) afirma que nós, mulheres negras, somos concebidas como o “Outro do Outro”, pela sociedade racista que vivemos. Revela tal fato por considerar a necessidade da discussão das relações de gênero, neste debate anticolonial. Portanto, com a contribuição de Fanon, a referida autora expressa que o autor excluiu o debate de gênero, e constata que isso se tratou de “[...] uma ausência que ele nos deixa para ser ocupada pela nossa existência [...]” (Kilomba, 2020, p.16)⁴¹.

Dessa maneira, tal reflexão me leva a indagar que, como mulheres negras, quais são as nossas tarefas e possibilidades diante da referida argumentação de Kilomba (2020)? Nós estamos ocupando espaços que legitimam ou que se contrapõem à essa concepção de que somos o “Outro do Outro”, uma vez que enfrentamos a opressão de gênero e raça?

Essas perguntas se fazem necessárias, porque a constituição da modernidade significou a afirmação do *sujeito universal* e, por conseguinte, dos seus saberes⁴², expressando o extermínio da produção de conhecimento daqueles e daquelas que foram colonizados/as, o que se vincula ao conceito de epistemicídio.

Afinal, por vir de *episteme* que, oriunda da filosofia, significa saber, e por ter o sufixo *-cídio*, que significa morte, Almeida (2022) afirma que epistemicídio trata do assassinato do conhecimento e de seus produtores. Com isso, nos leva a perceber

⁴¹ A autora comenta também a exclusão de trans-identidades. Vejamos: “Fanon escreve com a linguagem do seu tempo, brilhante e revolucionária. Mas a obra também inclui a violência de excluir os gêneros e trans-identidades *negrxs* da existência humana [...]” (Kilomba, 2020, p.16, grifo da autora).

⁴² Tal afirmação tem uma relação direta com a colonialidade do saber, e com a necessidade de compreensão das formas de conhecimento, para além da ciência moderna, europeia, e tida como a universal. Para discutir a colonialidade, tenho observado que muitos autores/as decoloniais têm buscado em seus estudos, caracterizar, a partir de: *colonialidade do saber*, *colonialidade do poder* e *colonialidade do ser*. Para maior aprofundamento, indico a obra: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas*, organizada por Edgardo Lander, 2005.

essa marca na expansão colonial europeia, uma vez que determinados conhecimentos foram historicamente apagados, desprezados, silenciados etc. E a *escrevivência* não só contribui para denunciar esse silenciamento, como nos ajuda a pensar e a buscar alternativas para a valorização dos nossos saberes.

Diante disso cabe pensarmos que, ao discutir sobre silenciamento de mulheres negras, é necessário expressar, como nos lembra hooks (2019), que este não é meramente o impedimento da fala, mas, também, o impedimento de um determinado tipo de fala. Isso me leva a reforçar que, historicamente, existiu enfrentamento a este silenciamento por essas mulheres, inclusive por meio da *escrevivência*, como Conceição Evaristo enuncia. Afinal, só se silencia aquele e aquela que, obviamente, quer falar.

Quando hooks (2019) afirma que escrever foi a sua forma de agarrar a *fala* e mantê-la por perto, e quando Anzaldúa (2020) expressa que escreve para registrar o que apagam enquanto ela fala, as autoras nos permitem aprofundar o sentido da *escrevivência*, ao demonstrar que escrever é enfrentar as barreiras que querem nos empurrar ao anonimato, à descrição e ao sigilo. O ato de escrever mantém a *fala* viva, registra uma *fala* que não querem que seja dita, como assevera hooks (2019).

E este enfrentamento pode ser manifestado, por exemplo, com Maria Firmina dos Reis que, com o seu romance “Úrsula” (1859), é considerada a primeira romancista e a primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil, conforme Evaristo (2009a).

Firmina ainda é muito desconhecida pela sociedade brasileira, a sua imagem, inclusive, foi historicamente confundida com uma escritora branca, a gaúcha Maria Benedita Borman. Tal fato nos leva a pensar sobre o seu apagamento imposto pela violência colonial. Por isso, exemplifico afirmando que basta colocar o nome dela em uma busca na *internet*, que aparecem vários rostos distintos, sendo um busto a possível retratação mais fiel, como consta em Arraes (2020).

Além disso, conforme a autora, Firmina nasceu em 1882, na ilha de São Luís (MA), começou a estudar de forma autodidata, vindo a ser a primeira professora concursada do Estado do Maranhão, com 25 anos de idade, e falecendo em 1917, no município de Guimarães.

Outro exemplo clássico de insurgência anticolonial é Carolina Maria de Jesus. Seu primeiro livro publicado em 1960, o célebre *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, narra em forma de diário o seu cotidiano na constante busca pela

sobrevivência na favela, por meio de uma linguagem simples, direta, comovente e com um extremo realismo que toca quem a lê.

Carolina nasceu em um contexto marcante para o mundo, 1914, início da 1ª guerra mundial. Ela é de Sacramento, em Minas Gerais. Viveu muito tempo no Estado de São Paulo, inclusive na capital, morando na favela do Canindé, onde escreveu o referido livro. Morreu no município de São Paulo em 1977.

Em *Quarto de despejo*, observamos as marcas da violência, do racismo, do alcoolismo, da negligência do poder estatal e do constante descaso da política brasileira, na grande São Paulo dos anos 1950. Tais descrições podem ser comparadas, por exemplo, com a leitura de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo – obra já explicitada no capítulo anterior⁴³.

Em *Becos da Memória*, por exemplo, são muito marcantes os relatos de violência doméstica, alcoolismo, fome etc., dentro do ambiente da favela, como expressões da vida de um povo, que convive com a constante ameaça de remoção alicerçada por injustos processos de reurbanização por parte do Estado.

A marca da ancestralidade no perfil da personagem “Vó Rita”, por exemplo, é articulada à condição da mulher negra – como base da pirâmide social brasileira –, e ao imaginário da *mãe preta*, já mencionada nesta tese. Não à toa tal personagem é considerada a “mãe de todos”, desenvolvendo, inclusive, a função de parteira, na comunidade.

Também merece ser destacado o legado recebido pela personagem “Maria Nova”, a qual já foi comentada nesta tese. Adolescente que observa, critica, indaga e que põe para si a tarefa de escrever outra história para o seu povo, diante da violência. É emblemático, sendo ainda imbricado com a trajetória da própria Conceição, que se vê na personagem, o que nos faz observar um discurso *escreviente* “[...] que é tão político quanto pessoal e poético [...]” (Kilomba, 2019, p.59).

Isto posto, tendo em vista os legados da modernidade capitalista, diante desses exemplos de enfrentamento ao silenciamento, expressos neste item, rumamos agora para aprofundar na trajetória *escreviente* de Conceição Evaristo. Ela é uma marca

⁴³ Não por acaso, Conceição Evaristo já indicou em entrevistas o quanto Carolina de Jesus lhe inspira. No processo de finalização desta tese, em dezembro de 2024, chegou nas livrarias a biografia da referida escritora realizada por Yasmin Santos (2024), intitulada *Conceição Evaristo: voz insubmissa*. Estou em fase de leitura, e trata-se de uma incrível oportunidade de perceber a influência de Carolina de Jesus, na trajetória da nossa escritora.

pulsante do referido enfrentamento diante da realidade brasileira, uma vez que a autora cria o termo que move esta tese.

No intuito de compreender o que a *escrevivência* ajuda a revelar sobre a violência sofrida por mulheres negras no capitalismo, o capítulo a seguir busca, na autoria de Conceição Evaristo, as formas de expressão desta violência, o que nos ajudará na discussão das produções das escritoras do livro “*Raízes*”.

3 ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA POR MEIO DA *ESCREVIVÊNCIA*

3.1 CARTA ENSAIO 3

Oi, Leitora

Continuemos a nossa caminhada por aqui.

Gostaria de reforçar que o objetivo desta pesquisa é analisar o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras no capitalismo, a partir do registro da *escrevivência*.

Para isso, além de contar com a obra “*Raízes*”, que será discutida, fundamentalmente, no próximo capítulo, vejo ser necessário escrever sobre violência na autoria *escrevivente* da própria escritora que cria o termo *escrevivência* – a Conceição Evaristo.

Afinal, o termo em destaque trata de uma prática literária vinculada à resistência do povo negro, portanto, não se vincula a um conceito fechado, mas ao fato de experimentar um processo. *Escrevivência* é um enfrentamento ancestral, pois está na história de luta protagonizada por mulheres negras, contra o apagamento dos seus corpos.

Afirmo isso, pois acredito que você, leitora, assim como eu, deve concordar que não podemos desconsiderar quem *abre caminhos*. Vejo que tal abertura está sendo fundamental, também, para um movimento de autonomia que venho tendo nesta tese, e para a possibilidade de valorizarmos o legado do histórico enfrentamento à violência contra mulheres negras.

Dessa maneira, depois desta tese expor sobre a estrutura da pesquisa e sua fundamentação – por meio do memorial presente no capítulo um –, bem como explicitar o capítulo acerca do “chão histórico” – que fomenta o referido enfrentamento –, o objetivo desta parte é discutir sobre a autoria de Conceição Evaristo, para se chegar à análise do livro “*Raízes*”.

Faço isso, uma vez que esta é uma das mais marcantes intelectuais negras da atualidade brasileira, e é uma inspiração para todas nós, inclusive, para as escritoras do referido livro. Afinal, em uma das apresentações dessa obra, há a menção dos termos “*escrevivência*” e “*Conceição Evaristo*”, destacando que se trata de uma produção *escrevivente*.

Dessa maneira, neste capítulo, é pertinente fazer uma discussão que considere a escrita de Conceição Evaristo, trazendo a sua biografia, como uma mulher negra,

brasileira, oriunda do Estado de Minas Gerais, que vive no Rio de Janeiro, e que, também, já foi muito premiada. Inclusive, em 8 de março de 2024, Conceição tomou posse como integrante da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 40.

Neste capítulo, há também uma exposição da sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011)⁴⁴, por ser, dentre os seus livros, aquele que se dedica a trazer contos sobre a violência sofrida por mulheres negras, através de treze personagens – uma em cada conto. Este livro, como explica Sobrinho (2023), é o primeiro deste gênero da referida autora, e tem a predominância do cenário da violência.

Portanto, rumamos para o terceiro capítulo da pesquisa.

3.2 AUTORIA INSUBMISSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras [...]”
(Conceição Evaristo, 2003, p.1).

Neste item, proponho contextualizar a autoria *escrevivente* de Conceição Evaristo, sobretudo, por meio da sua biografia, a fim de contribuir com a discussão acerca da violência em seu pensamento. Começo com uma frase da autora, expressa na epígrafe, onde já se percebe a marca da “palavra” na sua história.

Conceição Evaristo nasceu rodeada pela oralidade, por meio dos casos contados por seus familiares, especialmente, mulheres. Cresceu em um contexto onde tudo virava histórias. Sua relação com a literatura começou nos fundos das cozinhas das casas de grandes escritores mineiros, onde sua mãe ou tia trabalhavam, bem como nas casas de seus parentes, pois o ambiente de serviços domésticos sempre lhe atravessou.

Uma vez que *escrevivência* é um movimento de experiência, uma escrita imbrincada com uma vivência, saber que a oralidade é uma marca tão presente na vida de Conceição Evaristo, nos ajuda a reforçar o sentido deste termo em empreender uma escrita cotidiana, através da valorização de memórias.

Vejamos: “[...] mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela

⁴⁴ Para a análise desta tese, tive acesso a edição de 2020 do referido livro, referenciada aqui por Evaristo (2020c).

oralidade, pela palavra [...]” (Evaristo, 2003, p.1).

Sua mãe, Joana Josefina Evaristo, exercia atividades de lavadeira, bem como a sua tia, Maria Filomena, com quem Conceição foi morar quando criança. Segundo Evaristo (2009b), ambas ainda eram eficientes em diversos serviços domésticos, o que lhe fez, desde pequena, nos termos da autora, aprender a cuidar do corpo do outro.

Percebo o quanto essa frase carrega o sentido de servidão imposta às mulheres negras, a qual pode ser sintetizada na ideia da *mãe preta*, como explica González (2020a). Tal ideia trata daquela que tinha que cuidar dos filhos da família escravocrata no Brasil colônia, o que nos leva a perceber uma relação direta das mulheres negras com o trabalho doméstico em nosso país.⁴⁵

A mãe de Conceição teve quatro filhas, as quatro *Marias*: Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria de Lourdes Evaristo e Maria da Conceição Evaristo, a nossa escritora. Como afirma Santos (2024): “mãe solo, o único apoio de Joana para criar suas quatro Marias [...] vinha de sua irmã, Maria Filomena, a Lia” (p.33).

Com o padrasto de Conceição, Joana teve cinco meninos. A referida autora aponta que “[...] dos progenitores das meninas se sabe muito pouco, sumiam antes mesmo de saber da gravidez, memórias que a dor calada de dona Joana quis apagar” (Santos, 2024, p.33)⁴⁶.

Segundo Evaristo (2009b), aos sete anos, a autora foi morar com a irmã mais velha da sua mãe, a Maria Filomena, casada com o Antônio João da Silva, o Tio Totó. Isso se deu porque passavam por menos necessidades que a família de Conceição, o que facilitou para que ela pudesse estudar.

Com essa consideração, percebo semelhanças da sua biografia com a obra *Becos da Memória*, da referida autora, que tem o personagem, “Tio Totó”, esposo da personagem “Maria Velha”. Se considerarmos as imbricações que podem acontecer entre fantasia e realidade, ele pode ser exemplificado em Antônio João da Silva, seu tio, comentado acima, também chamado de Tio Totó.

⁴⁵ Quanto a esse tema, sugiro consultar: CARVALHO, M.; SANTOS, W. A mulher preta no mundo do trabalho brasileiro: entre a sujeição e o prestígio social. **Revista Fim do Mundo**. v.2. nº4, jan-abr.2021, p.176-201. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/11119> . Acesso em 12 set. 2024.

⁴⁶ Isso é tão simbólico e violento para nós, mulheres. Nos faz conectar com o próprio processo de violentação das mulheres negras que se encontra no entendimento do que veio a ser a nossa nação, Brasil, com base na discussão de González (2020a) acerca do estupro colonial.

Afinal, como aprendi com Conceição Evaristo, a literatura marcada pela *escrevivência* pode confundir a identidade da personagem, com a identidade da autora, o que endossa o sentido de *escrever*.

Também, como já citei anteriormente, a história de Conceição se confunde com a da personagem “Maria Nova”, na aludida obra. Tal personagem é uma adolescente que se propõe a escrever uma outra história para o seu povo, diante das diversas violências que enfrentavam.

Além disso, a constante ameaça de remoção alicerçada por injustos processos de reurbanização através do Estado, que aparece em *Becos da Memória*, entrelaça com o que Conceição e sua família passaram em Belo Horizonte, cidade onde nasceu, o que motivou a sua mudança para o Rio de Janeiro, conforme indica Evaristo (2009b)⁴⁷.

A autora considera o seguinte a respeito do livro aludido:

[...] Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo de modo quase que inconsciente eu já buscasse construir uma forma de *escrevivência* [...] (Evaristo, 2017b, p.9, grifos da autora).

Ainda enfatizo a seguinte observação acerca das suas afirmações sobre *Becos da Memória*:

[...] busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência* [...]” (Evaristo, 2017b, p. 11, grifos da autora).

Tendo em vista essas considerações, acerca da biografia de Conceição Evaristo, cabe observar o quanto que falar sobre sua vida é permitir um entrelaço com a história do povo negro. Isso significa que discutir acerca da violência em seu pensamento é compreender o “chão histórico”, sinalizado no capítulo anterior, é identificar uma trajetória de opressões, mas, também, de resistências.

Por isso, Evaristo (2009a) considera que a sociedade racista e sexista que enfrenta, desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, influenciou e influi na sua subjetividade, o que impacta a sua escrita.

⁴⁷ Ver também, Santos (2024): *Conceição Evaristo – voz insubmissa*.

Afinal, a autora enfatiza que o ato de escrever nasceu para si como procura de entendimento da vida e, por isso, endossa que cresceu rodeada de “palavras”. Ao mesmo tempo, a leitura lhe foi um refúgio para suportar as opressões que enfrentou durante toda a vida.

Na busca de explicitar a construção da sua autoria *escrevivente*, é pertinente lembrar que Conceição nasceu em 1946, em Belo Horizonte-MG. É poetisa, contista, romancista, ensaísta e mãe de Ainá Evaristo de Brito.

Aos 8 anos, teve o seu primeiro emprego doméstico. Evaristo (2009b) afirma que as suas passagens pelas casas das patroas foram alternadas por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que levava os seus irmãos. Quanto a isso, afirma o seguinte: “[...] ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos [...]” (Evaristo, 2009b, p.1).

Além disso, participava com a mãe e a tia da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Por meio desta atividade que tanto marcou a sua infância, Evaristo (2007) expressa o símbolo criativo da *escrevivência*.

Nesta tarefa de lavagem, a mãe lavadeira desenha o sol no chão lamacento, com um graveto, para chamar este sol, num gesto em que corpo e escrita se comungam.

Ao mencionar esta atividade de sua mãe, Evaristo (2007) nos permite fazer analogias com a *mãe preta* escravizada que cuidava das roupas da “casa grande”. A autora destaca que, ao fazer este ato, a mãe ancestral se encontra de cócoras, em um gesto que nos permite conexão com a terra, com as raízes ancestrais e, portanto, com a história colonial. E foi com esse movimento, como explica Santos (2024), que as mãos de Dona Joana, acostumadas a riscar sóis ao chão, guiaram os dedos de Conceição no exercício da escrita.

Neste sentido, é muito simbólico perceber a escrita para além da alfabetização, como algo amplo que envolve resistência – o que sempre atravessou a vida da autora. Afinal, enfatiza o seguinte sobre a sua adolescência:

[...] eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meus também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho [...] (Evaristo, 2003, p.1).

Este trecho é um exemplo que leva a perceber a violência como uma expressão, inclusive, advinda do próprio Estado, que negligencia ou nega direitos fundamentais a quem trabalha, tais como: alimentação, moradia, saúde etc.

Por isso, é interessante perceber que na obra de Evaristo, a violência aparece como um elemento estrutural, em que ao mesmo tempo que atravessa as relações das suas personagens, como exemplificarei no próximo item deste capítulo, é uma expressão da história do capitalismo. Afinal, segundo Coser (2023): “[...] Conceição integra a diáspora africana nas Américas [...]” (p.31), o que remete à violência indissociável do processo de colonização do continente americano, que marca o surgimento do capitalismo e da modernidade, como vimos no capítulo anterior.

Cabe explicitar que ao crescer, acompanhando e realizando serviços domésticos, Evaristo (2009b) afirma que trocou horas dessas tarefas, nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e, principalmente, pela possibilidade de ganhar livros para si, e para suas irmãs e seus irmãos. Afinal, ler era uma forma vital de ela suportar as desigualdades, e de perceber os limites impostos por este sistema. Acerca disso, afirma o seguinte:

[...] Repito, eu lia. Avançava pela noite adentro, com os olhos cansados da luz de lamparina de querosene, com as narinas infectadas pelo cheiro do combustível, pois só mais tarde, muito mais tarde, a luz elétrica nos chegou como um bem de consumo. Mas, também se instituiu o uso de velas, tornou-se necessário, pelas nossas dificuldades, a economia. E as minhas leituras passaram ser iluminadas pelo fogo brando e pelo cheiro característico da parafina. *Mas foi como se o destino da leitura e da escrita me perseguisse [...]* (Evaristo, 2003, p.1, grifos meus).

E foi justamente com esta marca de persistir na leitura, que Conceição teve acesso ao livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Este livro já foi mencionado nesta tese, e nele a autora narra o seu cotidiano na favela, como catadora de papel, na favela do Canindé na grande São Paulo dos anos 1950.

A mãe de Conceição Evaristo leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Evaristo (2009b) afirma que guardou esses escritos e tende a provar que Carolina criou uma tradição literária. Vejamos o que a Conceição diz sobre esse assunto: “[...] outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu

também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela” (p.1).

Tendo isso em vista, é importante destacar o seguinte trecho, em que Evaristo (2009b) nos mostra a violência do Estado brasileiro com a população das favelas:

[...] Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhanamente para as nossas mãos. Restos (Evaristo, 2009b, p.1).

Diante deste cenário de ausências, que se conectam com violências, inclusive, por meio do Estado brasileiro, cabe explicar que a partir dos seus 17 anos, Conceição viveu intensamente discussões relativas à realidade social brasileira. Isso se deu por meio de sua inserção no movimento da Juventude Operária Católica (JOC). Evaristo (2009b) explica que, como outros grupos católicos da época, este promovia reflexões que visavam comprometer a Igreja com a realidade do país. Todavia, endossa que as questões étnicas só entrariam objetivamente em suas discussões na década de 1970, quando houve a sua migração para o Rio de Janeiro.

Diante de uma trajetória marcada pelo racismo e pela necessidade de trabalhar desde criança, os estudos de Conceição sofreram várias interrupções. Foi pelo incentivo na JOC, como explica Santos (2024), que Conceição retomou os estudos e concluiu o curso ginásial em 1968, aos 22 anos.

Em 1971, nossa escritora havia terminado o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais e, em 1973, a autora vai para o Rio de Janeiro, com ajuda de amigos, depois de ter feito concurso naquele mesmo ano, para professora primária. Sendo assim, por décadas, esteve como professora da rede pública de ensino da capital fluminense.

Conceição se graduou na terra carioca, sendo formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tornando-se, em 1996, mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), e, em 2011, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

A autora iniciou as suas publicações na Série *Cadernos Negros*, nos anos 1990, embora explicita que só se tornou reconhecida recentemente. Em entrevista ao *BBC News Brasil*, Evaristo (2018c) nos provoca, indagando: “que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da

literatura só aos 71 anos?” (p.5).

A experiência de enfrentamento ao apagamento colonial, por meio da escrita, é uma atividade que já vem sendo experienciada há muito tempo pelo povo negro em nosso país⁴⁸. Todavia, a pergunta acima de Evaristo (2018c), nos faz refletir que o reconhecimento desta escrita se deu de forma muito letárgica, tendo em vista o racismo e a discriminação de gênero em nosso território.

Coser (2023) afirma, ao analisar a obra de Conceição Evaristo, inclusive com base em entrevistas da autora, que o reconhecimento e a recepção das produções dela se deram no exterior bem antes – desde a década de 1990 –, e de forma mais positiva do que em nosso próprio país.

Evaristo (2018c) considera que, em todas as áreas, os/as poucos/as negros/as que conseguem uma ascensão social são vistos como histórias de exceção. E por isso nos provoca dizendo que estas histórias devem ser ilustradas para se pensar a regra. Dessa maneira, a autora enfatiza que vê outras expoentes na literatura que às vezes tem idade para serem suas netas, mas como vêm de um grupo social diferenciado do seu, são mais jovens, são brancas etc., logo são reveladas.

E quanto a esse reconhecimento tardio de pessoas escritoras negras, é interessante se pensar, por exemplo, que os *Cadernos Negros* existem de forma ininterrupta desde 1978. Conforme o *site* do Coletivo *Quilombhoje*, que criou a referida série, durante toda a história brasileira, sobretudo no pós-abolição da escravatura, tivemos afrodescendentes que ousaram adentrar o campo da criação literária, como: Carolina Maria de Jesus, a qual já comentei, e Lima Barreto.

Cabe destaque que a partir dos anos 1970, a produção literária afro-brasileira dinamizou-se bastante por conta da criação dos referidos *Cadernos*, os quais são publicados sem interrupção um volume por ano, fomentando não apenas a literatura de pessoas negras, mas a produção literária das periferias.

Contudo, cabe mostrar, com base em Ratts (2021), que até o início da década de 1980, quase nenhuma mulher negra acadêmica tinha um livro autoral ou coautoria.

O referido autor ainda acrescenta que, no campo da história e da historiografia, por exemplo, a intelectual Beatriz Nascimento era provavelmente a única mulher

⁴⁸ Isso se configura dentro dos marcos abolicionistas do século XIX, no Brasil, com o próprio exemplo de Maria Firmina dos Reis, mencionado no capítulo anterior. Por meio do seu romance *Úrsula* (1859), Evaristo (2009a) afirma que tal autora é a primeira romancista, e a primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil.

negra no circuito dos estudos sobre “escravidão”. E afirma que no âmbito das relações raciais, especialmente nos núcleos de Rio de Janeiro e São Paulo, havia vários homens brancos e poucas pessoas negras como pesquisadoras.

Por isso, cabe a explicação de Evaristo (2017d) ao comentar que se para algumas mulheres o ato de escrever está vinculado à afirmação de autoria, diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, no caso das mulheres negras, esse sentido é redobrado. Portanto, tal sentido está imerso nas opressões, também, racistas, que fazem com que Conceição Evaristo – que hoje possui 78 anos – esteja gozando do seu reconhecimento na sociedade brasileira somente há pouco mais de meia década.

Ainda sobre a biografia da autora – tema desta seção da tese, cabe mostrar que no que diz respeito às suas publicações, conforme Literafro (2024), destaca-se as seguintes obras individuais: *Ponciá Vicêncio* (romance/ 2003); *Becos da Memória* (romance/ 2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos/ 2011); *Olhos d'água* (contos/ 2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (contos e novela/ 2016); *Canção para ninar menino grande* (novela/ 2018); *Azizi, o menino viajante* (conto/ 2017); *Não me deixe dormir o profundo sono* (conto/ 2020); *Fio de prumo* (conto/ 2020); *Macabéa, flor de Mulungu* (conto/ 2023)⁴⁹.

Além disso, Literafro (2024) nos mostra 44 textos de Conceição Evaristo publicados em antologias, sobretudo nos *Cadernos Negros*, e 23 textos de não-ficção, além de vários materiais sobre crítica e consultas que envolvem a autora⁵⁰.

Acerca do seu acervo bibliográfico, é interessante constatar que o seu livro *Becos da Memória*, por exemplo, esperou cerca de 20 anos para ser publicado. Produzido no final dos anos 1980, o livro veio a público somente em 2006. E esta demora diz muito sobre as faltas de oportunidades oferecidas às pessoas negras, conforme estamos refletindo.

Vejamos o que Evaristo diz sobre isso:

A primeira obra que eu escrevi, *Becos da Memória*, ficou guardada durante 20 anos. Eu mandei para várias editoras. O texto literário, no

⁴⁹ A obra estabelece diálogo com *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

⁵⁰ Vale a pena conferir no seguinte link: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>.

caso da autoria negra, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita (2018c, p.3).

Com base nesta reflexão da escritora, ainda cabe problematizar que, quando os textos de autoria negra tratam de temáticas folclóricas ou não são tão combativos, tendem a ser mais aceitos por avaliadores. Contudo, quando questionam as relações raciais brasileiras tendem a sofrer represálias.

Tal fato me fez lembrar a ausência do debate acerca das relações raciais brasileiras em minha formação acadêmico-profissional, no que diz respeito ao Serviço Social, como comentei no primeiro capítulo. Me fez pensar, também, conforme a provocação da autora, o quanto que os estudos sobre a escravidão no Brasil existem há muito tempo, mas tende a chegar até nós os estudos explicados, sobretudo, por homens brancos, e advindos das famosas escolas de ciências sociais do estado de São Paulo.

Por isso, considero pertinente a explicação de Kilomba (2019), ao asseverar que:

“[...] escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimado/a” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada [...] (p.28, grifos da autora).

Ao percebermos a escrita como um ato de descolonização, como afirma Kilomba (2019) nesta citação, podemos reforçar que embora a colonização – relações formais de dominação colonial –, tenha se extinguido, as suas manifestações ainda resistem, se perpetuando, atestando o sentido de colonialidade. Isso contribui para o apagamento denunciado por Conceição Evaristo, e para constatarmos o seu reconhecimento tardio.

Afinal, como nos lembra Coser (2023), em relação a obra de Conceição Evaristo: “[...] os focos principais incidem sobre a vivência da mulher negra e pobre, com as sombras e ecos da escravidão pairando sobre o presente [...]” (p.39). Ou seja, as marcas coloniais ainda nos atravessam na contemporaneidade, e a obra de Conceição Evaristo revela isso. Também podemos exemplificar essa consideração, com demais produções de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira, por meio da dança, da música, da culinária, e da escrita, segundo Evaristo (2009a).

No caso da produção desta autora, observamos um enfrentamento através de uma escrita que se funde com a realidade social brasileira. Logo, pobreza, racismo, segregação social e territorial, fome etc. atravessam as temáticas acerca da violência em sua obra. Além disso, destaco os temas que Coser (2023) remete, como: maternidade, viuvez e casamento. Tudo isso entrelaçado à sua condição de mulher negra.

Para finalizar o presente item, acerca da autoria *escrevivente* de Conceição Evaristo, listo a seguir algumas de suas premiações, com base em Literafro (2024).

O seu primeiro prêmio de literatura foi na infância, no ensino primário, em 1958, quando venceu um concurso de redação. Esta tinha o seguinte título: *Por que me orgulho de ser brasileira*. Em 2015, a autora conquista o *Prêmio Jabuti*, na categoria Contos e Crônicas, com o seu livro *Olhos d'água*. Em 2018, recebeu o *Prêmio de Literatura* do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Em 2022, tomou posse como titular da *Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência*, da Universidade de São Paulo (USP). Em 2023, foi agraciada com o *Prêmio Intelectual do Ano*, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE), e eleita imortal pela *Academia Brasileira de Cultura*, a qual foi criada em 2021.

Também, em 2023, foi fundada a “Casa Escrevivência”, idealizada por Conceição Evaristo. Trata-se de um local que é um acervo bibliográfico e artístico, o qual, não por acaso, se situa em uma região conhecida como “Pequena África”, no Rio de Janeiro. Lá, há vários pontos simbólicos que remetem à população preta, a exemplo de estar próxima ao Cais do Valongo, principal local de desembarque e comércio de pessoas negras escravizadas nas Américas. A casa fica no Largo da Prainha, no bairro da Saúde, região portuária da capital fluminense⁵¹.

Ainda quanto a biografia da autora, cabe destacar que, em 2024, ela tomou posse como integrante da *Academia Mineira de Letras*, ocupando a cadeira de número 40. Sobre isso, é pertinente mencionar o que Conceição comentou ao *Jornal Nacional* (2024): “alguma coisa há pra se arrumar na sociedade brasileira, pra que não seja mais uma exceção uma mulher negra chegar na academia mineira de letras, ou em outras academias, ou em outros espaços de poder” (p.2).

Afinal, conforme a referida fonte, a aludida Academia foi fundada em 1909 e,

⁵¹ Entrei em contato com o espaço em dezembro de 2023, quando estive no Rio de Janeiro, mas na data não era possível a visita.

desde então, Evaristo é apenas a 10ª mulher a ocupar uma cadeira e a primeira negra. Isso me fez lembrar um registro de KARINE BASSI (2018), no livro “*Raízes*”, no qual a autora, ao destacar a ausência da valorização das mulheres negras, como Evaristo mencionou, denuncia que estamos a exigir isso, devido à histórica opressão presente em nossa sociedade.

Portanto, antes de rumar para as considerações sobre violência em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo, vejamos o que nos diz KARINE BASSI (2018):

Vimos cobrar mais de 500 anos de história,
 Resgatar nossa cultura e memória,
 Escrever um novo caminho por mulheres cabulosas,
 Em poemas, contos, verso ou prosa.
 Histórias da qual com glória conquisto
 Como a nossa grande Conceição Evaristo
 Um novo rumo,
 Pois aprendi com Elza Soares
 A ser “A mulher do Fim do MUNDO” (p. 100)

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“[...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência*” (Conceição Evaristo, 2020c, p.7, grifos da autora).

Diante da trajetória da escritora exposta anteriormente, focarei em uma de suas obras, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, uma vez que retrata, fundamentalmente acerca da violência sofrida por mulheres, que ronda o objetivo da presente tese.

Ao estudar as marcas dessa opressão no corpo literário feminino, Duarte (2023) constata que sempre sentiu falta de produções que trabalhassem as dores da violência física, como explica no seguinte comentário:

a ausência da temática da violência nos escritos de autoria feminina sempre me incomodou. Como nossas escritoras ignoram um tema tão urgente e palpitante? Em que livros estão as marcas literárias do espancamento, do estupro e do aborto a que cotidianamente as mulheres são submetidas, e os jornais não cansam de noticiar? Refiro-me, naturalmente, à violência física, cujas cicatrizes são visíveis, e não à que Bourdieu chamou de simbólica, como a humilhação, a ofensa, o desprezo, que também machucam e são

cotidianas. Para essas, há inúmeros exemplos na literatura, e Clarice Lispector é uma mestra. [...] Mas eu queria mais. Afinal, não passa uma semana sem que os jornais noticiem o assassinato de uma mulher pelo companheiro vingativo, ou um dia sem que uma mulher seja espancada e violada, apenas por ser mulher (Duarte, 2023, p. 215).

Quando conheceu as escritoras dos *Cadernos Negros*, a referida autora percebeu a recorrência desta temática, vinculada, ainda, ao cotidiano feminino e calcada em uma perspectiva étnica e feminista.

Dentre as diversas escritoras que se encontram na referida publicação, Duarte (2023) destaca Conceição Evaristo, afirmando que na sua obra predominam as angústias, os temores, a sexualidade, a força e a generosidade femininas, tendo as imbricações de gênero, classe e etnicidade, assuntos que são de seu interesse.

[...] As personagens de Conceição Evaristo explicitam todo o tempo o seu pertencimento a um grupo social que tem na pele a cor da exclusão, não importa se crianças, donas de casa, empregadas domésticas ou mulher de bandido: a angústia e o sentimento de injustiça são sempre os mesmos (Duarte, 2023, p.216).

No livro que aqui priorizo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, Conceição retrata a história de treze mulheres, por meio da voz de uma narradora que provoca as personagens a contarem as suas trajetórias – a relatar dores, medos, traumas ou violências que já sofreram. É essa narradora que lembra quem lê o que já foi contado, enfatizando o seu gosto por aquela escuta, e por se reconhecer naquelas explicações.

É pertinente destacar que a referida narradora se sente próxima das personagens, por compartilharem da mesma condição social de mulheres negras, embora nem em todos os contos, Evaristo (2020c) deixe explícito um dilema racial. Contudo, como afirmou ao *Nexo Jornal*, em 2017, a sua escrita é contaminada por sua condição de mulher negra. Consequentemente, esta característica atravessa o livro aludido, bem como o conjunto da sua produção literária.

Por isso, embora sejam histórias de outras mulheres, no *Insubmissas*, Conceição enfatiza que continua no ato de traçar uma *escrevivência*, como aponta a epígrafe desta seção, que expressa um trecho da apresentação da referida publicação. Tal fato nos leva a observar que no conjunto desta obra, tanto a autora, quanto as suas personagens, desenvolvem *escrevivência*.

O referido livro é uma narrativa na primeira pessoa do singular, na qual a autora nos deixa na dúvida se é ela própria, a Conceição Evaristo – ou não – que conheceu aquelas personagens, o que a faz construir, portanto, uma linha tênue entre fantasia e realidade. Quanto à essa característica, Duarte (2023) esclarece que: “[...] com habilidade e competência, ela joga com o leitor o tempo todo. Tudo parece falso e ao mesmo tempo verdadeiro nesta obra, a começar pela autobiografia, em que as personagens relatam suas vidas, mas é uma outra que registra [...]” (p. 222).

Além disso, cada personagem possui um nome carregado de significados, que são desvendados ao longo da narrativa, sendo esses nomes os títulos dos próprios contos.

A forma como Conceição mantém a sua marca poética, em meio a dor tão comum e tão atual na vida de mulheres negras, é algo que toca bastante quem a lê. Dessa maneira, analisar uma obra literária é considerar as múltiplas e distintas marcas que podem aparecer entre as pessoas que investigam sobre literatura.

Isto posto, considerando que o objetivo geral desta pesquisa é analisar o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras no capitalismo, a partir do registro da *escrevivência*, buscando o que essa forma de expressão nos revela, cabe destacar, de forma geral, os seguintes conteúdos sobre violência no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*.

A presença da violência física e sexual, bem como do racismo, são marcas gritantes. Os relatos das personagens também expressam traumas e medos que se vinculam a dilemas acerca da identidade das mulheres, e à busca pela liberdade feminina, sobretudo, tendo em vista as opressões sociais relativas a gênero, classe e raça. Ainda aparecem elementos que nos remetem ao período da escravização brasileira, bem como os impactos disso, hoje, na vida de mulheres negras.

Para realizar a análise do livro, mostrarei a discussão por itens, que são nomeados pelas personagens centrais dos contos, como será mostrado a seguir.

3.3.1 Rose Dureis e Adelha Santana Limoeiro

No conto de *Rose Dureis*, ao Conceição relatar questões que envolvem a vida e a sua finitude, é possível perceber reflexões acerca de dilemas humanos. Ela faz isso por meio de analogia ao balé, uma vez que a personagem é dançarina, e soube driblar as opressões da vida como em precisos passos de dança. A debilidade

expressa pela protagonista é algo que deixa várias questões, e nos leva a pensar o impacto do racismo e da pobreza na saúde da população negra.

Rose Dusreis dizia:

– Eu nasci com o pendor da dança, embora para a minha família, isso não significasse nada – [...]. Dançar não nos oferecia nenhum sustento para a sobrevivência. – continuou ela – não comemos dança, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de balé a que eu assistia lá [...] (Evaristo, 2020c, p. 107-08).

A personagem estudava em uma escola pública, e almejava um curso de balé privado. A mesma professora que oferecia aulas de música, dentro da grade escolar, dava as aulas dessa dança em outro turno. Contudo, enquanto na sala de aula era severa, a referida professora era gentil para o grupo específico de meninas que cursavam o balé, as quais Conceição Evaristo nos permite ler como brancas.

Quando a personagem *Rose Dusreis* informou que gostaria de entrar nessas aulas de dança, mesmo não podendo pagar, mas oferecendo como troca o serviço de lavadeira de sua mãe, a professora informou que o seu tipo físico não era para balé.

Isso permite quem ler identificar segregação em função da cor da pele da personagem, uma vez que ela só tinha oito anos, e durante toda a sua trajetória de dançarina, que se perpetuou depois desse episódio, disse que era: “[...] uma das poucas, se não a única bailarina negra do grupo [...]” (Evaristo, 2020c, p. 113).

O conto relata ainda quando *Rose*, criança, se preparava para uma apresentação de dança na escola, onde seria a *bonequinha negra*. E, na semana do evento, sem nenhuma explicação ou justificativa, foi substituída por uma menina branca, pintada de preto. Tal situação racista nega a identidade de pessoas negras ao não lhes possibilitar estar em espaços de destaque.⁵²

Afinal, o “padrão de beleza”, defendido pelo capitalismo, ainda é associado ao *sujeito universal*, já mencionado nesta tese. Tal modelo está articulado a uma pessoa que é masculina, branca, da elite, advinda de grandes centros, heterossexual etc., o

⁵² Santos (2024) narra que esse episódio aconteceu fielmente na infância da nossa autora, Conceição Evaristo, o que acentua a sua íntima relação com as personagens que cria. Ela encenou na escola a *bonequinha preta*, com base na obra de mesmo nome, de Alaíde Lisboa de Oliveira. E depois foi preterida por uma criança branca. Vejamos: “a tristeza maior foi descobrir quem interpretaria *A bonequinha preta* no ano seguinte: Maria do Carmo, uma menina branca. [...] Ser aquela personagem não era só diversão, mas uma forma de reconhecimento, de se ver como pertencente àquele espaço, de se ver além do porão [...]” (p.59, grifo da autora).

que nos leva a pensar diversas opressões que surgem ao não estarmos vinculadas e vinculados a este padrão.

Assim, é pertinente comentar que no conto de *Rose Dusreis*, Evaristo (2020c) nos mostra que ao mesmo tempo em que a referida personagem se profissionalizava na dança, alçando novos espaços, o seu sangue vinha se “descolorindo”: “[...] de vermelho tinto vai se embranquecendo [...]” (p.114). Nesta parte do conto, a autora faz analogia com a anemia que atingiu a personagem, ao fato de ela estar ocupando espaços em que tradicionalmente eram apenas para pessoas brancas.

Observemos esta citação: “[...] uma fraqueza vai me tomando na mesma proporção que a dança me plenifica mais e mais de prazer [...]” (Evaristo, 2020c, p.114). Ou seja, quanto mais a personagem ocupava tais espaços, a sua anemia se aprofundava.

Tal reflexão colocada pela autora não se configura como um reforço à segregação racial. Pelo contrário, Evaristo (2020c) usa uma linguagem poética para relatar os desafios impostos pelo racismo, no enfrentamento à essa separação imposta pela sociedade.

Neste conto, a autora ainda aproveita para relatar uma dança de povos africanos, na região de *Kendíá*, onde a aprendizagem da bailarina *Dusreis* foi além da dança. “[...] Ali ela aprendera o bailado da existência [...]” (Evaristo, 2020c, p.115). Assim, Conceição traça similitudes da dança, com a vida humana e a sua finitude.

Isto posto, ao comentar sobre fim da vida, cabe trazer o conto de *Adelha Santana Limoeiro*. Em sua história, o seu marido não se conformava com o envelhecimento, e justamente o do seu *falo* era o que mais lhe incomodava. O homem queria recuperar tempos de outrora e a esposa o acolhe.

Contudo, ao fazer isso, *Adelha* demonstra que era sua a culpa do que vinha acontecendo com o seu companheiro, o que é muito comum de acontecer na vida das mulheres. Esta é uma característica patriarcal, que revela uma subjugação feminina e também expressa uma violência. Vejamos como tal fato aparece no referido conto:

[...] fingidamente, inventei estar em mim uma limitação que não era e nem é minha. Quem sabe, não estaria no meu corpo a causa da sua anunciada morte? Quem sabe não viria de mim a causa de um desejo tão amolecido dele? – perguntei, ou melhor, quase afirmei para ele. E, desde então, dei asas ao velho, para que ele, na ignorância, na teimosia, no orgulho ferido de macho, voasse em busca daquilo que não se recupera, o vigor da juventude [...] (Evaristo, 2020c, p.40).

Neste conto, é interessante observar que ao mesmo tempo em que *Adelha* sente que a culpa não lhe pertence, não sustenta essa opinião diante do marido, colocando para si uma dificuldade que é dele. Tal situação promove a indagação se a personagem estaria se protegendo de uma possível violência, seja do esposo ou de outras pessoas.

Afirmo isso, uma vez que a sociedade patriarcal, se vale, também, da virilidade masculina como sinônimo de força, e o conto retrata a sexualidade do companheiro de *Adelha*, destacando o envelhecimento do seu *falo*. Justamente por isso a personagem sugere que ele se envolva com mulheres mais jovens, as quais *Adelha* chegou até as sustentar financeiramente. Fez de tudo para poupar o marido do constrangimento, tomando para si a tarefa de o reestabelecer.

Ao continuar a comentar acerca das marcas da violência no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, apresento agora os contos das personagens que retratam violência física e sexual.

3.3.2 *Aramides Florença, Shirley Paixão, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel*

A personagem *Aramides Florença* relata situações sutis de violência física, cometidas pelo pai do seu filho, até culminar em um estupro, o qual é comprovado na seguinte citação: “[...] numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho [...]” (Evaristo, 2020c, p. 17).

Outro conto que traz a mesma violência é o de *Shirley Paixão*. Ela conta a história da sua *confraria de mulheres*, e o seu ato de bravura para defende-la, sobretudo, diante do fato de o seu companheiro estuprar a própria filha. A personagem afirma que ele puxou a adolescente violentamente, “[...] modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos [...]” (Evaristo, 2020c, p. 31). Ao flagrar a violência, *Shirley* tentou matá-lo e chegou a ser presa, mas, sobretudo, o referido agressor também.

O caso de *Shirley* nos leva a refletir sobre resistência de mulheres negras, ao explicar que, apesar de ter ficado três anos presa, no momento em que relatava esse fato no conto, já tinham passado quase trinta anos da referida violência. E, por isso,

afirmou o seguinte: “[...] a nossa irmandade, a *confraria de mulheres*, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta [...]” (Evaristo, 2020c, p. 34, grifo meu).

Tal afirmação me fez conecta-la com o poema “Vozes Mulheres” (Evaristo, 2019a), epígrafe desta tese, no qual Conceição relata a exploração transgeracional enfrentada por mulheres negras. Todavia, reflete que hoje as nossas vozes ecoam a possibilidade da liberdade, ecoam o grito que rompeu, a meu ver, a *máscara* de *Anastácia*, explicitada na introdução desta pesquisa⁵³, e a violência enfrentada pela *confraria de mulheres*, a qual *Shirley Paixão* explica.

Outro conto do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* que também retrata uma violência sexual é o de *Isaltina Campo Belo*. A personagem foi violentada por meio de um estupro “corretivo e coletivo”, em função de dúvidas e anseios relacionados às suas identidades de gênero e orientação sexual. Quem promoveu o desenrolar dessa violência foi um rapaz que quis namorá-la. Segundo o relato de *Isaltina* no conto, este homem afirmava com fervor que tinha certeza do seu “fogo”, por ela ser uma mulher negra! O que acentua a ideia de objetificação dos corpos negros, por meio da hipersexualização.

Desse modo, com base nesses contos que nos levam a pensar a violência sexual, é pertinente destacar que, em 2023, de acordo com *Fórum Brasileiro de Segurança Pública* (2024), o Brasil atingiu um novo recorde de estupros e estupros de vulneráveis consumados – 83.988 vítimas. O país chegou a registrar um crime de estupro a cada 6 minutos, segundo a referida fonte.

Tal documento também afirma que, desde 2011, vítimas de estupro ou estupro de vulnerável no Brasil tem atingido novos recordes. Em um período de 13 anos, até 2023, o crescimento do número de vítimas chegou a 91,5%.

A mesma fonte revela que as vítimas de estupro são, de forma geral, femininas (88,2%), negras (52,2%), de no máximo 13 anos (61,6%), que são estupradas por familiares ou conhecidos (84,7%) – como nos contos citados, escritos por Conceição Evaristo –, e dentro de seus próprios lares (61,7%)⁵⁴.

⁵³ Ver o início a introdução da tese. Trata-se da imagem da escravizada *Anastácia* usando uma peça de metal que objetivou criar um senso de mudez nas pessoas escravizadas. A foto foi retirada do livro *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba.

⁵⁴ Diante dos dados citados, torna-se pertinente comentar acerca do Projeto de Lei 1.904/2024, de autoria do deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), que propõe igualar o aborto legal em idade gestacional acima de 22 semanas, inclusive em casos de estupro, ao

No que diz respeito ao perfil étnico-racial das vítimas, *Fórum Brasileiro de Segurança Pública* (2024) mostra um trabalho recente, o qual analisou dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde. Neste documento, há a informação de que a proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência sexual saltou de 56,4% dos registros em 2012, para 63,2% em 2021. Além disso, as taxas de vitimização para mulheres negras foram superiores às de mulheres brancas em toda a série histórica analisada (2012-2021).

Tais dados asseveram a relevância da obra de Conceição Evaristo ao denunciar, também, esse tipo de violência sofrido por mulheres negras. Além de convocar à reflexão e ao enfrentamento desta expressão que atravessa a realidade brasileira.

No que diz respeito à Lesão corporal dolosa, *Fórum Brasileiro de Segurança Pública* (2024) apontou, em 2023, 258.941 vítimas mulheres. Também descreve diversos tipos de violência contra a mulher, como assassinatos, nas modalidades consumadas e tentadas, bem como agressões em contexto de violência doméstica: ameaça, perseguição, violência psicológica e estupro. Ao expor isso, a referida fonte constata que quando somados todos esses tipos, chegam-se a 1.238.208 de vítimas mulheres, somente em 2023. E ao levarmos em consideração o perfil das mulheres mortas de forma violenta, observamos que são negras (66,9%), e com idade entre 18 e 44 anos (69,1%).

Essas informações podem ser exemplificadas com o conto da personagem *Lia Gabriel*, do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* aqui analisado. A violência relatada foi motivada quando a personagem afirmou que a comida do seu marido

crime de homicídio simples. Isso valeria mesmo em casos de estupro de vulneráveis, o que significa que a pena para quem aborta poderia ser maior do que para quem pratica o estupro. Veja, uma criança violentada chegaria a ser mais punida do que quem a agrediu. Tal proposta configura como mais um dos artefatos da extrema-direita brasileira, que além de retroceder ainda mais em uma legislação já tão atrasada para as mulheres, no que diz respeito ao aborto no Brasil, ainda indica o interesse dos congressistas apoiadores em acirrar o controle sobre os corpos das mulheres. No dia 12 de junho de 2024, por exemplo, a Redação do *Jornal Brasil de fato* (23/06/2024) disse que o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), pautou a votação do requerimento de urgência sem aviso e sem anunciar o número do Projeto, para que o documento avançasse a “toque de caixa”. Contudo, diante das diversas manifestações contrárias, nas ruas e nas redes sociais, houve recuo do Presidente da Câmara, ao considerar que há possibilidades de mudanças no texto do documento, e ao pautar a votação para mais adiante.

estava pronta, só bastava ele esquentá-la no forno, o que foi motivo para um espancamento.

[...] Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou a minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia [...] (Evaristo, 2020c, p. 101).

Além de relatar a recorrência da agressão física, o que exemplifica os dados mencionados acerca de Lesão corporal dolosa sofrida por mulheres, o conto mostra a violência patrimonial⁵⁵. Pois após *Lia* sair de casa com os filhos para se livrar das dores, constatou o seguinte ao retornar: “[...] todos os compartimentos estavam vazios. Nem uma cama ele deixou. Por vingança havia levado tudo, inclusive as nossas roupas [...]” (Evaristo, 2020c, p.98).

A descrição realizada por Conceição neste conto, chega a trazer, também, cenas que nos lembram a escravização no Brasil, ao mencionar a tortura pelo *chicote*. O marido de *Lia* chegou a agredi-la, até mesmo, quando a personagem estava com o filho nos braços.

[...] ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei o meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava [...] (Evaristo, 2020c, p. 102).

Ao mencionar a tortura pelo *chicote*, cabe comentar que a seguir são apresentados os contos que convocam à reflexão acerca do período da escravização no Brasil, com exemplo de violências. Vejamos.

⁵⁵ A lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida com a *Lei Maria da Penha*, define a violência patrimonial como uma forma de violência doméstica e familiar contra a mulher, e a estabelece “[...] como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades” (p.1).

3.3.3. *Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Regina Anastácia*

Quando *Maria do Rosário* era criança, um casal de estrangeiros chegou em seu vilarejo com um jipe, oferecendo passeios para a criançada. Ela informou o seguinte no conto: “[...] subimos contentes e o carro aos poucos foi ganhando distância, distância, distância...[...]” (Evaristo, 2020c, p. 45). A personagem foi roubada na infância e teve que lidar até com as seguintes situações:

[...] Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava, acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles (Evaristo, 2020c, p. 51).

Esta citação nos leva a pensar a perpetuação das marcas coloniais na atualidade. É possível observar que o padrão de dominação colonial pode ser compreendido como um processo amplo, que não se limita às relações formais colonialistas, como já foi mencionado nesta tese. Tais relações, em tese, já se findaram, como, por exemplo, através da independência das colônias americanas no século XIX das quais o Brasil se constituiu.

Além do relato presente no conto de *Maria do Rosário*, a título de ilustração dessas marcas, podemos comentar que em 2023, só em atividades rurais, foram resgatadas 2.663 pessoas em situações análogas à escravidão. Esses dados são do *Jornal Brasil de Fato* (Mendes, 2024), onde tais informações foram divulgadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), a qual contabilizou essa quantidade de vítimas retiradas, em 251 casos de trabalho escravo denunciados.

Conforme a referida reportagem, entre os estados brasileiros, Goiás foi o que teve o maior número de trabalhadores resgatados dessas situações: foram 699 no total. Em seguida, vem Minas Gerais com 472 resgates, e Rio Grande do Sul com 323. A informação aponta que, entre os casos deste último estado, tem maior relevância o da *Fênix*, empresa terceirizada que prestava serviço para as vinícolas *Aurora*, *Garibaldi* e *Salton*, onde 210 pessoas foram resgatadas na colheita da uva.

Tais marcas coloniais ao mesmo tempo em que revelam violência, expressam

resistência, pois o conto de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, acerca da história de *Regina Anastácia*, mostra como ela e sua família enfrentaram o poderio colonial para se refazerem. Eles confrontaram herdeiros latifundiários que se colocavam como os donos da cidade onde moravam.⁵⁶

É notório o papel de objetificação de mulheres negras neste relato, o que nos leva a trazer reflexões de Lélia González sobre a sexualização dessas mulheres.

Ao discutir sobre a história brasileira e o papel da mulher negra, a autora constata os engendramentos da *mulata* e da *doméstica*. Estes são criados em nossa formação nacional a partir da figura da *mucama*, aquela destinada aos serviços caseiros, e a acompanhar os filhos da família escravocrata, com contação de histórias, por meio da própria ideia da *mãe preta* já exposta nesta tese.

González (2019) revela que *mucama* consta com sua origem linguística do *quimbundo*⁵⁷, tendo o significado de “amásia escrava”, o qual é ocultado na definição oficial do verbete do *dicionário Aurélio*. Este reduz o termo apenas ao trabalho desenvolvido, o que favorece o esvaziamento da exploração, conforme a análise da autora.

Ainda de acordo com González (2019), o engendramento da mulher negra brasileira como *mulata* é voltado para o ideário de um “produto importação”. Isso significa mulheres negras serem induzidas à exposição de seus corpos, para o deleite do voyeurismo de turistas e representantes da burguesia nacional, nos termos de González (2020a). Tal questão, segundo a autora, favorece a reprodução do velho ditado “[...] *preta para casar, mulata para fornicar e branca para casar* [...]” (p.59, grifos meus). Vejamos como isso aparece no conto de *Regina Anastácia* no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*:

[...] Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada que trabalhava

⁵⁶ O nome *Regina Anastácia* permite analogia com a imagem de *Anastácia* que abre esta tese, pois a personagem do conto analisado também se associa à rebeldia, assim como aquela que enfrentou o poder colonial e foi castigada com a *máscara* de metal, ilustrada na introdução.

⁵⁷ Tratava-se da língua falada em Angola e no sul do Zaire, segundo a autora.

com eles [...] (Evaristo, 2020c, p. 137).

A fim de continuar a comentar acerca dos contos do referido livro, como marcas da violência, ainda aparecem dilemas acerca da identidade das mulheres, e à busca delas pela liberdade, enfrentando opressões. Isto revelou a recorrência de relatos que explicitaram medos e traumas das personagens, advindos, sobretudo, das suas condições de gênero e de raça, como veremos no item a seguir.

3.3.4 *Natalina Soledad, Mary Benedita, Líbia Moirã, Saura Benevides Amarantino e Mirtes Aparecida da Luz*

Natalina Soledad conviveu com opressão e desprezo da família, sobretudo, pelo seu pai a rejeitar por ter nascido mulher. Em seu conto, como consequência disso, a mãe também a rejeitou, e ela cresceu solitária e indiferente aos seus. O seu nome de nascença era “Troçoléia Malvina Silveira”, advindo da depreciação que sofria. A personagem cresceu com o intuito de criar para si outro nome, e assim o fez, quando adulta, após os 30 anos, chamando-se *Natalina*.

O conto de *Mary Benedita* mostra também a construção da autonomia das mulheres, em função das marcas tradicionais de uma família que não estava acostumada a lidar com mulheres que faziam as suas próprias escolhas. A personagem encontra na tia alguém que não só lhe inspira, e lhe incentiva, mas lhe ajuda a fugir dos padrões impostos pela sociedade, e a se conhecer.

Contudo, *Mary* se automutila e exibe cicatrizes em seu corpo, o que nos faz pensar dilemas relativos à saúde mental de mulheres negras, levando-nos a refletir sobre demandas de autoextermínio, que também é uma violência.

Líbia Moirã, por exemplo, sempre sofreu com pesadelos, acordando aos gritos e aos choros, o que a levou até a tentativas de suicídio, no intuito de tentar suprimir tal dor. Foi se curar com mais de cinquenta anos, percebendo que isso se conectava a um trauma relacionado ao fato de ter presenciado o nascimento do seu irmão.

Este conto relata um processo de ressignificação da vida, e nos leva a refletir sobre dilemas existenciais, conectados ao racismo.

Outra história presente no livro é a de *Saura Benevides Amarantino*, que mostra a busca da sua autonomia e o desprezo que teve por sua filha. Isto se deu pelo fato de a criança ter sido fruto de uma relação que se associou a traumas. Assim, o pai a

levou embora e assumiu sozinho os cuidados, já *Saura* sofreu julgamentos por ter feito esta escolha.

É pertinente destacar que homens “abortam” recorrentemente, a exemplo dos companheiros de *Aramides* e de *Lia Gabriel*, já citadas neste capítulo da tese. Após violentarem as suas esposas, os maridos das personagens simplesmente sumiram. Diante disso, cabe indagar se homens que “abortam”, ao não assumirem a responsabilidade como pais, sofreriam as mesmas críticas que *Saura*, sendo uma mulher, sofreu.

No conto de *Mirtes Aparecida da Luz*, por exemplo, o seu marido se atormentava em suas imaginações de como o bebê deles nasceria, uma vez que *Mirtes* tinha deficiência visual e estava grávida. De tanto se atormentar, ele se mata. Estaria cometendo um “aborto”, já que logo seria pai? O conto provoca reflexão sobre tal temática.

Isto posto, diante das exposições acerca das situações de violência relatadas em todos os contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, penso em diversas questões.

Em que pese haja os limites históricos do capitalismo, que se funda na violência, também, de corpos de mulheres negras, os contos levam a pensar o fortalecimento da autonomia das mulheres. Nos faz indagar o real significado de liberdade, e as possibilidades de isso se materializar nesta sociabilidade. Ainda fazem refletir acerca da nossa potência *escreviente*, como mulheres negras.

Assim, é possível questionar: quantas mulheres passam pelas mesmas situações dos contos e morrem simplesmente por serem mulheres, e, portanto, vítimas de feminicídio⁵⁸? Quantas mulheres como *Shirley Paixão* enfrentam o agressor e são presas, enquanto o criminoso segue fazendo mais vítimas? Quantas mulheres, como no conto de *Adelha Santana Limoeiro*, se culpam por dificuldades que não lhes pertence?

Tais provocações constatarem que a *escrevivência* e, por conseguinte, a

⁵⁸ O feminicídio é um crime de ódio cometido contra a mulher, em função do seu gênero. A legislação brasileira o tipificou em 2015, o incluindo no rol dos crimes hediondos. Está configurado quando uma mulher é assassinada por sua condição de mulher. De acordo com *Fórum Brasileiro de Segurança Pública* (2024), no ano de 2023, foram 1.467 mulheres vítimas de feminicídio, o maior número já registrado desde que a lei foi criada em 2015. 63,6% das vítimas de feminicídio foram mulheres negras e 35,8%, brancas, o que atesta a relevância da discussão proposta nesta tese.

produção literária de Conceição Evaristo, contribuem para a denúncia da violência que mulheres, sobretudo negras, sofrem.

Portanto, para finalizar a presente seção, corroboro com Santos (2023), quando a autora afirma que a obra de Evaristo se associa à contribuição para outro projeto de sociedade, por retratar e confrontar uma prova viva do cotidiano de mulheres negras.

Logo, cabe asseverar que:

trazer para a literatura a representação da violência contra mulheres negras torna-se necessário, uma vez que a sua recorrência faz parte da realidade de muitas mulheres brasileiras. Consoante isso, Conceição Evaristo faz da literatura território profícuo de discussão desse grave e rotineiro problema social [...] (Santos, 2023, p.71).

E diante desse cenário, cabe lembrar da entrevista de Conceição à *Carta Capital* em 2017, quando a autora afirma a nossa possibilidade potente em *estilhaçar* a máscara do silenciamento, enfrentando esse grave e rotineiro problema social, nos termos de Santos (2023).

Isso me faz conectar o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* com a análise do livro “*Raízes*”, que será exposta no próximo capítulo.

Uma vez que o objetivo desta pesquisa é analisar o conteúdo sobre violência, a partir do registro da *escrevivência*, me indago como as escritoras do referido livro podem nos mostrar a possibilidade de *estilhaçar* essa máscara, que foi mostrada pelas situações de violência presentes nos contos discutidos nesta seção.

Afinal, SILVANA RODRIGUES (2018) aponta em uma das apresentações do livro “*Raízes*” que: “[...] nesta antologia serão encontrados contos, poesias, crônicas, aforismos que refletem a diversidade da – como diria Conceição Evaristo – *escrevivência* de cada uma, muitas, inclusive realizando sua primeira publicação” (p. 5).

Considero que tais escritoras, contemporâneas, em sua maioria jovens, expressam o *eco da vida-liberdade* – como Evaristo (2019a) infere para a nossa geração de mulheres negras –, e como CAROLINE ANICE (2018) sugere ao usar esta reflexão de Conceição na abertura da sua apresentação no livro “*Raízes*”.

Vejamos então no próximo capítulo sobre esta possibilidade de *estilhaçar* o silenciamento, por meio dos conteúdos *escrevientes* acerca dessas escritoras contemporâneas.

4 ANÁLISE DO LIVRO “*RAÍZES*”: UM EXERCÍCIO *ESCREVIVENTE*

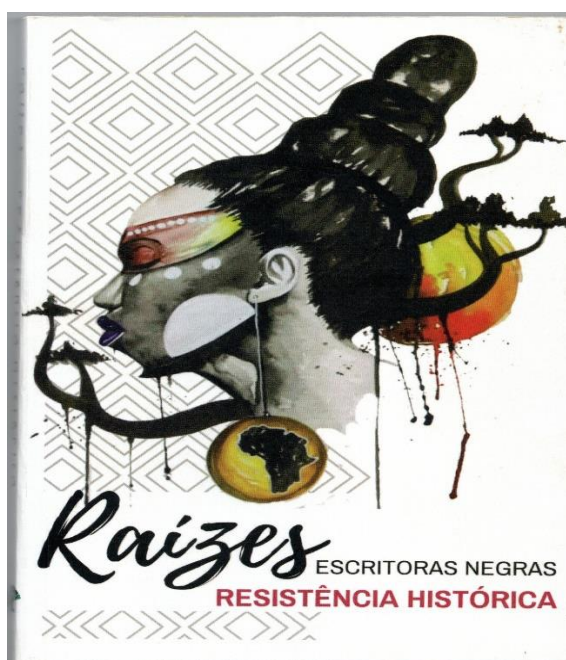
4.1 CARTA ENSAIO 4

Querida leitora,

Chegamos ao último capítulo da tese. Lhe apresento a análise do livro “*Raízes*”, na busca do que a *escrevivência* ajuda a revelar sobre a violência sofrida por mulheres negras no capitalismo. E, assim, continuar a discutir o conteúdo sobre isso, por meio do registro *escrevivente*.

Para tanto, lhe mostro a capa do livro, a qual já nos permite algumas reflexões:

Figura 2: Ilustração da capa do livro *Raízes: resistência histórica* feita por Adelson Boris



Fonte: Capa do Livro

Na referida imagem, é possível observar uma mulher com traços fenotípicos que remetem à identidade racial afrodescendente. Isso é perceptível por meio dos seus cabelos, lábios, pintura e penteado. Da sua cabeça, “brotam” *raízes* que crescem, o que nos permite compreender o título do livro. A referida mulher carrega um brinco com um desenho do mapa do continente africano, uma simbologia de estar aliada ao passado de resistência ao regime escravocrata, que atravessa a história brasileira e a do continente americano.

Afirmo isso, porque a imagem ainda nos permite lembrar o processo afrodiaspórico dos povos africanos, remetendo ao significado de ancestralidade, que o próprio sentido do termo *raízes* também pode remeter. Afinal, se vincula à origem, ao nascimento, àquilo que nos dá base para a nossa existência. E o sentido de *escrevivência* é expresso naquelas que vieram antes de nós, que contaram as histórias para ninar os da “casa grande”, nos permitindo, hoje, estar contando as nossas próprias vivências.

Diante dessa imagem, lembro da assertiva de bell hooks: “[...] nós sempre precisaremos promover e encorajar o ato de ‘erguer a voz’” (2019, p.21). A autora assina com um pseudônimo inspirado na bisavó materna, em “mulheragem”⁵⁹ ao legado das mulheres fortes.

Isso me faz conectar com o poema “Vozes Mulheres” (Evaristo, 2019a), epígrafe desta tese, que reflete que hoje as nossas vozes de mulheres negras podem ecoar o grito que rompeu a *máscara* do silenciamento. Penso que assim como a bisavó de bell hooks a inspirou, Conceição Evaristo nos inspira, mostrando-nos o processo histórico que nos leva sempre a *erguer a voz*, e que só nos oferece tal possibilidade porque tiveram muitas outras que também foram se erguendo.

Considero que para o rompimento da referida *máscara* se concretizar é necessário que cada uma de nós faça vários “furinhos”, por meio do inerente e constante ato de *erguer a voz*. E as escritoras do livro “*Raízes*” podem nos mostrar a possibilidade disso.

Portanto, retomo questões expressas no início desta tese, no intuito de favorecer reflexões que guiaram a construção do presente capítulo, são elas: o que seria nossa liberdade de *estilhaçar* as *máscaras* atualmente, como, por exemplo, Evaristo (2017a) propôs? Quais seriam os conteúdos que impulsionam o nosso *grito* para romper a *máscara* da violência e estilhaçá-la? Quais são, especificamente, as violências que enfrentamos? E como expressamos essa resistência por meio da *escrevivência*?

Me referendando nisso, apresento as seguintes escritoras que *erguem a voz*.

⁵⁹ Este termo trata-se de um neologismo presente em alguns espaços feministas que já participei. O intuito é subverter o termo *homenagem*, que tem o seu prefixo associado ao termo *homem*, o que indica referências presentes na língua portuguesa que se vinculam ao patriarcado.

4.2 PERFIL DAS ESCRITORAS

“Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também [...]” (Gloria Anzaldúa, 2000, p.232).

Glória Anzaldúa nesta epígrafe mostra que somos levadas a escrever, para vencer o que nos amedronta – para concretizar a revolta que nos ronda.

Em seu texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (2000), a referida autora se dirige para as “queridas mulheres de cor, companheiras no escrever” (p.229). Ao fazer isso, permite com que reflitamos sobre a potência da escrita de mulheres negras, expressando-a como enfrentamento à opressão.

Contudo, ao mesmo tempo, Anzaldúa ressalta as limitações para essa ação, e até as angústias e o medo que envolvem a experiência de escrever. Afinal, usar a escrita como enfrentamento seria algo necessariamente ausente de desconforto? É um ato que envolve luta e disputa de poder. Por isso, cabe a seguinte citação da autora:

[...] Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (Anzaldúa, 2000, p.232)

De acordo com o sentido de *escrivivência* que guia esta tese, o ato de escrever é rebeldia e transformação. Mas isso não quer dizer que ao praticá-lo estejamos isentas de incômodos, angústias, contradições etc., conforme Anzaldúa mostra na citação anterior. Talvez, tendo em vista essas características que atravessam a escrita, Conceição Evaristo tenha afirmado que “[...] escrever é uma maneira de sangrar [...]” (2016, p.109).

A escrita é uma forma de enfrentamento às opressões e isso, nem sempre, é confortável ou deleite, sobretudo, para aqueles e aquelas que historicamente foram tidos como não humanos, como viemos discutindo nesta tese. Desse modo, Anzaldúa (2000) indaga o fato de o reconhecimento de quem é escritora estar carregado de dimensões de classe, gênero e raça. Vejamos:

[...] Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! [...]. Não nos

dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (p.230).

A autora ainda enfatiza as condições de vida que atravessam as relações de gênero das mulheres do sul global, e da sua condição, em específico, como trabalhadora nas plantações. Ao fazer isso, questiona tais condições e o seu enfrentamento à elas:

[...] Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? (Anzaldúa, 2000, p.230).

Dessa maneira, é com esta mensagem que inicio a análise das contribuições do livro “*Raízes*”, explicitando que o ato de escrever atravessa contradições.

As vinte mulheres negras que compõe a obra, possivelmente, atravessaram e atravessam tais contrassensos, experimentando este atrevimento que Anzaldúa nos leva a perceber. Portanto, mulheres que desafiaram o contexto que lhes foi imposto.

Afinal, apesar de lidar com séculos de apagamento e perseguição dos seus corpos, nós, mulheres negras, sempre escrevemos, mesmo que o mercado editorial há pouco tempo tenha se ampliado, para este público de escritoras. E, como afirma Santos (2024), devemos à Conceição Evaristo a devida atenção que o mercado editorial brasileiro passou a dar à autoria negra. E, acrescento, sobretudo, de mulheres.

Duarte (2022), por exemplo, afirma que 2021 foi um período em que as escritoras negras “bombaram” no Brasil. Segundo a análise da referida autora, apenas no ano mencionado, foram publicadas precisamente cinco antologias contendo a produção literária de escritoras negras. E, conforme a autora, neste total, não está computado o número 43 da publicação coletiva *Cadernos Negros* do grupo *Quilombhoje*, que desde 1978 vem mantendo as atividades de forma ininterrupta, onde a autoria feminina abrange aproximadamente dois terços das quase quinhentas páginas do livro. Tendo isso em vista, cabe reforçar que foi justamente nesta série que Conceição Evaristo iniciou as suas publicações nos anos 1990.

O livro “*Raízes*” é uma publicação mais recente, de 2018. Fruto de uma chamada nas redes sociais, a obra fomentada pela escritora Karine Oliveira (KARINE BASSI) disponibiliza cerca de 5 páginas para cada autora, sendo que a apresentação

biográfica delas compõe a primeira página que antecede aos escritos.

Conforme expressa CAROLINE ANICE (2018), em uma das apresentações do referido livro, são:

[...] 20 mulheres negras que existem em uma sociedade racista e patriarcal, aprendendo todos os dias a construir resistência através da escrita, que tem o poder de chacoalhar o mundo, de transformá-lo, reescrever o passado e tomar as rédeas do futuro. Somos mulheres negras das periferias, centros, artistas, clandestinas, universitárias, trabalhadoras, que querem um mundo onde a noite não seja sinônimo de medo e perigo mas que haja poesia, samba, batuque, prosa, comida e ciranda até o amanhecer [...] (p.6).

Como o livro “*Raízes*” trata de uma proposta *escrevivente*, as biografias das autoras são expressas, se afastando da maneira tradicional de se redigir uma biografia em obras acadêmicas, a qual comumente aparece em forma de mini currículo.

Na parte das biografias presente no referido livro, é um momento onde já se observa o caráter poético e criativo das autoras, como pode ser exemplificado neste trecho da parte de uma delas, em que a escritora afirma ser: “[...] arteira, filha, neta e cria de Dona Tereza Josefa, da Silva Rosimeire, da Silva Iracema, das Silva. Do norte da Bahia, migrante para pedra pequena Itaim paulista/ zona leste de São Paulo [...]” (JULIANA JESUS, 2018, p. 78).

Na referida obra, comumente a exposição das biografias se dá em um relato na terceira ou na primeira pessoa do singular. Algumas escritoras chegam a sinalizar a idade e de onde são.

Das vinte escritoras presentes no livro “*Raízes*”, cinco delas explicitaram a sua idade. Em 2018, ano de publicação da obra, “FLOR, PRISCILA” tinha 23 anos, “LAURA OLIVEIRA” tinha 27, “REGIANE MARTINS”, 18, “TAYLA FERNANDES”, 27 e “THABATA CRISTINA”, 25. “JULIA GOMES” e “SILVANA RODRIGUES” colocaram a data de nascimento, sendo 1997 e 1986, respectivamente. Pelas próprias fotos que aparecerão a seguir, é possível observar que a maioria são mulheres jovens.

Cabe comentar que das vinte escritoras: duas migraram para a cidade de São Paulo, sendo uma baiana e a outra capixaba. Duas são do estado da Bahia; quatro são do estado de Minas Gerais; três são do estado de São Paulo; e uma é de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Sete não falaram, em suas biografias, de onde são. Além disso, uma é paulistana e reside no Vale do Jequitinhonha.

Das vinte escritoras, seis cursavam a graduação em 2018, duas tinham

mestrado e uma o doutorado.

Chama a atenção a vinculação delas com outros tipos de arte, para além da escrita. Em 2018, ano de lançamento do “*Raízes*”, é possível observar em suas biografias que cada uma das escritoras tinha como atividade: contadora de histórias; desenhista; militante feminista; pesquisadora das culturas populares; pagodeira; compositora; integrante do Movimento Nacional de artistas transsexuais; militante quilombola e educadora popular. Duas se declararam dançarinas, duas psicanalistas, e sete afirmaram se vincular às artes performáticas como o teatro, o *Slam* e o *Hip Hop*.

Cabe destacar que quatro declararam terem publicado livros e seis destacaram que são feministas.

Isto posto, apresento agora cada uma das autoras, considerando como se descrevem no livro. Para tanto, exponho o seguinte registro de uma delas, em forma de convite, que nos ajuda a conectar com os conteúdos que o livro “*Raízes*” nos oferece:

Caro leitor
 Leia-me com cuidado
 Interpreta-me do seu jeito
 Sinta-me com sua maneira de sentir
 Rima-me
 Entristeça-se junto a mim
 Alegre-se com minhas frases
 Revolta-se com minhas revoltas
 Desgoste de meus desgostos
 Degusta de meus gostos
 Rejeite minhas ideias
 Aceitas as incertezas que são certas
 Ignore o que não lhe agrada
 Mas não reprima-me de falar
 Daquilo que já estou farta
 E por ti serei grata (REGIANE MARTINS, 2018, p.135).

Neste registro, REGIANE MARTINS acolhe quem a lê, permite que seja interpretada como o leitor quiser, mas reforça que não aceita ser reprimida. Se impõe. Todavia, não rejeita as possíveis interpretações ou julgamentos que possam surgir, só atesta que não tolera ser silenciada, o que é uma violência.

Tal consideração demonstra que analisar uma obra literária é, também, permitir ser tocada/o por algo que nos move internamente. E a própria citação acima reflete isso, ao REGIANE MARTINS afirmar o seguinte: “[...] Interpreta-me do seu jeito. Sinta-me com sua maneira de sentir [...]” (p.135).

Dessa maneira, enfatizo que o registro que farei a seguir acerca da biografia das escritoras do livro “*Raízes*” diz muito de como conseguir ler e interpretar cada uma.

Portanto, seguem as apresentações das vinte escritoras. Como informado na introdução desta tese, embora o livro “*Raízes*” seja uma produção de 2018, uso o tempo verbal do presente do indicativo, para contribuir com a vivacidade dos conteúdos *escrevientes*.

4.3 APRESENTAÇÃO DAS ESCRITORAS

Fotografia 1 – Foto de ALINE OLIVEIRA



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

A sua biografia afirma que é ALINE OLIVEIRA é inconformada com a realidade. Que encontrou no poder das palavras o refúgio para o mundo, a descoberta da sua força, e a renúncia aos silêncios. É professora, contadora de histórias e feminista.

Ler os seus escritos é se debruçar em poemas bem diretos. A sua escrita conduz provocações para pensarmos sobre autorreconhecimento racial, identidade de gênero, cabelo, violência colonial, resistência à opressão, e religião de matriz africana.

Fotografia 2 – Foto de BRUNA TAMIREs



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

Na biografia, BRUNA TAMIREs é descrita como escritora e desenhista. Assina os seus trabalhos como *Malokêarô*, faz e vende *fanzines*⁶⁰ em São Paulo-SP. Organiza o “Negrita”, um clube itinerante de leitura e escrita, voltado para o incentivo de obras de pessoas negras. Teve o seu primeiro conto publicado na Antologia *Jovem Afro*, do *Quilombhoje*, em 2017.

Ler os escritos de BRUNA TAMIREs é conhecer histórias. Ela se expressa por meio de dois contos. Um sobre mulheres bêbadas – que nos leva a pensar sobre pobreza, e é pertinente para refletir sobre a relação “Questão Social e Questão Racial”. E outro que retrata um relacionamento heterossexual, as saudades e as tentativas de reaproximação.

Fotografia 3 – Foto de CAROLINE ANICE



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

A biografia de CAROLINE ANICE afirma um trecho bem marcante que se

⁶⁰ *Fanzine* é um tipo de revista feita de forma independente e artesanal. É confeccionada com tiragem pequena e de fácil circulação.

conecta com a *escrevivência*:

Cá dentro, desde cedo, conheço bem, numa relação tão íntima quanto segredada, o poder das palavras e elas foram tomando a forma da coragem nos caminhos da vida: da psicologia, da militância e deste tornar-se mulher negra e escritora (p.30).

Isso é representativo, porque nos leva a pensar o potencial da escrita no enfrentamento ao silenciamento. Possibilita perceber o quanto a escrita nos refaz enquanto mulheres, ao mesmo tempo que, por meio da *escrevivência*, também pode se tornar um enfrentamento às opressões.

CAROLINE ANICE é militante, feminista, escritora, psicóloga em formação e baiana. Afirmo que no Movimento Social “Levante Popular da Juventude” conheceu o projeto popular, o que a possibilitou lutar com tantas outras gentes de diversas áreas: universidades, bairros, escolas etc. Afirmo o seguinte:

O peito sonhador e militante me convocam à escrita: o sonho em ser escritora tornou-se também uma tarefa, a de construir através da literatura, das *escrevivências*, os caminhos para a revolução brasileira, resgatando o nosso passado, a nossa história e tomando as rédeas do futuro (p.30, grifo meu).

Seus escritos dizem sobre violência colonial, patriarcado, estupro, autorreconhecimento racial, amor preto, ancestralidade, resistência à opressão, e racismo.

Fotografia 4 – Foto de DALVA MARIA



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

Ao ler os contos de DALVA MARIA, me veio à mente os rostos das personagens de Conceição Evaristo, como *Ditinha* em *Becos da Memória*, e *Aramides Florença* em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Tratam de duas mulheres que expressaram uma dor que, em mim, senti como um “corte na carne”.

Foi a mesma sensação que me atravessou ao ler *Acalento*, conto de DALVA

MARIA, e perceber a expressão da mãe que aguardava o filho que foi preso injustamente. A referida mãe disse ao filho que ele sabe muito bem como preto e pobre é tratado neste país. Isto é um soco, o mesmo soco expresso no outro conto da autora, chamado *Em última instância*, em que uma mulher sofre uma pancada do marido.

Os escritos da referida escritora relatam: violência de gênero, e a situação de uma mãe a conviver com a injustiça que acometeu o seu filho, mostrando a relação da pobreza e do racismo, com a carteira de trabalho não assinada.

Ela é graduada em Ciências Sociais e doutora em Antropologia Social. É pesquisadora das culturas populares, com ênfase na trajetória das mulheres no *Congado*. Também é mãe do João Pedro. Sua biografia afirma que ela “escreve para diminuir a febre de sentir” (p.38).

Fotografia 5 – Foto de ELÂNIA FRANCISCA

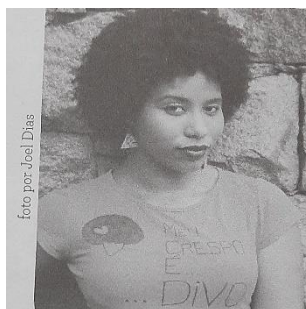


Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

Ler os poemas de ELÂNIA FRANCISCA é se debruçar nos sentidos do corpo, e nos movimentos que este pode provocar. É, também, compreender a contribuição do corpo para a transformação social, que a autora chama de *Revolução*. Seus escritos também expressam o poder e a resistência das mulheres negras, atravessando reflexões sobre autoamor, e violência racial e de gênero.

Em sua biografia, a autora é descrita como mulher preta, filha de Maria Zilda e Zeneuzo, favelada, psicóloga, mestra em Educação Sexual, pagodeira e feminista interseccional. É uma capixaba, que mudou com a família para a cidade de São Paulo, nos anos 1990. Afirma que ela “acredita na potência dos afetos, sem romantizações” (p.46).

Fotografia 6 – foto de FLOR, PRISCILA



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

É escritora, compositora e estudante de Letras na Universidade Cruzeiro do Sul. FLOR, PRISCILA publicou dois livros: *A Marcha das efêmeras* e *Dilemas&Canções*. Foi ganhadora do concurso literário *Literatura #écoisade preto* da Editora Rico. É idealizadora da Feira Literária colaborativa (FLICO) e do *Slam Tatu* (primeira batalha de poesia falada e autoral da cidade de Tatuí). Sua biografia afirma que ela “trabalhou como pedreira junto com o pai, para financiar o lançamento do seu primeiro livro e ingressar na faculdade” (p.54). Isso nos leva a pensar sobre a relação das mulheres negras com o mercado editorial.

Seus escritos trazem reflexões sobre ancestralidade, escravização, relação patroa *versus* empregada, questão urbana e, também, intimismo.

Fotografia 7 – foto de GIOVANNA HELIODORO



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

GIOVANNA HELIODORO é descrita em sua biografia como uma mulher que se propõe a estar sempre em reconstrução. É transexual, negra, da zona norte da capital mineira – Belo Horizonte, graduanda do curso de História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

É uma artista independente. Integra o Coletivo de mulheres negras “*Abayomi Entre Nós*”, bem como o “Movimento Nacional de Artistas Trans” (MONART). Além disso, é protagonista do Canal “Trans Preta” no *YouTube* e autora do *Transdiário-Diário da Travesti*. Sua biografia afirma que ela compreende a sua escrita como um possível manifesto.

Ler os seus escritos é se deparar com relatos do cotidiano de uma mulher trans e negra. Ela também expõe trechos de seu diário, traz dados de violência contra as pessoas transexuais, escancara o “CIStema”⁶¹, e critica a forma como a sociedade espera e olha o seu corpo. Me faz pensar a desconstrução do *sujeito universal*, isto é, do padrão de humanidade imposto e defendido pelo capitalismo. Seus escritos também falam sobre padrões de feminilidade e identidade de gênero.

Fotografia 8 – foto de JÚLIA GOMES



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

JÚLIA GOMES é quilombola, remanescente de um quilombo urbano no município de Araçuaí, minha cidade, no Vale do Jequitinhonha-MG. Afirmo ser feminista popular, militante e bissexual.

Graduanda em Serviço Social, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Como afirma a sua biografia no livro “*Raízes*”, tal instituição é fruto de políticas públicas dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

JÚLIA GOMES começou a sua militância em movimentos culturais dos referidos Vales. Vem de uma família de mulheres de muita garra e resistentes, caminho seguido pela autora também.

⁶¹ É um termo da autora. Faz crítica à organização do sistema e à palavra “sistema”, se valendo do padrão cisgênero.

Seus poemas trazem temas como: luta de classes, revolução, amor entre mulheres, machismo e sobre como a sociedade nos adocece. São poesias diretas, típicas do que ela sempre se diz ser “poeta marginal”.

Fotografia 9 – Foto de JULIANA JESUS



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

JULIANA JESUS é descrita como arteira e migrante. Sua biografia afirma que ela é “sevirologista” (arte de se virar): trança, canta, escreve, levanta parede, é eletricista, dançarina, percussionista, entre outras coisas.

A sua descrição mostra que a autora “[...] existe em Amor, luz, braveza, ódio, crença, Quebrada ou inteira no sarau Pretas Peri, bloco Preto ZUMBIDO, Nas ruas e no Terreirão do Jardim Miriam” (p.78).

Seus escritos falam sobre relacionamento e sobre fim de relacionamento, sobre a vida cotidiana na comunidade, sobre racismo e sobre luto.

Fotografia 10 - Foto de JULIANA LINO



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

JULIANA LINO é feminista, poetisa, baiana, e graduanda em Direito. A sua biografia a descreve como militante que faz performances de intervenção poética,

abordando pautas de luta. Afirma que ela sonha com uma sociedade justa, na qual as mulheres e o povo negro sejam livres, e que a classe trabalhadora possa viver com dignidade.

O seu poema *Com quantos tapas se faz uma mulher* é um “tapa” na cara da sociedade, sendo uma denúncia à violência de gênero. Fiquei pensando: o que seria de nós, mulheres, se não tivéssemos umas às outras? Lê-lo nos emociona e nos indigna, convocando-nos a refletir como é experienciar ser mulher.

Os seus escritos atravessam temas como: revolução, patriarcado, racismo, ancestralidade, resistência à opressão, e objetificação do corpo da mulher negra. A sua biografia afirma que a autora “acredita na poesia e na arte como ferramentas para a mudança social e nelas se refugia, deposita as aflições, faz denúncias contra o sistema e mantém vivas as utopias” (p.86).

Fotografia 11 – Foto de KARINE BASSI



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

KARINE BASSI é descrita como filha de José negro e Maria índia. A sua biografia afirma que ela cresceu, tendo dentro de si a esperança e o fogo revolucionário de seus antepassados. Explicita que é bióloga por formação e educadora popular por ideologia, sendo a primeira dos quatro irmãos a ter acesso à universidade pública.

Publicou o livro *Entulho de Rosas* e organizou duas outras coletâneas da qual também faz parte como autora, sendo elas: *Interurbanos* e *À luta, à voz*. É participante da casa de Cultura *Coletivoz*, onde declama suas poesias em saraus literários e *slam's*. A autora ainda fomentou e organizou a coletânea “*Raízes*”, que aqui trabalho.

Ler os seus escritos é se deparar com poesias e relatos acerca de: autorreconhecimento racial, amor, relacionamento, revolução, luta, violência colonial, esperança, ancestralidade, resistência à opressão e, também, sobre a relação amor

e militância.

Sua biografia afirma que ela “[...] possui uma escrita direta, cheia de evocações, de rotas e de intimidade, traçada com lucidez e energia, e com um olhar irônico e ao mesmo tempo sincero” (p.94).

Fotografia 12 – Foto de LAURA OLIVEIRA



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

LAURA OLIVEIRA é descrita como advogada de profissão e dançarina por paixão. A sua biografia afirma que ela demorou para entender que o seu valor é maior do que o número que veste, e que é muito maior do que aquilo que o seu currículo pode registrar.

Explicita que ela “escreve do jeito que dá conta para expulsar de si aquilo que sua mente ou seu coração ainda não conseguem processar. [...] Escreve sobre aquilo que faz seu coração bater mais forte” (p.102).

Traz textos que expressam reflexões sobre amor, relacionamentos e, também, especificamente, acerca de *amor preto*. Também escreve sobre o crime ambiental, ocorrido em Mariana-MG, em novembro de 2015. Ao fazer isso, denuncia as consequências socioambientais desse crime, e faz um enfrentamento às omissões estatais e empresarias diante disso.

Fotografia 13 – Foto de NÁGILA OLIVEIRA



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

Em sua biografia, além de professora, NÁGILA OLIVEIRA é descrita como mestre em Educação, especialista em História, Cultura e Literatura Africanas e Afro-Brasileira, bem como bacharela e licenciada em Ciências Sociais. Ela também é psicanalista clínica e pesquisadora das áreas: educação para as relações étnico-raciais; decolonialidade; literaturas africanas e afro-brasileiras e afins. Também é organizadora da Coleção *Cadernos África e Africanidades*, e autora de artigos acadêmicos na área de história, cultura e literatura africana e afro-brasileira.

Na parte do livro destinada aos seus escritos, NÁGILA OLIVEIRA expressa um conto que retrata um sonho que ela teve envolvendo um manguezal, que parece ser o local onde ela própria nasceu.

O conto revela que as mulheres foram protagonistas de uma história de força e resistência. Expressa a situação de violência envolvendo mulheres e a personagem central, a Lurdinha, que vivenciou os assassinatos dos filhos, situações que foram frutos, também, da opressão que sofria do marido. No final do conto, junto com o apoio de outras companheiras, a personagem enfrenta e mata o esposo, para salvar a sua filha.

Fotografia 14 – Foto de NEGRA JULIE



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

Em sua biografia, NEGRA JULIE é descrita como radical e subversivamente mulher, negra, feminista, bissexual e não monogâmica. É psicóloga e psicanalista. Escreve em *blog*.

Na descrição, me chamou a atenção esses trechos: “[...] não perde nunca de vista que o pessoal é político e que o político é pessoal também [...]”. Sempre gostou de escrever, mas a escrita científica a roubou da escrita literária [...]” (p.118). Isso diz muito do legado de hooks (2019), que nos convida sempre a *erguer a voz*, o que me

faz conectar com as exposições realizadas no início da tese, onde eu contextualizei processos de ruptura com a escrita meramente acadêmica.

Ler os escritos de NEGRA JULIE é debruçar sobre finitude da vida e sobre gozo, bem como bissexualidade, poliamor e violência emocional.

Fotografia 15 – Foto de REGIANE FARIAS



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

REGIANE FARIAS é uma paulistana no Vale do Jequitinhonha. Nascida na cidade de Pitangueiras-SP, aos cinco anos mudou-se para o referido Vale, mais precisamente para a cidade de Itinga-MG. A sua biografia comenta que foi neste lugar que ela se descobriu “poesia”.

É poetisa, instrumentalista, atriz e performer, tendo se formado em Teatro no ano de 2018, pelo Instituto Federal de ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Desde os 12 anos, participa de grupos culturais e de concursos de poesia. É também graduanda do curso de história pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Ler os seus escritos é se emocionar. Senti conexão com a minha região, uma vez que a autora é do Vale do Jequitinhonha. Ela tem dois poemas muito fortes sobre a opressão à mulher, e o outro sobre a escravização e suas marcas, onde trabalha a dimensão de resistência à e a permanência de elementos coloniais. Tem um poema, também, sobre o Vale e a doçura da infância. Uma parte marcante da sua biografia é: “[...] filha de Maria e José, irmã de Maria e José, construiu uma vida em meio a seca do sertão, ressignificou a necessidade em literatura. [...]” (p.126). Isto mostra sobre o manancial de possibilidades que a *escrivivência* pode nos oferecer, ao destacar o enfrentamento às opressões e às condições de vida, como as advindas da seca e da migração.

Fotografia 16 - Foto de REGIANE MARTINS



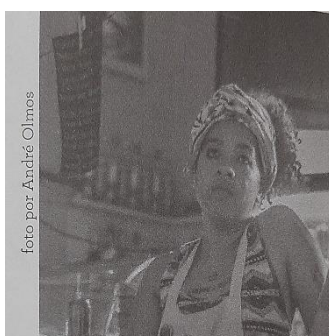
Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

REGIANE MARTINS é artesã e escritora desde os nove anos. É um artista independente, que compete e organiza batalhas de *rap*. A sua biografia afirma que “orgulha-se mais de ser mineira do que de ser brasileira [...]” (p.134).

Os seus escritos expressam questões sobre cabelo, moralismo, espiritualidade, racismo e ancestralidade. Me parece que dá para perceber influências do *slam* e da cultura *hip hop*, pela forma com que a autora trabalha rimas e repetições de frase.

Ao lê-la, refleti sobre como o cabelo das pessoas negras nos leva a pensar uma estrutura ancestral. Isto mostra como falar de identidade racial é, também, uma forma de enfrentamento às marcas da colonização.

Fotografia 17 - Foto de SILVANA RODRIGUES



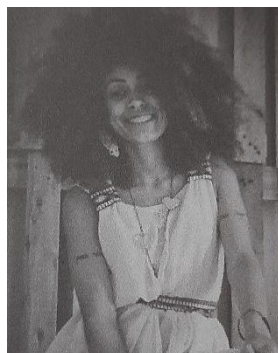
Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

SILVANA RODRIGUES é gaúcha, estudante de direção teatral na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atriz e performer.

A sua biografia afirma que ela escreve desde que aprendeu, e que seu primeiro livro foi escrito aos oito anos. “[...] O livro escrito a mão e ilustrado pela autora, foi entregue a uma professora para correção ortográfica e nunca mais voltou às suas mãos [...]” (p.142).

Os seus registros revelam reflexões, sobretudo, acerca de relacionamentos. Dentre eles, há também o texto da performance da *negrinha*, que tem relação com a história do *Negrinho do pastoreio*. Este texto faz alusão ao doce *brigadeiro* que no sul do Brasil é chamado de *negrinho*. Por isso, a autora faz analogias com a relação entre resistência à escravização e “doçura”, em sentido ambíguo, remetendo ao referido doce.

Fotografia 18 – foto de TAYLA FERNANDES



Fonte: livro “*Raíces*”, *Venas Abiertas*, 2018.

TAYLA FERNANDES é atriz, poeta, artesã, mãe, e produtora do *Sarau* “Pretas Peri”.

Artista e arteira desde a infância, a paulista de raízes no oxente e uai (COM ORGULHO SIM SENHÔ) busca nas cenas culturais independentes a troca de forças e afeto pois acredita que de bloco em flor que se ergue um quilombo (p.150, grifo da autora).

Nos seus escritos, ela expressa uma reflexão sobre cabelo, mostrando como é uma “coroa”, que leva a refletir sobre padrões estéticos calcados na violência colonial e no racismo. Escreve também sobre relacionamento. E tem uma poesia para falar da mulher negra na sociedade, que me lembra a forma da poesia *slam*, pelo fato de as palavras soarem como gritos.

Fotografia 19 - Foto de THABATA CRISTINA



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

THABATA CRISTINA é mineira, poeta, atriz-MC e *slammer*, sendo, inclusive, campeã dos *Poetry’s Slam’s*: “A Rua Declama” e “Clube Da Luta”. Começou no *rap* aos treze anos, e é apaixonada por música e literatura.

“Thabata é mulher, poeta, sensível ao mundo e com escrita peculiar e periférica, enfim, É A PRETA QUE VOCÊ RESPEITA!” (p.158, grifo da autora).

Suas poesias falam sobre: solidão da mulher negra, corpos e objetificação do corpo feminino. Isso é expresso por meio de várias violências: gordofobia, padrão de beleza e racismo. Também trabalha a resistência à opressão.

Fotografia 20 – Foto de ZAINNE LIMA



Fonte: livro “*Raízes*”, *Venas Abiertas*, 2018.

ZAINNE LIMA é de Taboão da Serra-SP. Ela é filha de retirantes nordestinos, graduanda em Letras e “[...] foi alfabetizada em casa aos cinco anos; desde então, não parou de escrever” (p.166).

É autora do livro *Pequenas ficções de memória*, da Editora Patuá. Possui textos na antologia *Jovem Afro do Quilombhoje*, e em revistas acadêmicas literárias.

No livro “*Raízes*”, ela tem dois contos. Um que trata de violência de gênero, traição, opressão e estupro, envolvendo mulher negra, e outro que trata sobre racismo e liberdade.

Isto posto, tendo apresentado as vinte autoras, vejamos a discussão dos seus conteúdos *escreviventes*.

4.4 DISCUSSÃO DOS CONTEÚDOS *ESCREVIVENTES* ACERCA DA VIOLÊNCIA

É possível observar a multiplicidade de temas que expressam as *escrevivências* das autoras do livro “*Raízes*”, inclusive, quando se leva em consideração a temática violência.

A diversidade se apresentou não apenas, olhando de forma total – de discussões sobre o corpo humano até crime ambiental – mas, também, visualizando o que elas expressaram separadamente. Por exemplo, a escritora CAROLINE ANICE (2018) discorreu sobre violência colonial, patriarcado, estupro, autorreconhecimento racial, amor preto, ancestralidade, resistência à opressão, e, ainda, sobre racismo.

Dentre as menções realizadas pelas escritoras do livro “*Raízes*”, visto o objetivo desta pesquisa, selecionei para análise aquelas que diziam respeito, diretamente, à violência, uma vez que o objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo sobre violência, a partir da *escrevivência*.

Como critério para a análise, separei os temas que tratavam de algum tipo de violência que estava sendo denunciada pelas autoras, através de menções que foram descritas na seção anterior, no momento onde cada autora foi apresentada. Desse modo, realizei uma síntese selecionando apenas os temas que tratavam de violência.

A seguir, expresso a quantidade de vezes que determinado tema, sobre violência, foi mencionado pelo conjunto das autoras do livro “*Raízes*”.

Vejamos: *Racismo* foi mencionado 8 vezes⁶², *violência colonial*, *violência de gênero* apareceram 4 vezes e *padrões estéticos*, 5 vezes⁶³. *Pobreza*, *estupro*, *objetificação do corpo da mulher*, *patriarcado*, e *opressão à mulher* apareceram 2

⁶² Como pode ser visualizado no item 4.3 da presente tese, o tema *racismo* foi mencionado pelas autoras: CAROLINE ANICE, DALVA MARIA, JULIANA JESUS, JULIANA LINO, REGIANE MARTINS, TAYLA FERNANDES, THABATA CRISTINA e ZAINNE LIMA.

⁶³ Segundo o que pode ser conferido no item 4.3, o tema *violência colonial* foi pontuado pelas autoras: ALINE OLIVEIRA, CAROLINE ANICE, KARINE BASSI e TAYLA FERNANDES. O tema *violência de gênero* esteve nas menções de: DALVA MARIA, ELÂNIA FRANCISCA, NÁGILA OLIVEIRA e ZAINNE LIMA. E a pressão por *padrões estéticos* foi mencionada por ALINE OLIVEIRA, ao discutir sobre “cabelo” e “autorreconhecimento racial”, por GIOVANNA HELIODORO ao discutir sobre “padrões de feminilidade”, por REGIANE MARTINS e TAYLA FERNANDES, ao comentarem sobre “cabelo” e por THABATA CRISTINA, ao mencionar sobre “corpos”.

vezes cada um dos temas⁶⁴. *Escravidão*, 3 vezes⁶⁵. E uma vez, cada um destes temas a seguir: *violência às pessoas trans*, *machismo*, *violência emocional*, *traição*, *violência racial*, *crime ambiental*, *gordofobia*, *adoecimento que a sociedade provoca*, *relação patroa X empregada*⁶⁶.

Para realizar a análise, levei em consideração os temas que apareceram mais de uma vez nos referidos registros, e que, conforme as escritoras, tratavam de violências que atravessam diretamente mulheres negras.

Deste modo, foram eleitos os temas **Escravidão, Violência Colonial, Racismo e Pressão de padrões estéticos**.

Ao levar em consideração todas as menções realizadas pelas escritoras, é possível considerar que os referidos conteúdos se convergem, por tratarem de consequências advindas da colonização, seja por meio da hierarquização racial, que o racismo, a escravidão e a violência colonial revelam, seja por meio da imposição de padrões estéticos calcados no ideal do *sujeito universal*, protótipo de humanidade do capitalismo, já comentado nesta tese.

Isto posto, como parte da análise dos conteúdos *escrevíveis* das autoras do livro “*Raízes*”, considero importante explicitar a quem me lê acerca da proposta expressa em seus escritos. Vejamos.

4.4.1 Escrita insurgente e desobediência epistêmica como combate às opressões

A fim de situar a quem me lê, afirmo que o registro *escrevível* das autoras aqui estudadas explicitam uma *desobediência epistêmica*.

Para compreender este termo, é preciso lembrar o que foi discutido no segundo capítulo desta tese, ou seja, o debate do “chão histórico” que fundamenta a

⁶⁴ Como pode ser visualizado no item 4.3, o tema *Pobreza*, foi mencionado por BRUNA TAMIREZ e DALVA MARIA, *estupro*, por CAROLINE ANICE e ZAINNE LIMA, *objetificação do corpo da mulher*, por JULIANA LINO e THABATA CRISTINA, *patriarcado*, por CAROLINE ANICE e JULIANA LINO, e *opressão à mulher*, por REGIANE FARIAS e ZAINNE LIMA.

⁶⁵ Segundo o que pode ser conferido no item 4.3, o tema *escravidão* foi mencionado por: FLOR, PRISCILA/ REGIANE FARIAS e SILVANA RODRIGUES.

⁶⁶ Com base no item 4.3, estes temas comentados foram citados, respectivamente, pelas seguintes autoras, sendo que algumas se repetem nesta nota, uma vez que comentaram mais de um desses temas que foram mencionados uma vez no livro “*Raízes*”: GIOVANNA HELIODORO, JÚLIA GOMES, NEGRA JULIE, ZAINNE LIMA, ELÂNIA FRANCISCA, LAURA OLIVEIRA, THABATA CRISTINA, JÚLIA GOMES e FLOR, PRISCILA.

modernidade, o qual levou e ainda leva ao apagamento de determinados corpos e, conseqüentemente, dos seus saberes.

Uso o termo *desobediência epistêmica*, a partir da análise de Mignolo (2008), na qual o autor o vincula à legitimação e à valorização de saberes que fogem dos padrões da modernidade. Propõe a crítica e a desobediência a estes padrões, ao denunciar a racialização, fundamento da era moderna e, conseqüentemente, da sua concepção de conhecimento e ciência. Segundo Mignolo (2008), tal desobediência se imbrica com o ato de descolonizar, o que não significa abandonar ou ignorar esses padrões, mas de os problematizar. Vejamos:

a opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta [...]. Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento. Conseqüentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, *aprender a desaprender* [...] (Mignolo, 2008, p.290, grifos do autor).

Diante disso, ser desobediente à esta lógica pode nos levar, também, à *escrevivência*, pois é uma forma de legitimar os saberes daqueles e, sobretudo, daquelas que foram desumanizadas, e que ainda vivenciam as marcas de violência e extermínio, como já foi discutido nesta tese.

Afirmo isso por considerar que os conteúdos *escrevíveis* das autoras do livro “*Raízes*”, ao serem estudados na presente pesquisa, favorecem para que possamos experimentar tentativas de *escrever* dentro da academia.

Assim, esses conteúdos podem valorizar expressões que foram silenciadas pelo projeto colonial que ainda impera, inclusive, em nossas universidades, como explica Kilomba (2019).

Portanto, cabe advertir a quem lê, que esta é uma análise que ao se aproximar da *desobediência epistêmica* tem o propósito de valorizar os saberes insurgentes – conhecimentos que denunciam a violência colonial, e que desobedecem, por exemplo, as normas gramaticais da língua portuguesa. Afinal, como lembra uma das escritoras do livro “*Raízes*”, “[...] não existe português correto, caso o contrário não teriam

invadido o Brasil” (KARINE BASSI, 2018, p.95)⁶⁷.

Isso se conecta à seguinte reflexão de Conceição Evaristo (2019b), no prefácio da obra *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, composta por escritos de quinze mulheres *slammers*⁶⁸.

Fazer da criação poética instrumento de proposição de luta começa pelo próprio não uso da norma da língua. Conscientemente a “norma certa”, como advogam os puristas, é confrontada, esfacelada, “agredida”. Há uma escolha conscienciosa por uma forma de linguagem, a qual tenho chamado de “gramática do cotidiano”, isto é: o expressar que surge da comunicação inventada, gestada, gerida no meio do povo [...] (p.14).

E esta “gramática do cotidiano” tem muito a ver, por exemplo, com a trajetória da própria Conceição Evaristo, como vimos na seção que trata da sua biografia. Isso atravessa a marca da “palavra” na sua vida, pois a autora cresceu rodeada de casos e histórias, onde tudo fomentava a sua criação.

Um exemplo desta “gramática do cotidiano” no livro *“Raízes”* é expresso por JÚLIA GOMES (2018), o qual é utilizado como forma de transgressão, resistência e denúncia. Vejamos:

[...] Às mulheres, o que foi preparado é isso.
Que sirva para a reprodução
Do companheiro de preferência
Macho!
Nem pra reprodução não,
Mas pra do seu pai, tio, e irmão
Pode até parecer careta, *treta*
Ou picuinhas das *preta*
Mas de nós *cês num enxergam mais do que buceta*
E sim, pode cré
Somos muito mais do que *cês pode ver*. (p.74, grifos meus)

Neste exemplo, é perceptível as gírias e demais formas de expressão que não estão compactuadas com a linguagem formal, como aparece nos registros das demais

⁶⁷ Isso coloca a necessidade de reforçar que os conteúdos das escritoras do livro *“Raízes”* serão integralmente mantidos, até mesmo quando aparecerem fugindo das normas gramaticais da língua portuguesa, uma vez que não respeitar isso é desrespeitar a própria *escrevivência*. Tal questão lembra o recorrente uso, inclusive em artigos da área do Serviço Social brasileiro, do título do penúltimo conto do livro *Olhos d’água* de Conceição Evaristo. A referida autora intitula o conto com a seguinte frase *A gente combinamos de não morrer*, e é comum ver pessoas pesquisadoras alterando a frase para a norma gramatical padrão, o que fere o sentido colocado pela escritora, como já comentei em nota anterior desta tese.

⁶⁸ Este livro tem um objetivo muito próximo do livro *“Raízes”*, mas se diferencia por não ser escrito somente por mulheres negras.

escritoras do livro “*Raízes*”.

Isto posto, a seguir haverá a exposição dos conteúdos *escrevientes* dessas autoras, considerando os temas que apareceram mais de uma vez, em seus registros, e que tratavam de violências contra mulheres negras.

Cada item apresentado é introduzido com um poema do livro “*Raízes*”, o qual ilustra e provoca o que será discutido na seção. Ao fazer esta escolha, intitulei os itens com uma frase que é mencionada no referido poema, sendo um símbolo do enfrentamento àquela violência discutida na seção. Vejamos.

4.4.2 Escravização e Violência Colonial: “*Meu povo não está morto*”⁶⁹

SEMENTE ÁFRICA

Quando eu olho para o mar sinto saudade,
 Observo o quanto é majestoso,
 Sinto um vento gelado em meu rosto,
 Quanto pretos foram jogados ao mar?
 Quantas nações estão no fundo do oceano?
 Invade meu peito, arde,
 O mar afogou um terço do berço da humanidade,
 Eu falo por Angola, Congo, Costa do Marfim,
 Estremeço com os ecos que esbarram em mim,
 Ecos de socorro, gritos por resgate,
 Até que nós falemos sobre cada cidade,
 Cada povo que sacrificou,
 Cada pai e mãe que do seu filho se perdeu,
 Cada filho que se despediu,
 Aos berros, devo dizer,
 Quando no mercado na orla foi vendido,
 Algo que você deve saber,
 E se não sabe é porque,
 Desde cedo tentam calar a nossa história,
 E quando falam sobre nós é no singular,
 Algo que o povo preto nunca foi e nem será,
 Somos plurais até o último fio crespado,

⁶⁹ Frase de FLOR, PRISCILA – no livro “*Raízes*” (2018, p.58).

Somos tons de marrons até o mais forte traço,
 Eu olho para o mar e não desfaço,
 Essa vontade perspicaz,
 De perguntar “Qual é seu berço, meu rapaz?”
 Ao primeiro preto que aparecer,
 Entristeço por imaginar,
 Ele nem deve saber,
Iorubá? Oyo? Achanti ou Abomé?
 Molho meus pés na água,
 As ondas estão fortes,
 As imagens dos fortes me fazem pensar,
 Essas pedras, nessa terra, em frente a esse mar,
 Qual é o segredo para vê-las sem chorar?
 Se o passado foi a semente para o hoje,
 Eu clamo pelo passado que não se conhece,
 Sangue do meu sangue
 Que não encontro em livro algum,
 Dizem que o conhecimento engrandece,
 Sem ele a alma padece,
 Preta! Preto! *Vamos atrás da semente!*
Cafuné, cafundó, bagunça,
Bunda, cuíca, dendê,
Meu povo não está morto,
 Está na música e na dança,
 Sementes da palavra! É samba!
Caçamba, quitanda, quiabo,
Macumba, canjica, camundongo,
 Epa! Calma aí, dicionário preto,
 É informação que haja sustento!
 Mas, isso é coisa de tempo, dedicação,
 Pois África é plural, é semente, é coração!
 (FLOR, PRISCILA, 2018, p. 57-8, grifos meus)

Neste registro de FLOR, PRISCILA, pseudônimo de Priscila Assis dos Santos⁷⁰,

⁷⁰ Ao pesquisar mais sobre a autora em seu *site* pessoal, observamos que o pseudônimo "Flor, Priscila" foi criado por meio do desejo de personalizar o seu fazer artístico. A vírgula é um

é possível verificar o processo diaspórico, advindo da violência presente na colonização da América (séculos XV-XIX), que consequentemente atravessou e é constitutiva do Brasil. A referida autora faz esta observação citando o *mar*, afinal, os navios negreiros vindos de África atravessavam o oceano atlântico, em direção ao nosso continente.

Desse modo, FLOR, PRISCILA indaga: “[...]” quantos pretos foram jogados no mar? Quantas nações estão no fundo do oceano? [...] O mar afogou um terço do berço da humanidade [...]” (2018, p.57). A partir disso, a autora cita os países africanos: Angola, Congo e Costa do Marfim.

As consequências da escravização e da violência colonial – temas deste item – são expressas no referido registro, por meio de ecos, nos dizeres de FLOR, PRISCILA (2018). *Ecos* que nos permitem pensar o fato de a escritora ser uma descendente desse contexto, e, portanto, sentir as marcas da opressão que esbarram em si, conforme os seus dizeres. Mas, também, ecos expressos em violências, tanto do passado, quanto do presente, que refletem em nossa formação brasileira, e que levam, inclusive, FLOR, PRISCILA (2018) asseverar: “[...] meu povo não está morto [...]” (p.57), destacando a resistência dos povos afrodescendentes imersa em nossa história.

Tais consequências aparecem no poema, por exemplo, nas tradições populares, como a música, a dança e o linguajar que nos remete ao *pretuguês*⁷¹. Sobretudo, no apagamento dessas tradições, que é uma violência muito marcante, registrada neste poema de abertura. Afinal, a autora endossa que “[...] desde cedo tentam calar a nossa história [...]” (p.57, 2018).

Assim, FLOR, PRISCILA (2018) me leva a destacar que a constituição da modernidade significou a afirmação do *sujeito universal* e, por conseguinte, dos seus saberes. O que expressou o extermínio da produção de conhecimento daqueles e daquelas que foram colonizados/as, não sendo considerados humanos, mas sim,

recurso escolhido por ela para trazer a ideia de divisão entre o mundo real e o ficcional. É a sugestão de uma pausa para as pessoas fazerem ao chama-la. O nome também remete a estar à “flor da pele”, passando a ideia de sensibilidade.

⁷¹ Este termo, já citado nesta tese, é de Lélia Gonzalez. A autora o usa para destacar as influências dos povos escravizados na constituição da língua portuguesa em território brasileiro. Logo, a junção do povo “preto” com o idioma “português”, leva ao *pretuguês*. Com base em Gonzalez (2020a), coube a *mãe preta*, enquanto aquela que cuidava dos filhos da família escravocrata, a africanização do português falado no Brasil, bem como a africanização da cultura do nosso país.

objetos, inclusive mercantis, como também explicita o referido poema.

E este apagamento significa o epistemicídio, qual seja: o assassinato de determinados saberes, neste caso, em função da raça e também do gênero, que expressam opressões constitutivas do capitalismo. Afinal, como afirma Almeida (2022): “[...] o epistemicídio que produzido pelo discurso hegemônico (acadêmico, político, midiático etc.) se constitui na e para a relação de dominação, de modo a impedir que o sujeito dominado se veja como um igual ao dominador.” (p.165)

Isto posto, FLOR, PRISCILA (2018) destaca exemplos de tradições populares afro-brasileiras que têm suas fontes desconhecidas, ou que são tratadas como homogêneas, prescindindo da sua pluralidade. Isso me fez lembrar de González (2020b) ao comentar da tendência à folclorização das nossas tradições afro-brasileiras e indígenas, tratadas como mitos. Ela afirma que “[...] o nosso desconhecimento com relação à história da América pré-colombiana, com relação à história africana, é extraordinário. [...] (p.247), embora conheçamos os grandes acontecimentos que marcam e marcaram a Europa, como o Iluminismo, a Revolução Francesa, o Renascimento etc.

FLOR, PRISCILA (2018) denuncia este desconhecimento pelo fato de perceber que as violências explicitadas no seu registro reverberam no apagamento dos saberes do povo preto, *sangue do seu sangue*, como ela diz, e que revela não encontrar nos livros.

Dessa maneira, a referida autora protesta, clamando que devemos ir atrás da “semente”, nos convocando a pensar o passado de resistências e tradições, conhecê-lo e evocá-lo. Por isso, o poema é denominado *Semente África*, por reconhecer o contexto diaspórico que funda tais tradições, e que se conecta ao continente africano.

A referida autora ainda expressa que a sociedade desconhece as origens afro-brasileiras de diversas expressões, não percebendo, por exemplo, termos tão comuns que advêm desta tradição, tais como: *cafuné*, *cafundó*, *bagunça*, *bunda*, *cuíca*, *dendê*, *canjica*, *quiabo* etc., citados no poema. Esse desconhecimento impacta na construção da nossa identidade racial, o que pode favorecer ainda mais para a perpetuação do racismo.

FLOR, PRISCILA (2018), ao reforçar as tradições afro-brasileiras neste poema de abertura da seção, denota que o povo preto é plural até o “último fio crespo”, segundo os seus termos. Assim, considero que reivindicar a nossa humanidade, como bem expressava Fanon (2020), é enfrentar as tentativas de homogeneização, que

revelam meios de negar a nossa condição como pessoas. Afinal, o que é humano é diverso. E a percepção da sociedade vendo o povo preto como não humano, além de ser expressa no poema por meio do apagamento de tradições afro-brasileiras, também é explicitada no comércio de escravizadas/os na orla marítima, para a geração de lucro.

Tais reflexões postas no poema de abertura tem confluências com o documentário *Ôrí* (1989)⁷², da historiadora Beatriz Nascimento. A autora traz a ideia de povo atlânticos – transatlânticos – por identificar a diáspora entre África e América, como um processo de transmigração dos povos escravizados, ao saírem de um continente para outro.

O documentário também traz diversas expressões culturais afro-brasileiras e eventos que ocorreram nos anos 1970 e 1980, com figuras emblemáticas, como o célebre acadêmico, ator, político e dramaturgo Abdias do Nascimento (1914-2011), criador do Teatro Experimental do Negro. Mostra, ainda, várias atividades promovidas por estudantes negras/os, como a *Quinzena do Negro*⁷³, na USP, em 1977.

Nesse evento, há mais de quatro décadas, Beatriz Nascimento já afirmava que “o grande drama é justamente o reconhecimento da pessoa do homem negro que nunca foi reconhecido no Brasil” (1989, *internet*). Esta constatação está expressa nos ecos mencionados no poema de FLOR, PRISCILA (2018). *Ecos* que soam até hoje, e que justificam o contexto de resistência expresso no sentido de *escrevivência*, trabalhado nesta tese.

Portanto, apresento um trecho da escritora REGIANE FARIAS. (2018), no livro “*Raízes*”, que explicita mais um conteúdo de violência sofrida por mulheres negras, o qual neste item é representado pela escravização e violência colonial.

⁷² Para ter acesso ao documentário, ver o seguinte link: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbgkx63IUUD8gOglM2wKVId4n/view>. A título de curiosidade, cabe comentar que *Orí*, segundo Ratts (2021), significa *cabeça* na língua africana *yorubá*.

⁷³ Tal evento contou com falas bem emblemáticas, dentro da Conferência Historiografia do Quilombo, conforme consta no documentário *Orí* (1989).

“Quando sinhá me batia”⁷⁴
 duvidava-se então,
 da força da minha resistência,
 que o meu turbante,
 era luta e crença,
 ao achar que eu só servia,
 pra cozinha, pro chão
 pra lavoura, pro cão,
 E quando não tinha nada?
 Eu era sempre abusada,
 pelo SENHOR PATRÃO [...] (p.128, grifo da autora).

Esta parte do seu poema intitulado *Minha Resistência* revela a *mãe preta* escravizada pelo regime colonial no Brasil, que é silenciada na sua condição de humanidade, obrigada a dispensar cuidados à família escravocrata.

Tal cenário é, inclusive, o “pano de fundo” da *escrevivência*, como explicita Evaristo (2023a), pois este se fundamenta na vivência de mulheres escravizadas no Brasil colônia.

De acordo com o trecho supracitado de REGIANE FARIAS (2018), a *mãe preta* está inserida no trabalho escravizado dentro de uma economia de produção, que objetifica o seu corpo, seja nas atividades da “casa grande”, quanto da lavoura, sendo ainda exposta à violência sexual, advinda do “senhor patrão”.

A opressão explicitada na parte “[...] eu era sempre abusada, pelo SENHOR PATRÃO” (REGIANE FARIAS, 2018, p. 128, grifo da autora) nos leva a reforçar, com base em González (2020a), de que o que veio a ser o Brasil se forma a partir, também, do estupro de mulheres negras⁷⁵. Isso se dava, sobretudo, através dos homens brancos: pois, os “[...] ‘casamentos inter-raciais’ nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravos etc.). [...]” (p.50).

Disso decorre a compreensão de que a miscigenação presente em nosso país é uma marca de violência racial e de gênero deste território. Portanto, não se tratou do fruto de harmonia das raças, como durante décadas circulou o discurso dominante – sobretudo do *mito da democracia racial* a partir dos anos 1930 – o qual a referida

⁷⁴ Esta frase faz parte de várias cantigas do Vale do Jequitinhonha, local onde vivo e que compõe as origens da autora REGIANE FARIAS, como consta na seção dedicada ao perfil das autoras do livro “*Raízes*”. Tal registro possivelmente faz alusão à música “No Tempo do Cativo” de Agostinho Neto, que contém a referida frase.

⁷⁵ E podemos acrescentar, também, de mulheres indígenas, conforme a leitura de Potiguara (2019).

autora critica, e explicita que o historiador e sociólogo Gilberto Freyre foi o principal articulador do aludido pensamento.

Desse modo, cabe a explicação de Carneiro (2011a) ao afirmar que:

no Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até a últimas consequências [...] (p.1).

Tal análise remete a um registro, que já usei nesta tese. É de KARINE BASSI (2018), no livro “*Raízes*”. Nele, a autora protesta, afirmando que:

Vimos cobrar mais de 500 anos de história,
Resgatar nossa cultura e memória,
Escrever um novo caminho por mulheres cabulosas,
Em poemas, contos, verso ou prosa.
Histórias da qual com glória conquisto
Como a nossa grande Conceição Evaristo
Um novo rumo,
Pois aprendi com Elza Soares
A ser “A mulher do Fim do MUNDO” (p.99)

Esta citação é um exemplo nítido da possibilidade de as escritoras negras contemporâneas estarem promovendo o *eco da vida-liberdade*, como Evaristo (2019a) infere para a nossa geração. Ou seja, a possibilidade de valorização do legado ancestral, permeado por resistência e enfrentamento, os quais fomentam e fortalecem a *escrevivência*. O trecho citado celebra, ainda, mulheres como Elza Soares, que tanto marcou a cultura e a música brasileira do século XX, afinal, nos deixou há pouco tempo.

Por compreender que as autoras do livro “*Raízes*” são exemplos contemporâneos do referido *eco da vida-liberdade*, apresento a seguir demais trechos da referida obra, que asseveram tal análise, e que denunciam a escravização e a violência colonial, temas registrados no presente item:

Sou a índia que sofreu, Anastácia que sobreviveu
Sou Frida, fera ferida.
[...] Já disse que sou Beth, sem o Carvalho?
Que exala no “Samba de Arerê”, o mais lírico orvalho.
Sou também Clementina, a de Jesus
Que veio ao mundo no “embala eu” e trouxe luz.

No balancê da vida fui do palco a sarjeta.
 Fui tantas, mas tantas
 que já não sei mais caber em mim mesma.
 Fui do estupro da colonização
 a imposição dos tais “padrões de beleza”
 Fui nacional e estrangeira, fui a carne mais barata,
 mulata exportação, fui globeleza...
 Mas, olha bem para mim, olha bem para mim.
 Prazer, sou um MULHERÃO DA PORRA,
 MULHER BRASILEIRA! (ALINE OLIVEIRA, 2018, p.20, grifos da
 autora).

Trago comigo, no peito
 A ancestralidades de minhas Yabás,
 A revolta negra nagô
 A força de quem aguentô
 Chicote de malfeito
 Abusos de senhô
 A resistência de quem não sucumbiu,
 De quem em meio ao covarde massacre hostil
 De uma pátria chamada Brasil,
 Não se entrega. Não se rende.
 Mulher negra que sabe que
 nenhuma amarra mais a prende.
 Aprenda! Não fomos feitas pros teus caprichos [...] (KARINE BASSI,
 2018, p.99)

[...] Sabe porque a poesia sai de dentro de mim
 rasgando fronteiras? Resgatando raízes?
 Porque aprendi com o desespero que
 Se quero evoluir
 Preciso saber de onde é que eu vim, primeiro,
 Feito Carolina de Jesus, em seu quarto de despejo,
 Ou Luísa Mahin, conduzindo grandes guerreiros. (KARINE BASSI,
 2018, p.99)

[...] Nasci mulher e preta
 Cresci, preciso sobreviver a esse sistema
 Que quer meu corpo controlado,
 Abusado, exposto e exportado
 Que quer minha boca fechada,
 Mas que sinto dizer:
 Tem sede de justiça e uma língua afiada. (ALINE OLIVEIRA, 2018,
 p.17)

Tais registros mostram que “[...] meu povo não está morto [...]” (p.57), como expressa FLOR PRISCILA (2018), no poema de abertura desta seção. Revelam o legado da ancestralidade sendo, segundo o registro de KARINE BASSI, “[...] a

resistência de quem não sucumbiu [...]” (2018, p.99). Inclusive, por meio da fé nas religiões de matriz africana, como a menção das *Yabás*, nos sugere.

Por isso, os trechos expressos acima comentam acerca de mulheres que inspiraram as referidas autoras, desde do período colonial – citando “Luísa Mahin”⁷⁶, a “Índia que sofreu”, a “Anastácia que sobreviveu” –, até exemplos mais contemporâneos como Carolina de Jesus e Clementina de Jesus.

Dessa maneira, KARINE BASSI (2018) afirma: “[...] mulher negra que sabe que nenhuma amarra mais a prende [...]” (p.99). Tal frase reconhece a violência escravocrata do passado no “Chicote de malfeitô” e nos “abusos de senhô”, como a referida autora menciona, mas explicita a resistência e a luta do presente, o que enfatiza que o nosso povo não está morto, parafraseando FLOR, PRISCILA (2018).

Nos registros que foram citados, também é possível mencionar o estupro colonial e os impactos disso na figura da *globeleza*, por exemplo. Esta esteve no ideário imerso nos comerciais televisivos da rede globo de televisão, os quais expunham, no período do carnaval, o corpo semi nu de uma mulher negra, sambando. Tal fato relaciona com a ideia de “produto importação”, mencionada por González (2020a), que significou a objetificação dos corpos das mulheres negras, para deleite, o que pode também ser analisado, ao REGIANE FARIAS (2018) complementar o seguinte:

⁷⁶ De acordo com Arraes (2020), Luísa Mahin viveu como quituteira em Salvador, no século XIX. Ela repassava bilhetes em seus quitutes, envolvendo-se em muitas rebeliões, como a Revolta dos Malês (1835).

[...] “Quando sinhá me batia”
 perdia a conta das chibatadas,
 meu sangue escorria,
 em minha pele fria.
 Meus peitos eram leitões
 pro branco usar,
 enquanto o sujo negro,
 o seu corpo não podia se apropriar.
 Eu era vendida!
 Como a carne de um animal,
 exposta ao sol, passada no sal,
 todos me apertavam,
 pegavam nas partes que eu não queria,
 chorava por liberdade
 que eu nunca teria,
 Hoje, o quilombo é periferia,
 ainda sou negro sujo,
 sou vendida, sou bandida, vadia,
 mulher que rouba a manteiga na mercearia,
 sou usada, abusada,
 lavada com meu sangue,
 das chibatadas das forças armadas.
 “Quando sinhá me batia”
 me batem assim como hoje,
 onde meu corpo é pura mercadoria,
 sou terceirizada, roubada!
 Mudaram meu nome de escrava,
 para o posto maior, de empregada. [...]. (REGIANE FARIAS, 2018,
 p.128-29, grifo da autora)

Tal citação, além de apresentar a histórica violência contra os corpos de mulheres negras, por meio dos trechos que remetem às “chibatadas”, “ao sangue que escorria”, ao “corpo exposto como carne”, nos termos da autora, nos leva pensar a ideia de quilombo. Para Nascimento (1989), o quilombo surge de um fato histórico, que é a fuga – a possibilidade de agregação para sair da violência. Temos como exemplo *Palmares*, o qual, segundo González (2020a), foi a primeira tentativa brasileira de criação de uma sociedade democrática e igualitária, berço da nacionalidade brasileira, sob a liderança de Zumbi.

Percebo que REGIANE FARIAS (2018) passa a mensagem de *aquilombar*, qual seja: formar quilombos. E isso faz pensar quais seriam os quilombos de hoje, para além do significado de comunidades remanescentes. A autora nos auxilia a refletir sobre as formas de resistência fortalecidas pela agregação do povo negro, que remete à ideia de quilombo. Por isso, ela menciona que “hoje, o quilombo é periferia [...]” (p.128), o que me faz remeter às favelas, às comunidades tradicionais, aos

movimentos sociais e, até mesmo, às nossas tentativas de *escrevivência*, que também são resistências.

Ao ter em vista essas questões, observo que REGIANE FARIAS (2018) ainda afirma que a escravizada de ontem é a trabalhadora doméstica de hoje, provocando quem a lê conectar a violência do passado colonial, com a violência que mulheres negras sofrem na atualidade. E isso remete, por exemplo, ao caso da trabalhadora Mirtes Renata que, em junho de 2020, perdeu o seu filho Miguel Otávio de 5 anos, enquanto, em plena pandemia da Covid-19, foi obrigada a continuar no trabalho e teve que passear com os cachorros da sua patroa⁷⁷.

Enquanto isso, a criança foi vítima do crime de abandono de incapaz, por parte de Sarí Corte Real, a patroa da sua mãe que, ao negligenciar os cuidados, permitiu com que a criança caísse do 9º andar de um prédio, em um condomínio de luxo na área central de Recife-PE.

Se invertêssemos os papéis, ou seja, se a trabalhadora negra fosse a responsável pela morte do filho da patroa branca, aquela estaria em liberdade? Sarí continua livre, mesmo após mais de quatro anos deste acontecimento.

A meu ver, tal crime é um exemplo de *chibatada* – usando o termo de REGIANE FARIAS (2018) – que pode ser ilustrada nos dias de hoje, visto o racismo que atravessa a nossa sociedade, exemplificado no referido caso. Esta situação nos leva a compreender elementos do passado colonial que refletem na atualidade.

Ainda, ao pensarmos a história do Brasil, cabe considerar que, embora as correntes formais da escravização tenham deixado de existir com a data da considerada Abolição da Escravatura, em 1888, o Estado brasileiro não implementou políticas que dialogassem com uma possível cidadania das pessoas que foram escravizadas, como explica Gonçalves, R. (2018).

De 1890 a 1930, por exemplo, segundo a explicação de González (2020b), observamos, no país, políticas do Estado para estímulo à presença do imigrante europeu, tendo em vista a ideologia do branqueamento dominante na sociedade brasileira, como atesta a seguinte citação da autora:

⁷⁷ Ver em: FERRAZ, A. Quatro anos após morte de Miguel, como estão processos contra mulher condenada por deixar menino que caiu de 9º andar sozinho em elevador. **G1**. 02/06/2024, Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2024/06/02/quatro-anos-apos-morte-de-miguel-como-estao-processos-contramulher-condenada-por-deixar-menino-que-caiu-de-9o-andar-sozinho-em-elevador.ghtml> . Acesso em 17 out. 2024.

[...] a ideologia dominante na sociedade brasileira, no final do século XIX até os anos 1930, embora essa ideologia se perpetue até os dias de hoje, era justamente embranquecer a sociedade brasileira, dar uma injeção muito grande no sentido da transformação física da população brasileira [...] (p.245-46).

No que diz respeito a esse contexto, Carneiro (2022) comenta que se não fosse o empreendedorismo, após a abolição formal da escravidão, o povo negro não teria sobrevivido neste país. A autora destaca que esse período veio acompanhado do fomento de embranquecimento do mercado de trabalho nacional, relegando as pessoas recém libertas da escravização, e colocando os imigrantes europeus como os primeiros cotistas, que, por isso, receberam incentivos e recursos do Estado.

Para complementar essa discussão, analisando o contexto de colonização europeia na América, por exemplo – expresso no capítulo dois desta tese – observamos uma divisão racial do trabalho que possibilitou com que formas assalariadas não se associassem, consequentemente, à população colonizada. E isso interferiu em como esta população se inseriria no mundo do trabalho, após a abolição das relações formais da escravidão nas colônias, como a brasileira.

Por isso, ao estudarem o pós-abolição no Brasil, Carvalho e Santos (2021) contextualizam que: “na virada do século XIX para o XX a mulher negra se inseriu na sociedade produtiva como cuidadora de lares, enfrentando longas jornadas diárias de trabalho, sem nenhuma proteção legal [...]” (p. 182).

Segundo as referidas autoras, às mulheres negras foram conferidas as funções mais precarizadas do mundo do trabalho, contribuindo para um processo histórico de subalternização, que, a meu ver, reflete no caso de *Mirtes Renata* e no registro mencionado de REGIANE FARIAS (2018). Afinal, no final do ano de 2021, por exemplo, 41,5% das mulheres negras estavam subutilizadas no mercado de trabalho. Sendo que no diz respeito aos homens brancos, no referido período, são 18%⁷⁸.

Tal fato tem conexão com a constatação de Carvalho e Santos (2021) ao afirmarem que: “[...] quando se trata de escravidão, existe na história do Brasil uma

⁷⁸ Tais dados são expostos por Mendes (2023), na reportagem do Jornal *Brasil de Fato* em 21/03/2023, conforme informações do Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). Trata-se de uma ONG que produz conhecimento e desenvolve projetos voltados para promoção da igualdade de raça e gênero, e que atua em espaços como sindicatos, escolas, empresas etc. O referido autor também explica que o IBGE considera que a taxa de subutilização se vincula às pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas, e a força de trabalho potencial.

continuidade e não uma ruptura [...] (p. 182). E é por isso que tal tema se apresenta como uma violência denunciada no livro “*Raízes*”, assim como a temática do racismo, que veremos no próximo item.

4.4.3 Racismo: “*ao racismo que vai cair*”⁷⁹

NÃO ESPERE LEVEZA

Como ser leve
Quando a injustiça assombra os sonhos
Quando da fome já se ouviu os rancos
Quando a esperança se torna ingenuidade

Como ser leve
Se ao me deitar as pálpebras pesam
Se do sono e dos choros, os olhos incham
Se o cansaço cada dia é maior ainda
Se o dia não se fez bom na vida

Como ser leve
Se meu corpo pesa uma tonelada
Se minha indignação beira a loucura
Se minhas escolhas são confrontadas
Se os grilhões apertam a garganta

Como ser leve
Se meus passos fazem barulho
Se minha presença ameaça
Se dizem que falo alto demais
Se até meu riso incomoda

Como ser leve
Se a insegurança atravessa o peito
Se a solidão uma hora me encontra
Se a angústia a tanto me persegue

⁷⁹ Frase de CAROLINE ANICE – no livro “*Raízes*” (2018, p.36).

Se a culpa me cobre e me despe

Como ser leve

Se minha vida pertence aos senhores

Se as ruas invadem meu corpo

Se o amor nunca escolheu as minhas

Se dos séculos ainda não fomos libertas

Se a cor da noite é tão escura

Se nos olham mas não enxergam

Não espere leveza

Se dentro de mim a bala perfura

Se o facão amolado esquarteja a carne

Se a bomba está prestes a explodir

Se cada prego batido deixa marcas

Se tudo que querem é cabeça abaixada

Não espere leveza

Se minha pele é de mulher negra

Se o gatilho aponta pra nossa cabeça

Se a clandestinidade é a única saída

Se nos querem servas, nunca libertas

Se em nenhum segundo nos querem vivas

Não espere leveza

Se a fome não espera

Se a dor não espera

Se a morte não espera

Não espere leveza

Quero tocar fogo no racismo

Quero queimar os engenhos

Quero cobrar a nossa conta

Não espere leveza

- *ao racismo que vai cair* (CAROLINE ANICE, 2018, p.35-6, grifo meu).

CAROLINE ANICE (2018) dedica este registro *ao racismo que vai cair*, título da presente seção. Ao fazer isso e denunciar tal violência, a autora a mostra, por exemplo, em trechos que relatam a ambiência urbana.

Expressa racismo na “rua que invade o seu corpo”, na “bala que perfura”, no “gatilho apontado para a cabeça”, no “facão amolado que esquarteja a carne” etc., segundo os seus dizeres.

Tais expressões desse poema de abertura nos levam a comentar, por exemplo, que a cada 100 mortos pela polícia no Brasil, em 2022, 65 eram negros, conforme o relatório *Pele Alvo: A Bala Não Erra o Negro*, expresso na *Rádio Agência* (2023).

Isso me fez lembrar do discurso de patriotismo agressivo e fanático, que ainda atravessa o nosso país, e que marcou o período do governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Esse registro de CAROLINE ANICE, por exemplo, nos ajuda a pensar no estímulo à prática da violência que atravessou tal gestão, pelo fato de ela ter promovido a facilitação de compras de armas pela população.

Cabe denotar, com base em Alves (2022), que as mortes provocadas por armas de fogo, já atingiram 70% dos homicídios no país, vitimando majoritariamente a população negra, 56% dos brasileiros. O referido autor comenta o Levantamento do *Instituto Sou da Paz*, explicitando que dos 30 mil assassinatos por agressão armada em 2019, contexto que marca do lançamento do livro “*Raízes*”, 78% foram contra pessoas negras, o que fica ilustrado no registro de CAROLINE ANICE.

O referido ex-presidente, Bolsonaro, antes e durante o período da presidência, chegou ao absurdo de comparar pessoas quilombolas com animais⁸⁰. Como assevera Tommaselli (2020), no ano em que foi eleito (justamente no ano em que o livro “*Raízes*” foi lançado), participou de uma entrevista no programa *Roda Viva*, transmitido pela TV Cultura, em 30 de julho de 2018, no qual negou parte da escravização brasileira, minimizando a violência colonial. Na ocasião, afirmou a seguinte frase: “se for ver a história realmente, os portugueses nem pisavam na África, eram os próprios negros que entregavam os escravos” (Revista Exame, 2018, p.2)⁸¹.

⁸⁰ Consultar em: BARBIÉRI, L.F. STF rejeita denúncia de racismo contra Jair Bolsonaro. **G1**.11/09/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/11/stf-rejeita-denuncia-contrajair-bolsonaro-por-crime-de-racismo.ghtml>. Acesso em 04 jun. 2024.

⁸¹ Ver em: REVISTA EXAME. Bolsonaro questiona escravidão e cotas. **Roda Viva**. 31/07/2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/no-roda-viva-bolsonaro-questiona-escravidao-e-cotas/>. Acesso em: 04 out.2022.

Ao constatar que uma pessoa como esse perfil chegou a presidir o Brasil, me lembro do que afirmou Carolina Maria de Jesus:

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.
Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.
(2001, p.26)

Isso é muito atual, justamente quando refletimos sobre o contexto do que foi a presidência de Jair Bolsonaro, em nosso país.

Ao continuar a comentar os elementos presentes no poema de abertura desta seção, de autoria de CAROLINE ANICE (2018), cabe comentar que, ademais, o racismo se expressa no poema através do cansaço e da servidão no trabalho, através da solidão, da morte, da escravização, da injustiça, da fome, da insegurança, da angústia, da culpa, e até do incômodo que o riso gera na sociedade.

Ao trazer tal relato, a referida autora assevera que a sua pele é de mulher negra, e que se encontra indignada e farta do contexto de constantes opressões. Por isso, indica para que não esperem leveza da sua parte, pois: “quer tocar fogo no racismo”, “queimar os engenhos” e, portanto, cobrar a dívida social que carrega.

Além disso, revela que há “grilhões que apertam a sua garganta” e que existe uma imposição para que sua “cabeça fique abaixada”, elementos que atestam o silenciamento imposto às mulheres negras, como viemos discutindo, e que se encontram como fomento para a *escrevivência*. Por isso, precisamos *erguer a voz*, como defende hooks (2019).

O registro de CAROLINE ANICE (2018) salienta que não se deve esperar leveza, em um contexto onde o peso é constante. Ou seja: não se deve esperar leveza diante de opressões, não se deve esperar leveza aos sermos comparados como animais, como Bolsonaro chegou a fazer em citação anterior. Por meio do poema de abertura desta seção, penso que a referida autora nos traz provocações, afinal: como sermos “leves” diante do racismo? Em outras palavras, por exemplo: como enfrentar com “flores” quem nos oprime? Creio que os combates são atravessados por violências, que podem ser exemplificadas em contra-ataques, como CAROLINE ANICE expressa, ao mencionar que “quer tocar fogo no racismo” e “queimar os engenhos”.

Diante da referida provocação, cabe asseverar: como pedir leveza em um cenário, a título de ilustração, em que a vitimização de pessoas negras (pretas e

pardas) em registros de homicídios correspondeu a 76,5% do total registrado no país, no ano de 2022⁸²?

Desse modo, cabe contextualizar que de acordo com Redação do *Jornal Brasil de Fato*, em 19 de junho de 2024, ao analisar os dados do *Atlas da Violência* (Cerqueira e Bueno, 2024), foi possível constatar que de 2012 a 2022, cerca de 111 pessoas negras foram assassinadas por dia no Brasil. Isso indica que 73% dos homicídios no país foram contra negros e negras, e que a chance de morte violenta entre pessoas pretas e pardas é quase três vezes maior em comparação com pessoas não negras.

O *Atlas da Violência* (Cerqueira e Bueno, 2024) ainda revela que na referida década – 2012 a 2022 – ao menos 48.289 mulheres foram assassinadas no Brasil, sendo 3.806 apenas em 2022. Deste quantitativo, 2.526 são mulheres negras, sendo 66,4% do total. Portanto, com base nesta fonte, a chance de uma mulher negra ser assassinada é 1,7 vezes maior do que de uma mulher não negra.

Desse modo, ao ter em vista tais dados, e refletir sobre a nossa história, cabe lembrar de alguns elementos discutidos no capítulo dois desta tese, que remontam às origens do capitalismo, e que ainda se expressam na atualidade.

Segundo Quijano (2005), por exemplo, *raça* e *identidade racial* foram estabelecidas como instrumentos de classificação social, indissociáveis do processo de colonização e escravização da América (séculos XV-XIX), contexto que marca o surgimento do capitalismo e da modernidade. Também cabe destacar, com base em Federici (2017), que, neste contexto, não encontramos apenas a sua intrínseca relação com a escravização racial, mas também, e junto dela, a opressão e o assassinato de mulheres, sobretudo, por meio da “Caça às bruxas”.

Desse modo, quando se denuncia, por meio dos dados supracitados, tais violências, é necessário ter em vista de que não se trata de uma mera característica da atualidade. São marcas estruturais das relações sociais capitalistas que, inclusive, podem ser atestadas no item anterior desta tese, no qual as autoras do livro “*Raízes*” trazem expressões da escravização e da violência colonial brasileira.

Assim, diante dessa realidade, se inspirando em CAROLINE ANICE (2018), como pedir leveza?

⁸² Tais dados são do *Atlas da Violência* (2024). De acordo com o documento, o mesmo deve ser referenciado através de Daniel Cerqueira e Samira Bueno, coordenadores e, portanto, é assim que se encontra na lista de *referências* desta tese.

Tais considerações nos levam a comentar, também, sobre o conceito de *necropolítica* do filósofo camaronês Achille Mbembe⁸³ que, em linhas gerais, é um termo que explicita a capacidade das estruturas de poder determinarem “quem pode viver” e “quem deve morrer”, dentro de uma sociedade racializada (Tommaselli, 2020). Afinal, silenciar, explorar, matar, deixar morrer de fome, entre outras violências expressas no poema de abertura, de CAROLINE ANICE (2018), significam afirmar “quem deve viver” e “quem deve morrer” no capitalismo. Portanto, o racismo – a violência denunciada nesta seção – se constitui como um aparato que reproduz e legitima a *necropolítica*.

É por isso que, como também lembra a referida autora em um outro registro do livro “*Raízes*”: “[...] quando as meninas negras crescem, o racismo grita-lhes tantos nomes que é impossível não escutá-los” (CAROLINE ANICE, 2018, p.31).

É impossível não perceber “quem é para morrer” e “quem é para viver”, neste sistema. Por exemplo, Mãe Bernadete, líder quilombola e religiosa (de matriz africana), foi executada a tiros em 2023. Quatro homens armados invadiram a casa da Matriarca do Quilombo de Pitanga dos Palmares, localizado em Simões Filho (BA), e a mataram na frente dos netos, como explica Lacerda (2023). Mais uma mulher negra assassinada por questões que envolvem a sua raça, classe, religião e gênero, e que está envolvida neste processo de “quem é para morrer” neste sistema, assim como Claudia Ferreira e Marielle Franco, já mencionadas nesta tese.

Isso atesta o que diz JULIANA LINO (2018) no livro “*Raízes*”: “ainda precisamos reivindicar nossa humanidade” (2018, p.90), bem como o que DALVA conta em sua história ao protestar que sabe “[...] muito bem como preto e pobre é tratado nesse país [...]” (2018, p. 40). Afinal, “os tapas são constantes”, como expressa JULIANA LINO (2018, p.88).

O racismo é uma expressão de hoje e de ontem, pois como já foi comentado, o conceito de colonialidade atesta a manifestação atual e permanente da esfera colonial, em nossa sociabilidade, o que assevera que não é meramente uma expressão do período colonialista, ou seja, compõe a nossa vida cotidiana na atualidade. E isso favorece, inclusive, para que a vitimização de pessoas negras em homicídios correspondesse a 76,5% do total, em 2022, conforme foi dito, com base

⁸³ Atualmente é professor-investigador de História e Política no Instituto de Pesquisa W. E. B. Dubois da Universidade Harvard.

no *Atlas da Violência* (Cerqueira e Bueno, 2024).

Sobre o racismo na vida cotidiana, cabe explicitar o registro de JULIANA JESUS (2018):

Preto igual a cor da nossa pele
Preto igual o lugar onde nós morávamos
Preto, como diria a minha velha
Igual a nossa situação. (2018, p.81).

A cor, a situação e o lugar de quem sofre o racismo é demarcado nesta sociedade. São direcionados a quem JULIANA LINO (2018) se inclui: “[...] Sou quem a burguesia tenta aniquilar com/ PEC’s/ Golpes/ E um miserável sistema”⁸⁴ (2018, p.92).

Para complementar essa discussão e ainda conectá-la ao processo de resistência de mulheres negras, ELÂNIA FRANCISCA (2018), em um dos poemas do “*Raízes*”, registra que não é de hoje que silenciam e controlam o corpo da mulher negra. Enfatiza que isso é de tempos atrás.

[...] Meu corpo negro grita
Minha pele negra é prova viva
(muito viva aliás)
Da resistência de negras guerreiras
De hoje e de tempos atrás [...] (2018, p.47, grifo meu).

Corroborando, JULIANA LINO (2018) destaca que a resistência de mulheres negras é um “grito” ancestral, pois elucida o seguinte:

Quando saí do ventre de minha mãe
Meu choro negro ecoou resistência
Sou um rastro de luz e força das minhas ancestrais
[...] (p.92).

⁸⁴ Isso está presente, hoje, ao constatarmos, por exemplo, que apesar do atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmar que os cortes de gastos do seu governo também devam incluir os “de cima”, como pontua Redação do *Jornal Brasil de Fato*, em 12 de novembro de 2024, movimentos populares e entidades de trabalhadores temem cortes em investimentos de programas sociais importantes, que atacam os direitos sociais da Constituição Federal. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, com as greves das Universidades e Institutos Federais, que aconteceram no último ano. Tal preocupação favoreceu a criação de um manifesto, divulgado em 10 de novembro de 2024, e assinado por dezenas de organizações, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) etc.

Isso indica a necessidade de reforçar a possibilidade de as escritoras do livro “*Raízes*” estarem promovendo o *eco da vida-liberdade*, como infere Evaristo (2019a). É um exemplo do *estilhaçamento* das *máscaras* do silenciamento, como também provoca a referida autora⁸⁵.

Além disso, cabe comentar que, em um contexto onde não nos querem vivos, existem mulheres que utilizam da *escrevivência* para denunciar as opressões cotidianas que enfrentamos, mesmo que de forma sutil, que é como o racismo gosta de trabalhar, parafraseando ZAINNE LIMA (2018).

Portanto, diante dessa exposição que denuncia o racismo, por meio dos conteúdos das autoras do livro “*Raízes*”, cabe comentar a sua expressão, também, através da imposição dos padrões estéticos – tema da próxima seção.

Afirmo tal consideração, uma vez que a construção social do que é ser uma mulher negra passa obviamente pelos traços fenotípicos, e de como esses são lidos em um sistema onde a definição de humanidade passa pela figura do *sujeito universal*: masculino, branco, europeu, heterossexual etc., como foi explicitado nesta tese. Vejamos.

4.4.4 Pressão de padrões estéticos: “*diante do meu crespo apenas, curvem-se!*”⁸⁶

COROA

Uma coroa enorme,
Uma herança gigante,
Um poder absurdo
Isso aqui é atitude,
não um apelo
Então, porque você ainda pergunta
se isso tudo é só cabelo?

Um emaranhado de valores,
combinação de beleza e cores,
Numa armação que combina também

⁸⁵ Evaristo (2017a).

⁸⁶ Frase de ALINE OLIVEIRA – no livro “*Raízes*” (2018, p.15).

alma e coração.

Isso aqui é a voz de muitos,
silenciada durante anos na multidão.
Tenho o mundo na cabeça,
então não me venha com suas perguntas,
seus padrões e suas sentenças.

Diante das minhas ondas,
Só pulem
e *diante dos meu crespo apenas,*
curvem-se! (ALINE OLIVEIRA, 2018, p.15, grifo meu)⁸⁷

Este registro de ALINE OLIVEIRA (2018) foi o que mais me tocou no livro “*Raízes*”. Falar de cabelo é muito caro a mim, porque, de fato, foi a ponte para o meu processo de identidade racial, como acontece com muitas pessoas negras.

Por ter pele clara, e por ter traços de miscigenação em diversos aspectos que compõem a minha identidade, percebo que o meu cabelo crespo vem se tornando um traço que me permite crescer em várias dimensões da vida pessoal e profissional. É uma característica que abre para várias possibilidades, porque que é uma parte fundamental de como nos colocamos no mundo, uma “coroa”, como afirma o poema de abertura.

Segundo Gomes (2002), em um importante artigo sobre trajetórias escolares e cabelo crespo, o corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo, seja por meio de pinturas corporais, penteados, maquiagem etc. A referida autora ainda explica que a cor da pele e o cabelo são dois elementos construídos culturalmente, na sociedade brasileira, como definidores do pertencimento étnico e racial.

Desse modo, ter a percepção da simbologia do meu cabelo crespo interferiu nas motivações que envolveram a construção desta tese, bem como nos rumos que a atravessaram, de acordo com as partilhas realizadas no memorial que compõe o capítulo introdutório deste trabalho. Estas se relacionam com o meu reconhecimento

⁸⁷ Este potente registro foi declamado por mim na rede social *Instagram*, em 20/11/2023. Ver no link: https://www.instagram.com/p/Cz32CiPO_5Uqm1E-HsRs4VMdU7JGmIBU0J9Au40/

como mulher negra e, concomitante a isso, com a experiência de escrever não se limitando aos formatos acadêmicos, mas buscando inspiração na *escrevivência*.

Se os corpos negros foram historicamente desumanizados, com base nas discussões que viemos fazendo, o cabelo crespo é atravessado por este processo. Por isso que no poema de abertura desta seção, ALINE OILVEIRA (2018) revela que tal cabelo é a voz de muitos, “[...] silenciada durante anos na multidão” (p.15). Desse modo, pensar em padrões estéticos é também discutir sobre racismo. É falar sobre silenciamento, como destaca a referida autora.

O preconceito contra o cabelo crespo, exposto no poema de abertura, envolve a construção de padrões estéticos moldados pelo *sujeito universal*, devidos às marcas coloniais. Pois como explica Gomes (2002):

durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais [...] (p.42).

Por isso que tal conteúdo exposto no livro “*Raízes*” não é “só” sobre cabelo. Percebo que é uma discussão para pensarmos os demais traços afrodescendentes, mas, também, roupas e acessórios, que dizem respeito a uma história silenciada, de corpos silenciados. Isso, através de um processo de hierarquização racial, serviu como justificava para exploração e extermínio, bem como, conseqüentemente, para estipular qual tipo de corpo que seria compreendido como fonte de beleza, considerando a discussão acerca do capitalismo, que fizemos nesta tese.

Tal compreensão pode ser exemplificada no registro de JULIANA LINO (2018), citado a seguir, retirado do livro “*Raízes*”. A autora exige que respeitem o seu corpo e os seus acessórios inspirados na história e na cultura africana, e que não ousem objetificá-la. Reconhece que a abolição da escravatura no Brasil não se efetivou, e que ainda é preciso lutar para que a sociedade reconheça a nossa humanidade:

Não ouse, não ouse!
 Nossos turbantes e adereços, respeite!
 Não me toque sem permissão, não sou objeto de enfeite.
 Não ouse, não ouse!
 Não ouse pôr fetiches racistas no meu corpo.
 Meu corpo, casa da minha alma, dos meus afetos
 130 anos de abolição (que veio e não libertou)
 e ainda precisamos reivindicar que não somos objeto [...] (p.90).

Ao pensarmos sobre tal processo, conectado às violências sofridas por mulheres negras, cabe comentar que Carneiro (2003) denota que tais violências são efeitos da hegemonia da branquitude no imaginário social.

Isso nos ajuda a pensar o conjunto dos traços afrodescendentes e, com isso, ampliar o escopo de percepção do padrão de beleza criado pela branquitude. Afinal, por quê a indústria de cosméticos defende produtos e procedimentos que “afinam” o rosto? Por quê propagandeiam clareamento de partes íntimas e depilações? Será que isso não tem conexão com o racismo? Será que isso não é mais uma forma de defender padrões que negam os corpos negros?

Para ilustrar tais provocações, segue um registro do livro “*Raízes*” que revela como desde de crianças, nós – mulheres negras – somos educadas a nos basear no padrão de beleza da branquitude:

Moda, moda, moda?

Moda é o caralho
 Meu cabelo é armado
 Nem vem encher o saco
 Com esse seu palavreado
 Sou Zumbi dos Palmares
 Sou a preta de todos os lares
 Sou a boca que agora se abre
 Pra esfregar a minha identidade
 Na cara da sociedade

Porque a mulher negra
 É ensinada desde criança como se comportar
 É ensinada desde criança como se esbranquiçar
 É imposto a ela um padrão
 É imposto desde os tempos de escravidão
 “Ei, tição
 Prenda a juba, rei leão
 É impermeável ou não?”
 Assista,
 Não tem ninguém igual a você na televisão
 Se olhe no espelho, está fora do padrão

Puxe
 Penteie
 Prenda
 Relaxe
 Passe ferro
 ALISE!
 Você não tem opção

Glorifique a santa barbie
 Ou aprenda coma Xuxa e o tchutchucão
 Mas com boneca preta do cabelo duro
 Você não vai brincar, não
 NÃO (TAYLA FERNANDES, 2018, p.151, grifo da autora).

Diante da referida citação, acredito que pensar em padrões estéticos é também lidar com questões do imaginário social, que estão nas brincadeiras de infâncias e nos programas de televisão, como a boneca *Barbie* e os programas da *Xuxa*, mencionados por TAYLA FERNANDES (2018), respectivamente.

Ao citar a mídia, cabe comentar, de acordo com Carneiro (2003), que a naturalização do racismo e do sexismo neste espaço reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam a identidade racial de mulheres negras. A seguir, isso pode ser percebido nesses dois registros do livro “*Raízes*”, que nos levam a pensar até na dita exigência de “boa aparência” expressa nos critérios do mercado de trabalho.

Crespo! Não, melhor, alisado
 [...]
 Negra, crespa e não mais alisada
 Mesmo assim não foi aceita foi tolerada
 Vaga de emprego negada
 No currículo estava escrito
 Curso de administração, informática,
 Pessoa dedicada, preparada
 Assim que foi chamada para ser entrevista
 Por quem foi lido
 Assim que a viram
 Mudaram o escrito para
 Hum preta, favelada, cabelo ruim, “bombril” [...] (REGIANE MARTINS, 2018, p.137).

[...] E o cabelo tem que tá sempre bem alisado
 E te digo uma coisa:
 Eu não aliso o cabelo por mim e pra mim
 Aliso para ser aceita, para ter emprego
 Pra ter namorado ou aquele “casamento perfeito”
 Aquele mesmo,
 Feito pra mulheres brancas da boca rosada.
 Diz que ama mulheres negras, mas sua preta...
 Não serve para andar de mãos dadas. [...] (THABATA CRISTINA, 2018, p.159, grifo da autora).

Nestes escritos, REGIANE MARTINS (2018) e THABATA CRISTINA (2018) nos mostram como a estética constrói o imaginário social que, por sua vez, reflete em como a mulher negra pode ser vista no mercado de trabalho e nas relações afetivas.

Ao comentar sobre o cabelo “bombril”, REGIANE MARTINS (2018) me faz retomar Gomes (2002) que, em sua pesquisa de doutorado, nos ajuda a pensar a relação da identidade racial com a trajetória escolar, trazendo reflexões a partir das experiências de pessoas que trabalham em salões étnicos de Belo Horizonte-MG. A pesquisa mostra o quanto os/as depoentes relatam situações de trauma racial, que envolveram a trajetória escolar. A escola foi revelada na pesquisa da referida autora como um local de reprodução de estigmas e preconceitos, vinculados ao racismo. Vejamos o que ela afirma:

alguns se referem ao cabelo como: “ninho de guacho”, “cabelo de bombril”, “nega do cabelo duro”, “cabelo de picumã”! Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de bombril) ou com elementos da natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem). (Gomes, 2002, p.45).

Esses apelidos recebidos na escola marcam a nossa história de vida, revelando a objetificação dos nossos corpos, em outras palavras: a desumanização. Afinal, associam um traço afrodescendente a uma coisa, o que expressa racismo, e nos leva a pensar que o preconceito expresso no mercado de trabalho, por meio dos registros de REGIANE MARTINS (2018) e THABATA CRISTINA (2018), é fruto, também, de processos educacionais, presentes nas instituições que nos formam. Pois, como a população negra aparece e aparecia nos livros didáticos desses espaços? Gomes (2002) nos ajuda a refletir sobre isso:

[...] A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética. Para estar dentro da escola é preciso apresentar-se fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-

se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas. Existe, no interior do espaço escolar, uma determinada representação do que é ser negro, presente nos livros didáticos, nos discursos, nas relações pedagógicas, nos cartazes afixados nos murais da escola, nas relações professor/ a e aluno/a e dos alunos/as entre si [...] (p.45).

A escola exige uniformizar. E, tendo em vista a construção do imaginário social racista, este “uniforme” é moldado a partir de padrões da branquitude. Isso faz com que exemplifiquemos o registro de THABATA CRISTINA (2018), no livro “*Raízes*”, ao denunciar que o seu corpo não é aceito nesta sociedade:

[...] É a “não aceitação” de ser aquilo que eu sou:
 Negra
 Crespa
 Contra o padrão de beleza
 Se olha no espelho todos os dias, menina
 E se aceita
 Porque você é linda!
 E grita pra esse padrão opressor:
 Aceitaaaa! Pois
 EU SOU A NEGRA QUE VOCÊ RESPEITA. (p.159, grifo da autora).

Diante disso, cabem as provocações de TAYLA FERNANDES (2018), no referido livro, ao questionar o porquê que lhe é imposta uma imagem que não lhe pertence, calcada no ideário da branquitude:

Por que tenho que ser princesa Isabel
 Se sou Dandara?
 Por que tenho que ser Nossa Senhora das graças
 Se sou Santa Anastácia?
 Por que tenho que ser evangelho se sou umbanda?
 Por que tenho que ser ballet se se sou samba?
 Por que tenho que ser branca se sou negra?
 Por que tenho que ser lisa se sou crespa? (TAYLA FERNANDES, 2018, p.152).

A referida autora ainda protesta, afirmando que a sua estética vem dos seus antepassados, da ancestralidade que lutou para que hoje ela pudesse expor e defender os seus traços:

E nessa imagem refletida no espelho
 Vejo mais que um rosto negro
 Vejo meus ancestrais, GUERREIROS,
 Que morreram em luta, sem medo ou com medo
 Para que eu, hoje,
 Pudesse soltar o meu cabelo CRESPO. (TAYLA FERNANDES, 2018, p.152, grifo da autora).

E essa “soltura” do cabelo crespo pode ser simbolizada, também, nas diversas possibilidades de libertação, ou seja, no *estilhaçamento das máscaras* do silenciamento (Evaristo, 2017a) – como já foi comentado neste trabalho.

A meu ver, *estilhaçar tais máscaras* significa a “soltura” mencionada por TAYLA FERNANDES (2018), ao comentar sobre soltar o cabelo. Também está na nossa possibilidade de *escrever*, está na nossa possibilidade de ser Dandara e não Princesa Isabel, de ser Umbanda e não Evangelho, de ser Samba e não *Ballet* – como consta em registro anterior de TAYLA FERNANDES (2018).

Afinal, tais reflexões sinalizam a nossa potência em sermos nós mesmas, pois indicam a valorização da tradição africana, em exemplos que remetem à religião, ao samba e à figura de Dandara, líder quilombola, que foi companheira de Zumbi dos Palmares⁸⁸.

Isso me faz lembrar da argumentação de Xavier (2019), ao asseverar que a discussão acerca de beleza negra – tema que pode atravessar esta seção da tese que trata de traços fenotípicos – carrega necessariamente um potencial político. Significa o ato de lutar para sermos quem quisermos ser, “[...] um direito relacionado à nossa história de pertencimento a uma comunidade negra, plural em seus modos de ser, sentir e existir [...]” (p.56).

Dessa maneira, considero importante demarcar a contraposição à ideia de que somente certos locais, visões, escritos etc. são de pessoas negras. Podemos escrever, falar, e produzir ciência sobre tudo. E isso não significa, ainda, que toda a escrita de mulher negra seja, necessariamente, *escreviente*.

⁸⁸ Como afirma Arraes (2020), ainda há poucos dados sobre a vida desta lutadora, não tendo a confirmação se ela nasceu no Brasil ou em alguma parte do continente africano. Isso se dá, porque assim como no caso da *Anastácia*, que mencionei nesta tese, as histórias de mulheres negras são apagadas, tratadas, por vezes, como lendas, através do discurso da história “universal” produzido pela modernidade. Por isso, a *escrevivência* é um registro importante.

Segundo Arraes (2020), Dandara morreu em 1694, jogando-se de uma pedreira, para não voltar à condição de escravizada. Ainda é tida como se não tivesse existido, o que nos coloca à necessidade de aclamar o seu legado. E a *escrevivência* contribui para isso, por ser uma forma de produção de conhecimento. Este termo vem para incomodar e para transformar, contribui para desvelar a história colonial.

Escrevivência contribui para revelar algo que a história, tida como “universal”, negou e apagou, o que nos faz pensar na necessidade de demarcar cada vez mais este lugar de pertencimento que é nosso. E que é amplo, diverso e plural, como é o nosso povo. Nós, mulheres negras, podemos escrever sobre tudo, como qualquer outro ser humano.

Também cabe comentar que nem tudo que se intitula *escrevivência* é *escrevivência*. Afinal, como alerta Pinto (2025), sabemos, que existe um mercado interessado em cooptar nossas bandeiras “[...] e lucrar com cada gota das nossas lágrimas, suor e sangue, inclusive lucrar com as nossas categorias” (p.1).

Isto posto, diante da finalização da análise desta tese, cabe reforçar que, em termos de considerações finais, o sentido da *escrevivência* é carregado de uma direção contra hegemônica, de uma direção de transformação. Trata-se de uma prática literária que se conecta, necessariamente, com a experiência vivida, em que corpo e história se fundem.

Com isso, é possível observar que este termo vem para demarcar o que negou a história, tida como “universal”. Assim, nos faz pensar na necessidade de demarcar cada vez mais a potência da *escrevivência* como enfrentamento ao capitalismo.

Diante disso, encerro a tese constatando que aqui foi apresentado alguns conteúdos que nos leva a compreender e impulsionar o nosso *grito*, para romper a *máscara* da violência, e *estilhaçá-la*, como tão bem provoca Evaristo (2017a). Foi mostrado, especificamente, algumas violências que enfrentamos, a saber: racismo, estupro, pressão estética etc., as quais puderam ser expressas por meio da *escrevivência*.

Isto posto, diante desta exposição, finalizo a análise acerca dos temas que mais apareceram no livro “*Raízes*”, que dizem respeito à violência sofrida por mulheres negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando sua própria história” (Giovana Xavier, 2019, p.1).

Termino a presente tese refletindo que estou na tentativa de, também, contar uma parte da minha própria história, como explica Xavier (2019), na epígrafe desta seção, sendo esta frase o nome do livro da referida autora, de onde a citação foi retirada.

Por ter assumido uma mudança radical, em termos do conteúdo e da metodologia do que vinha estudando desde a graduação, o sentimento que tenho ao entregar este trabalho é de desbravamento. Me sinto “desbravadora” de caminhos, não apenas acadêmicos, mas transformadores da própria vida, nos quais a *escrevivência* vem me guiando.

Através da presente pesquisa, compreendi que *escrevivência* se articula à resistência às opressões do capitalismo, que estão atreladas ao processo de desumanização de pessoas negras. Trata-se de uma expressão que comunga a escrita com as experiências da população negra, especialmente mulheres. Está fundamentada na vivência de mulheres escravizadas que cuidavam dos filhos da família escravocrata, tendo em vista o período colonial que atravessou a história brasileira e a do continente americano.

Com base neste sentido, Conceição Evaristo defende que a *escrevivência* surge para enfrentar a imagem da violência colonial do passado e, por isso, é uma forma de mostrar que, hoje, como mulheres negras, podemos contar as nossas próprias histórias, inclusive, as de opressões, traumas, dores, medos, amores, alegrias etc.

Ao mencionar o sentimento de desbravamento e ao considerar que apesar de ter esse sentido mencionado acima a *escrevivência* pode ser lida de formas distintas⁸⁹, penso que encerrar um trabalho sobre este tema possa favorecer a sensação de incompletude, no intuito de buscar o aprofundamento do tema em estudos futuros, compreendendo, inclusive, que ainda temos muitas histórias para contar.

Conforme Pinto (2025), o termo *escrevivência* ganhou projeção nacional a partir

⁸⁹ Com base no livro *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020)

de maio de 2017, quando a ocupação *Itaú Cultural* celebrou a escritora Conceição Evaristo. E, a partir disso, vem se midiatizando, e sendo estudado por pessoas de diversas áreas tanto no Brasil quanto no exterior.

Portanto, percebo que pensar na *escrevivência*, pode, ainda, remeter à uma “janela” simbolizada na abertura para sonhos, práticas, vivências, escritos que, inclusive, expressam alternativas em construção.

Diante disso, o caminho trilhado por esta pesquisa me aguçou para a necessidade de aprofundamento do termo *escrevivência*. Colocou a possibilidade de aprofundar em pesquisas que possam, sobretudo, discuti-la especificamente como uma produção de conhecimento científico, em contraposição às tradicionais formas de conhecimento. Vejo que por mais que a minha pesquisa atravessou tal proposta, a expressou de forma ainda incipiente.

Terminar este trabalho também me apontou para a possibilidade de discutir a *escrevivência* no Serviço Social, provocando a minha profissão a se aproximar ainda mais do estudo de intelectuais negras.

Me aguçou, ainda, a pesquisar sobre a *escrevivência* no âmbito das experiências de organizações e movimentos sociais e populares, uma vez que, através da análise do livro “*Raízes*”, percebo o quanto as autoras são mulheres múltiplas e engajadas em diversos espaços sociais e culturais. Afinal, como foi mencionado na tese, são: contadora de histórias; desenhista; militante feminista; pesquisadora das culturas populares; pagodeira; compositora; integrante do Movimento Nacional de artistas transsexuais; militante quilombola, educadora popular etc.

Hoje, pensar em possíveis temas para estudos futuros me empolga e me faz ver que, pela primeira vez, em mais de dez anos envolvida na universidade, estou criando algo verdadeiramente meu. Afirmo isso, pois esta pesquisa que aqui apresentei diz respeito à uma exigência de compreensão da realidade, a partir de referenciais teóricos diferentes do que vivenciei em minha trajetória acadêmico-profissional, como mostrei no decorrer da tese. Além disso, vem sendo atravessada pela influência da literatura, sobretudo, por conta da marca do Projeto Nacional Leia Mulheres em minha vida.

Ao lembrar das fotos das autoras do livro “*Raízes*”, que compõem fundamentalmente a análise desta tese, é possível constatar, como vimos, que a maioria são mulheres jovens. Isso me faz pensar sobre a força e a garra da juventude

negra e, também, sobre a manifestação disso, por exemplo, através da ampliação do acesso dela à universidade pública, por meio da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012).

Essa questão levou-me rememorar a minha entrada e permanência na universidade, e a percepção de que a escrita que desenvolvi nesta tese, diz respeito, também, a um enfrentamento que realizo ao me desafiar por meio *escrivivência*, me afirmando como mulher negra e escritora. Isso, por exemplo, remete aos tempos em que já tive a minha escrita desqualificada na universidade, sobretudo, na pós-graduação.

Como comentei no memorial presente nesta tese, lembro de, no período do mestrado, a minha escrita ter sido caracterizada como um “disco arranhado”, uma fala que expressou desprezo diante do contexto que eu advinha, e das dificuldades que eu apresentava. Portanto, desenvolver esta tese é, também, uma forma de enfrentar o que já vivenciei em espaços como esse.

Essas mudanças que atravessei me possibilitaram, por exemplo, desde 2022, estar vinculada a lugares bem diferentes de onde eu costumava estar desde a entrada na graduação em Serviço Social, no ano de 2008.

Afirmo isso, uma vez que, antes do doutorado, os meus estudos, tanto como pós-graduanda como docente, foram centrados nos fundamentos profissionais e na ética profissional do Serviço Social brasileiro. Tal fato se deu devido à minha experiência como estudante, pesquisadora e professora, exclusivamente, nesta área.

A inserção em novos espaços, a partir do doutorado, pode ser exemplificada na vinculação à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), ao *Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão Afro-Brasileiros e Indígenas* (NEABI), e ao Projeto de Ensino *Encrespa*, no IFNMG-Campus Araçuaí. Além de, atualmente, estar como vice - coordenadora do *Projeto Aquilombar nos Vales: Mulheres negras tecelãs da resistência*, do Programa de Extensão "Observatório dos Direitos das Mulheres dos Vales Jequitinhonha e Mucuri", na UFVJM.

Passar por tais transformações me levou a perceber, também, uma exigência que vem sendo colocada, atualmente, para a profissão Serviço Social, por meio da necessidade, por exemplo, de *racializar* o nosso objeto de intervenção profissional, como expressam as contribuições de Ferreira (2020), Moreira (2021), Procópio (2021), Passos (2021) e Eurico e Rocha (2021). Tais autoras e autor vêm destacando a pertinência de compreender a questão racial como fundamento da formação social

brasileira, e, portanto, defendem a relevância do seu tratamento como substancial à intervenção profissional do/a assistente social.

Além disso, a crítica ao “marxismo tradicional”, como comentei nesta tese, tem me auxiliado a olhar de forma mais ampla e crítica para o capitalismo, e a pensar as formas de superação desse sistema, para além do que sempre nos falaram, no Serviço Social brasileiro. Ou seja: a saída pelo socialismo, ou nos termos de ampliação dos espaços estatais, como o próprio Código de Ética profissional do/a assistente social (Cfess, 1993) sugere.

Tenho observado o quanto outras áreas e outros referenciais teóricos também podem ser antipcapitalistas e críticos, não somente os vinculados ao Serviço Social brasileiro. “Enche” os meus olhos e “aquece” o meu coração poder adentrar nas discussões e intervenções, por exemplo, dos feminismos negros. Isso me faz pensar que a arte, a ancestralidade, a poética, a memória etc. podem ser valores contra hegemônicos, e são fontes para estudos futuros.

Quanto ao que me propus nesta tese, cabe reforçar que o objeto foi a violência sofrida por mulheres negras registrada pela *escrevivência*.

A construção desta pesquisa foi uma tentativa de contar, também, uma parte da minha história, me implicando na pesquisa, ao trazer elementos da trajetória pessoal, principalmente no memorial presente no capítulo introdutório e na escrita em primeira pessoa.

O objetivo foi analisar, a partir da *escrevivência*, o conteúdo sobre violência sofrida por mulheres negras decorrente do capitalismo, e seu processo de exclusão racial, social e de gênero. E busquei me incluir neste processo de registro, nesta tarefa de experimentar *escrever*.

A tese partiu da seguinte questão: *o que a escrevivência ajuda a revelar sobre a violência sofrida por mulheres negras no capitalismo?* Tendo como hipótese de que a *escrevivência* é uma forma de resistência às opressões vivenciadas, em comum, por mulheres negras neste sistema.

Para tanto, o aparato metodológico da pesquisa contou com uma análise documental do livro *Raízes: resistência histórica*, escrito por vinte mulheres negras e publicado em 2018 pela editora *Venas Abiertas*, de Belo Horizonte-MG.

A análise mencionada revelou temas acerca da violência sofrida por mulheres negras, que foram analisados no capítulo anterior. Para realizar a análise, levei em consideração os temas que apareceram mais de uma vez nos referidos registros, e

que, conforme as escritoras, tratavam de violências que atravessam diretamente mulheres negras. Tais temas foram sintetizados nas discussões relativas à **Escravidão, Violência Colonial, Racismo e Pressão de padrões estéticos**, presentes no último capítulo da tese, e expressos nos títulos de seções que o compõe.

Fazer esta pesquisa me fez perceber o quanto a violência é algo corriqueiro e que se apresenta de diversas formas no nosso cotidiano de mulheres negras.

Pesquisar sobre tal tema, levou-me a compreender que, por exemplo, a violência que culminou na eliminação física de Marielle Franco e na opressão vivenciada por Mirtes Renata, ambas mencionadas nesta tese, se conecta diretamente com um processo que perpassa todos os tempos históricos do capitalismo, uma vez que tal sistema se funda, também, por meio da violência.

Afirmo isso, considerando o que foi discutido, especialmente, no capítulo dois desta pesquisa, onde objetivei mostrar o contexto histórico que sustenta a violência sofrida por mulheres negras, explicitando que a modernidade e sua inerente violência colonial legitimaram as origens do capitalismo. E que estão associadas, sobremaneira, ao processo de escravidão e de colonização europeia na América, a partir de finais do século XV, se dando até meados do século XIX.

Embora se apresente de formas distintas, tendo em vista os contextos históricos, e com expressões poéticas e/ou literárias, é essa mesma violência que atravessa os contos de Conceição Evaristo, exemplificados nesta tese, e que, ao mesmo tempo, é denunciada no livro *“Raízes”*.

Tais expressões, a meu ver, vão formando exemplos de dor, mas, sobretudo, de resistência. Isso demonstra o quanto os nossos escritos revelam a possibilidade de ser um veículo de expressão da nossa voz, que denuncia a opressão, sendo exemplos que *estilhaçam a máscara* do silenciamento, como sustenta Evaristo (2017a).

Por isso, compreendo que tais reflexões se conectam ao registro de JULIANA LINO no livro *“Raízes”*. A autora expressa que deseja: “morte ao sistema opressor e aos nossos afetos e afetividades, vida e liberdade. (2018, p.91).

Desse modo, que possamos cultivar essa afirmação, nos inspirando neste registro de KARINE BASSI (2018, p.96):

A preta que não tinha vez
 Tá aí, cheia de voz.
 A ancestralidade tomou conta
 Agora ela só canta
 E não mais se esconde em cantos
 Sem farsa
 A preta é só força.

Se agora, a preta não esconde e é só força, como infere a autora em citação anterior, deixo novamente mais uma marca poética minha, nesta tese. Termino este trabalho com um registro poético que fiz em 2021:

É porque está escrito

Os meus traços afros traduzem os meus sentimentos ancestrais e existenciais.
 O sorriso ainda tímido confronta as minhas versões outrora irreais.
 Ele me levou a compreender o impacto da escrita em meu ser.
 A escrita me salvou. A escrita me libertou. Ou fui eu quem a resgatei?!
 E assim... ela superou regras, medos, condutas e ABNT.
 Sentar, pensar e escrever, hoje, se traduzem no verso do verbo "EscreVIVER".
 Eu estou falando de nós.
 Pois a Mulher Preta carrega em si a potência da *escrevivência*.
 Não é para te calar. É só para te avisar que a ela você também deve escutar.
 Este é o meu sustento.
 É por isso que aqui estou.
 Avante.
 Pois não estamos sós.

(Thaís Silva Martins)

Portanto, diante disso, afirmo: *mais do que qualquer outra coisa, cursar e concluir esse doutorado foi experimentar libertação, foi erguer a voz.*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, tradução de Guido Antônio de Almeida.

ALINE OLIVEIRA. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.13-20.

ALMADA, S. **Abdias Nascimento**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ALMEIDA, F. S de. Epistemicídio. *In*: LANDULFO, C; MATOS, D. (Orgs.) **Suleando conceitos em linguagens**: decolonialidade e epistemologias outras. 1ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 163-168.

ALMEIDA, M. Prefácio à edição brasileira: a voz, a coragem e a ética feminista. *In*: hooks. B. **Erguer a Voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019. p. 8-15.

ALMEIDA, S. Prefácio da Edição Brasileira. *In*: HAIDER, Asas. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Editora Veneta, 2019, p. 7-19.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, T. M. A. da C.; ANDREATTI, G. S. N. Escrivências da pós-colonialidade: Memória e violência nos *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, V.16, nº 27, p. 226-242, 2020.

ALVES, M. Bolsonaro estimula discurso racista e é responsável por escalada de violência. *In*: **Brasil de Fato**. 07/02/2022. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2022/02/07/bolsonaro-estimula-discurso-racista-e-e-responsavel-por-escalada-de-violencia>. Acesso em 18 de out. 2022.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. Ano 8. p.229-236, 2000.

ARIAS, P. G. *Corazonar desde el calor de las sabidurías insurgentes, la frialdad de la teoría y la metodología*. **Revista Sophia, Colección de Filosofía de la Educación**, n. 13, p. 199-228, 2012.

ARRAES, J. **Heroínas Negras Brasileiras**: em 15 cordéis. São Paulo: Seguinte, 2020.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARBIÉRI, L.F. STF rejeita denúncia de racismo contra Jair Bolsonaro. **G1**. 11/09/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/11/stf-rejeita-denuncia-contrajair-bolsonaro-por-crime-de-racismo.ghtml>. Acesso em 04 jun. 2024.

BARCELOS, H. **Cadê a escritora que estava aqui?** O patriarcado comeu. No prelo, 2020.

BATTISTELLI, B. M. **Entre cartas e conversas**: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a psicologia social. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022.

BERNADINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. Introdução. *In*: BERNADINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 10-30.

BISPO DOS SANTOS, A. Nêgo Bispo questiona, em carta ao Fórum Social Mundial, valores da civilização. **Redação Diálogos do Sul**. São Paulo: Observatório da Sociedade Civil, 2021. Disponível em: <https://observatoriosc.org.br/nego-bispo-questiona-em-carta-ao-forum-social-mundial-valores-da-civilizacao/> Acesso em: 27 jun. 2024.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BORGES, R. Escrivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-204.

BORGES, R. **Escrivências, memórias e narrativas com Conceição Evaristo**. Plataforma Hotmart. Curso privado, 2024.

BOTELHO, M. L. Colonialidade e forma da subjetividade moderna: a violência da identificação cultural na América Latina. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 34 p. 195-230, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 03 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em 06 nov. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras medidas. Brasília-DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 26 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais REUNI. Brasília-DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em 19 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília-DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm . Acesso em 10 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Brasília-DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em 19 jul. 2024.

BRASIL. **Projeto de Lei 1.904/2024.** Acresce dois parágrafos ao art. 124, um parágrafo único ao artigo 125, um segundo parágrafo ao artigo 126 e um parágrafo único ao artigo 128, todos do Código Penal Brasileiro, e dá outras providências. Brasília-DF. Câmara dos Deputados, [2024] Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493&fichaAmigavel=nao> . Acesso em: 22 set. 2024.

BRUNA TAMIRES. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.21-28.

BUENO, S e *et al.* **Sumário Executivo - Visível e Invisível**: A Vitimização de Mulheres no Brasil. 4ª edição, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em 02 de fev. 2024.

CAMPOS, R. de. Retorno a Aimé Césaire, uma cronologia. *In*: CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em 12 set.2024.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o Feminismo**: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero, 2011a. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 13 fev. 2024.

CARNEIRO, S. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo

Negro, 2011b.

CARNEIRO, S. **PodCast Mano a Mano**: [Locução de Mano Brown e Semayat Oliveira]: Original *Spotify*. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCP>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CAROLINA, A. orelha do livro. In: Mulherio das Letras (org.) **Um girassol nos teus cabelos**: poemas para Marielle Franco. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2018.

CAROLINE ANICE. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.29-36.

CAROLINE ANICE. Apresentação. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.6.

CARVALHO, I. Pesquisa mostra 'dificuldade de entender como o racismo se manifesta no cotidiano'. Brasil de Fato. 04/08/2023, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/04/pesquisa-mostra-dificuldade-de-entender-como-o-racismo-se-manifesta-no-cotidiano> Acesso em 10 set. 2024.

CARVALHO, M.; SANTOS, W. A mulher preta no mundo do trabalho brasileiro: entre a sujeição e o prestígio social. **Revista Fim do Mundo**. v.2. nº4, jan-abr.2021, p.176-201. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/11119> . Acesso em 12 set. 2024.

CARVALHO, N. A mulher negra no mercado de trabalho. **Portal Geledés**. 23/04/2024, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-2/#:~:text=A%20mulher%20negra%2C%20que%20%C3%A9,diz%20respeito%20%C3%A0%20mulher%20negra>. Acesso em 17 jul. 2024

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência**. 2024. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética do assistente social, 1993**. (Aprovado em Assembleia Geral do Conselho Federal de Serviço Social Seção Brasília, em 13 03 1993). Disponível em <http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS_SITE.pdf> Acesso em: 27 Jul. de 2015.

CORREA, R.P. e *et al.* As percepções de pós-graduandos brasileiros sobre o impacto da COVID-19 em seu bem-estar e desempenho acadêmico. **Revista Internacional de Pesquisa Educacional Aberta**, online. 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666374022000619>. Acesso em 01 jan. 2023.

COSER, S. Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. *In*: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.).

Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 31-49.

CRUZ, E. A. O dano moral de um caso imoral no mundo do trabalho / Caso Miguel: Justiça do Trabalho nega indenização. **ICL NOTÍCIAS**. 19/09/2024. Disponível em:

<https://iclnoticias.com.br/dano-moral-caso-imoral-no-mundo-do-trabalho/>. Acesso em 24 set. 2024

CURIEL, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Pensamento Feminista Hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 120-139.

DALCASTAGNÈ, R. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *In*: **o eixo e a roda**. Belo Horizonte, V.15. p. 125-135, 2007. Disponível em: Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 23 jul. 2023.

DALVA MARIA. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.36-44.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, D. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres, 2013.

DREY, L. G; PAZ, D. A. Escrevivências: a violência física no corpo Negro feminino em Conceição Evaristo. *In*: RAMOS, C. P.; FERREIRA, R. da S. (Orgs.). **Reflexões sobre as escrevivências de Conceição Evaristo**. 1ª edição. Curitiba: Bagai, 2020. 74-87.

DUARTE, C. L. 2021 – o ano em que as escritoras negras bombaram! **LiterAFRO**: o portal da literatura Afro-brasileira. Belo Horizonte. 08/03/2022, Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafro/resenhas/poesia/1685-elizandra-souza-ira-moraes-orgs-literatura-negra-feminina-poemas-de-sobre-vivencia>. Acesso em 17 jul. 2024.

DUARTE, C. L. Marcas da violência no corpo literário feminino. *In*: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 215-224.

DUARTE, E. de A. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.).

Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 75-94.

DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina

Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, M (Org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DULCI, T. M. S; MALHEIROS, M. R. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. *In: VII ENCUENTRO DE ESTUDIOS SOCIALES DESDE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE*, Edição Especial, 2021, Foz do Iguaçu. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>. Acesso em: 22 maio de 2023.

DUSSEL, E. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

ELÂNIA FRANCISCA. *In: OLIVEIRA, K. (Org.). Raízes*: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.45-52.

EMICIDA. **Música “AmarElo”**. [Composição: Felipe Vassão / DJ Duh / Emicida /Belchior. part. Pablo Vittar e Majur]. 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/>. Acesso em 08 out. 2024.

ESTRELA D’ALVA, R. **Teatro Hip Hop**: a performance poética do ator-mc. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

EURICO, M. C; ROCHA, R. da. F. A centralidade do debate étnico-racial no trabalho profissional. *In: ELPÍDIO, M.H.; SILVA, J.P.; ROCHA, R. (Orgs.). Desafios para o Serviço Social na luta antirracista*: questão étnico-racial em debate. 1ª edição. São Paulo: Analume, 2021. p. 54-71.

EVARISTO, C. **Gênero e Etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do X Seminário Nacional Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003. Disponível em: <https://inegalagoas.org/wp-content/uploads/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf>. Acesso em 20 jul.2024.

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In: ALEXANDRE, M. Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007. p. 1-3.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.13, n.25, p. 17-31, 2009a.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. **LITERAFRO**: o portal da literatura afro-brasileira. 2009b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em 01 ago. 2024.

EVARISTO, C. **Nossa Escrevivência**, Blog. Desenvolvido por Patrícia Custódio. *Internet*, 2015. Disponível em: <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/>. Acesso em

19 jul. 2024.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: "Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio". **Carta Capital**, 2017a. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em 05 de mar. 2024.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, C. **Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o Nexo Jornal**. 2017c. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 18 jun. 2022.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017d.

EVARISTO, C. "*Escrevivência*: escrever, viver e ser". In: **SUPLEMENTG**, Belo Horizonte, Edição nº 1.378, 4-11, Maio/Jun. 2018a.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: imortalidade além de um título. **Revista Periferias**, 2018b. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>. Acesso em 30 mar. 2022.

EVARISTO, C. "É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora". **BBC News Brasil**. 2018c. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em 30 mar. 2024.

EVARISTO, C. Vozes Mulheres. In: SANTANA, B (org.) **Vozes insurgentes de mulheres negras**. Belo horizonte: Mazza Edições, 2019a, p.295.

EVARISTO, C. Prefácio. In: DUARTE, M. **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019b. p.13-15.

EVARISTO, C. "A *escrevivência* serve também para as pessoas pensarem". **Itaú Social**. 2020a. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/#:~:text=CONCEI%C3%87%C3%83O%20EVARISTO%20%E2%80%93%20%E2%80%9CA%20escreviv%C3%Aancia%20serve%20tamb%C3%A9m%20para%20as%20pessoas%20pensarem%E2%80%9D> Acesso em 30 mar. 2022.

EVARISTO, C. A *Escrevivência* e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b.p.26-46.

EVARISTO, C. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020c.

EVARISTO, C. e *et al.* **Seminário A escrituridade de Conceição Evaristo**: primeiro dia, 2020d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bzwGCFEkEf4>. Acesso em 22 jul. 2021.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: a escrituridade das mulheres negras reconstrói a história brasileira. **Portal Geledés**. 2021a. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/>. Acesso em 30 mar. 2024.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6ª edição: Malê, 2021b.

EVARISTO, C. **A escrituridade - a literatura a partir do pensamento negro**: Curso Ler o Brasil - Casa Sueli Carneiro, 2023a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xd8eLFPDdzE>. Acesso em 20 abr. 2023.

EVARISTO, C. **PodCast Mano a Mano**: [Locução de Mano Brown e Semayat Oliveira]: Original *Spotify*. São Paulo, 2023b. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4BnaMQUzUXvDo276bkHs3d>. Acesso em 05 jul. de 2023.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERRAZ, A. Quatro anos após morte de Miguel, como estão processos contra mulher condenada por deixar menino que caiu de 9º andar sozinho em elevador. **G1**. 02/06/2024, Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2024/06/02/quatro-anos-apos-morte-de-miguel-como-estao-processos-contra-mulher-condenada-por-deixar-menino-que-caiu-de-9o-andar-sozinho-em-elevador.ghtml>. Acesso em 17 out. 2024.

FARIAS, T. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FAUSTINO, D. **Frantz Fanon e as encruzilhadas**: teoria, política e subjetividade. São Paulo: Ubu, 2022.

FAUSTINO, D. Notas Confusas, Mas Reais e Intensas, Sobre os Quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil. *In*: VIERA, D.; SANTOS, J. L (Orgs.). **Racionais MC's**: entre o gatilho e a tempestade. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. xvii-xxvii.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FAUSTINO, D. **Mulheres e a caça as bruxas**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo 2019.

FELISBERTO, F. *Escrituridade* como rota de escrita acadêmica. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrituridade - a escrita de nós**:

reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-180.

FERRARA, J. A. Performance e política no *poetry slam*: um olhar feminista-decolonial. **Revista Criação & Crítica**, online, n. 28. p. 217-241, 2020. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em 18 fev. 2022.

FERREIRA, G. C. **Raça e Nação na origem da política social brasileira: União e Resistência** dos trabalhadores negros. 2020. Tese. Faculdade de Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FERREIRA, D. V. Afrolatinidade e educação. In: LANDULFO, C; MATOS, D. (Orgs.) **Suleando conceitos em linguagens**: decolonialidade e epistemologias outras. 1ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 17-24.

FIALHO, E. A. L. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*: um projeto estético, narrativo e autoral. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 251-261.

FLOR, PRISCILA. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.53-60.

FLOR, PRISCILA. Blog pessoal. In: *site*. Disponível em: <https://www.florpriscila.com/biografiadaflorpriscila>. Acesso em 26 ago. 2024.

FONSECA, M. N. S. *Escrevivência*: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 59-72.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 19 jul. 2024.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos e escritos, V. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162, tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran.

FRANCO, A. F.; CAIMI, C. L. *Becos da memória*: território, corpo e reinvenção. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, nº 46, p.170-212, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/seminal.2023.78191>. Acesso em 05 mar. 2024.

FRANCO, M. “Não serei interrompida |08-03-2018”. **Instituto Marielle Franco**: (17:10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fl8czAgJGUE>. Acesso em 06 mar. 2024.

FRANCO, A. **Minha irmã e eu**: Diários, memórias e conversas sobre Marielle. São Paulo: Planeta, 2022.

FRANÇA, F. T de. Metodologias decoloniais: um museu de grandes novidades? **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, v.2, p.77-88, jul/dez. 2020.

FUNDAÇÃO Cultural Palmares (FCP). **Certificação Quilombola**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>. Acesso em: 04 out. de 2024. Última atualização: 29/07/2024 15h57.

GIOVANNA HELIODORO. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.61-68.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**. n. 21. p.40-52. Set/Out/Nov/Dez 2002.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GONÇALVES, R. Quando a questão racial é o nó da questão social. **Revista Katálisis**. Florianópolis, v. 21, n. 3, p.514-522, 2018.

GONÇALVES, R. Lélia González e Beatriz Nascimento: contribuições para o combate à tríade capitalismo-patriarcado-racismo. In: ABRAMIDES, M.B.C (Org.). **Marxismo e questão étnico-racial**: desafios contemporâneos, São Paulo: EDUC, 2021, p. 73-86.

GONÇALVES, S. N. **"MULHERES DOS ESCOMBROS"**: a condição das mulheres periféricas em tempos de catástrofes. 2018. Tese. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Rio de Janeiro, 2018.

GONZÁLEZ, L. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988.

GONZÁLEZ, L. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, H. B. de. (Orgs.). **Pensamento Feminista Brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Zahar, 2019. p.237-258.

GONZÁLEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: RIOS, F; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Lélia González. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a. p.49-64.

GONZÁLEZ, L. Discurso na Constituinte. In: RIOS, F; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Lélia González. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b. p.244-262.

GONZÁLEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, F; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Lélia González. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020c. p.127-138.

GONZÁLEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020d. p. 38-50.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, Vol. 31, nº 1, p 25-49, jan/abr. 2016, tradução de Fernanda Mingues, Maurício Barros de Castro e Rafael Maieiro.

GROSFOGUEL, R. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e Pensando Afrodiaspórico**, 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p.55-77, tradução de Joaze Bernardino-Costa.

HOOKS, B. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA DA FGV. Mulheres negras recebem 48% do que ganham homens brancos. **Portal Agência Brasil**. 31/07/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/mulheres-negras-recebem-48-do-que-ganham-homens-brancos>. Acesso em 17 jul. 2024.

HOLLANDA, H. B. de. Introdução. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 10-34.

JESUS, Carolina M. de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

JORNAL NACIONAL. Conceição Evaristo é a primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras. 09/03/2024, Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/03/09/conceicao-evaristo-e-a-primeira-mulher-negra-a-ingressar-na-academia-mineira-de-letras.ghtml>. Acesso em 05 set. 2024.

JÚLIA GOMES. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.69-76.

JULIANA JESUS. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.77-84.

JULIANA LINO. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.85-92.

KARINE BASSI. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.93-100.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, G. Prefácio. *In*: FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KURZ, R. **Razão Sangrenta**: ensaios sobre a crítica emancipatória da modernidade capitalista e de seus valores ocidentais. São Paulo: Hedra, 2010, tradução de R. de Moraes Barros.

LACERDA, N. Território onde vivia Mãe Bernadete na Bahia é alvo de exploração e ataques desde o período colonial. **Brasil de Fato**. 19/08/2023, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/19/territorio-onde-vivia-mae-bernadete-na-bahia-e-alvo-de-exploracao-e-ataques-desde-o-periodo-colonial>. Acesso em 17 ago. 2024.

LANDER, E. (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

LAURA OLIVEIRA. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.101-108.

LEROY, H. R. Corazonar. *In*: LANDULFO, C; MATOS, D. (Orgs.) **Suleando conceitos em linguagens**: decolonialidade e epistemologias outras. 1ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 83-90.

LIMA, A. R. S. de. Glória Anzaldúa e o Feminismo Pós-Colonial: a escrita como um ato de liberdade. *In*: Seminário Internacional América Latina: política e conflitos contemporâneos. 2., 2017, Belém. **Anais**. Belém: UFPA, p. 4965-4978.

LIS, L; MOTTA, I. Publicações e Fortuna crítica. *In*: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 262-270.

LITERAFRO. **Dados biográficos de Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 01 ago. 2024. Última Atualização: 22 de Julho de 2024.

LORDE, A. Não existe hierarquia de opressão. *In*: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.235-236.

LUDEMIR, J. (Org.). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras, 1ª edição, Rio de Janeiro: Bazar do tempo: Flup, 2021.

LUGONES, M. Colonialidade e Gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Pensamento Feminista Hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p.52-83.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**,

Florianópolis. v. 22. n. 3. p.935-952, 2014.

MACHADO, B. A. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, Curitiba, V.17, nº1, p.243-265, jan/jun.2014.

MACHADO, B. A. Lélia González, intérprete do capitalismo brasileiro. **JACOBINA**. 13/09/2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/09/lelia-gonzalez-interprete-do-capitalismo-brasileiro/>. Acesso em 24 set. 2024.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 31-61.

MARTINS, T. S. **A centralidade da ética na formação profissional do assistente social**: um estudo na graduação em Serviço Social em Teófilo Otoni-MG. 2016. (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARTINS, T. S. A literatura como ponte. **Blog Espaço Livre**, 24 jul. 2021a. Disponível em: <https://espacolivre-jopinto.blogspot.com/search?q=diverso>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MARTINS, T. S. **ESCREVIVÊNCIA**- clube Leia Mulheres Araçuaí. **Blog Espaço Livre**, 31 jul. 2021b. Disponível em: <http://espacolivre-jopinto.blogspot.com/2021/07/escrevivencia-clube-leia-mulheres.html?m=1> Acesso em: 31 jul. 2021.

MARTINS, T. S. Afinal, o que é *escrevivência*. **Blog Espaço Livre**, 28 ago. 2021c. Disponível em: <http://espacolivre-jopinto.blogspot.com/2021/08/escrevivendo-afinal-o-que-e.html>. Acesso em: 12 out.2021.

MARTINS, T. S. Entrevista no TOMANDO CONHECIMENTO: **canal dos poetas e escritores do Vale do Jequitinhonha**, YouTube, 18 jun. 2021d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=poJAKKwaBE4&t=4364s>. Acesso em 18 ago. 2021.

MARTINS, T. S. **ESCREVIVÊNCIA** - A ESCRITA DAS MULHERES NEGRAS: REFLEXÕES PRELIMINARES. In: **Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79297> . Acesso em: 12 out. 2022.

MARTINS, T. S. AS **ESCREVIVÊNCIAS** DE MULHERES NEGRAS: reflexões sobre esta prática literária em Conceição Evaristo. In: **Anais do XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as**. Disponível em: <https://www.copene2022.abpn.org.br/interna/view>. Acesso em: 12 out. 2022.

MARTINS, T, S; Teixeira, D. do C. &, Nascimento, T. G. Mulheres negras e *escrevivência* em Conceição Evaristo. **Revista Lutas Sociais**. V. 27, n. 51, São Paulo, p. 191–201, 2023. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/69833>. Acesso em 06 jan. 2025.

MARTINS, T. S. Declamação do poema COROA DE ALINE OLIVEIRA |20/11/2023. **Instagram**: (17:10 min). Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz32CiPO_5Uqm1E-HsRs4VMdU7JGmIBU0J9Au40/. Acesso em 06 mar. 2024.

MARTINS, T. S. Conceição Evaristo e desobediência epistêmica: contribuições para pensar a escrevivência a partir da decolonialidade. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 16, n. 44, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/11105>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MARTINS, T. S. Autoria insubmissa de Conceição Evaristo: considerações sobre o enfrentamento à violência por meio da *escrevivência*. **Revista Re-UNIR**, Porto Velho, v. 11 n. 2. p.207-225, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/8184>. Acesso em 06 jan. 2025.

MARX, K. **O Capital**: Crítica da Economia Política. São Paulo: Boitempo, 2013, Livro I.

MENDES, F. Desigualdade: mais de 40% das mulheres negras estão subutilizadas no mercado de trabalho. **Brasil de Fato**. 21/03/2023, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/21/desigualdade-mais-de-40-das-mulheres-negras-estao-subutilizadas-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em 17 jul. 2024.

MENDES, F. Brasil tem o maior número de resgatados do trabalho escravo em 10 anos, mostra CPT. **Brasil de Fato**. 22/04/2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/22/brasil-tem-o-maior-numero-de-resgatados-do-trabalho-escravo-em-10-anos-mostra-cpt> . Acesso em 26 jul. 2024.

MENEGAT. E. A periferia é o limite: notas sobre a crise do modelo ocidental de urbanização. **Cadernos Metrópole**. São Paulo, n.13. p.107-132, 2005.

MENEGAT. E. Crise urbana na atualidade: indagações a partir do fenômeno da concentração espacial dos pobres em assentamentos ilegais. In: CLACSO, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*. **Oto desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática**. Buenos Aires, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20130717030829/10mene.pdf>. Acesso em 02 out. 2022.

MENEGAT, E; SILVA, D. A. C. da. A Sobrevivência por um triz: velocidade de crescimento dos supérfluos, aumento da pobreza e 4ª Revolução Industrial. In: ARBIA, A.A; PEREIRA, V. S; GRANJA, B. (orgs.) **Atendimento à população em situação de rua**: reflexões e práticas no Brasil e na Europa. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023, p.28-49.

MENEGAT, M. Violência e Barbárie: um pequeno estudo sobre as origens remotas do bolsonarismo. **Argumentum**, v.11, n.2, Vitória, p. 7-16, Maio/ Ago. 2019.

MENEGAT, M. Estados dissolutivos da guerra civil: entre rapina e autodestruição (2024). Disponível em: <https://umcolapsoanunciado.wordpress.com/wpcontent/uploads/2020/08/estados-dissolutivos-da-guerra-1.pdf> Acesso em 19 jun. 2024.

MERCIER, D. Lélia González, onipresente. **El país**. 25/10/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-González-onipresente.html>. Acesso em 24 set. 2024.

MESSEDER, S. A. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org.) **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 155-171.

MIGNOLO, W. D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, nº 34, p.287-324, 2008, tradução de Ângela Lopes Norte.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vol. 32, nº 34, p.1-17, 2017, tradução de Marco Oliveira.

MIRANDA, F. Carolina, Carolinas e um futuro que se abre. In: LUDEMIR, J (Org.). **Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras**. 1º edição. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: Flup, 2021.

MOREIRA, T. W. F. A indissociabilidade entre as lutas antirracista e anticapitalista: aproximações necessárias. In: ABRAMIDES, M.B.C (Org.). **Marxismo e questão étnico-racial: desafios contemporâneos**, São Paulo: EDUC, 2021, p.35-45.

MOREIRA, T. W. F; GONÇALVES. G; FAVARO, T. “Em passos firmes, linha reta”: lutas antirracistas e o trabalho de assistentes sociais. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, V. 146, n.1, p. 118-138, 2023.

MOTA, A. E; RODRIGUES, R. Legado do *Congresso da Virada* em tempos de conservadorismo reacionário. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 199-212, maio/ago. 2020.

MUNANGA. K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

NÁGILA OLIVEIRA. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.109-116.

NASCIMENTO, B. **Textos e narração de Ôrí**. Ôrí. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais, 1989, 133min. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVld4n/view>.

Acesso em 12 set. 2024.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. RATTIS, A. (Org.), Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NATÁLIA, L. Intelectuais *escreviventes*: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 206-224.

NEGRA JULIE. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.117-124.

NETO, A. **Música “No tempo do cativoiro”**. [Composição: Boca Rica / Mestre Toni Vargas]. [19--?] Disponível em: <https://www.letras.mus.br/agostinho-neto/no-tempo-do-cativoiro/>. Acesso em 23 set. 2024.

NETTO, J.P. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 12ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

NUNES, I. R. Sobre o que nos move. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-24.

OLIVEIRA, A. S de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p.19-37.

OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018.

OXÓSSI, Mãe Stella de. **Discurso de posse de Mãe Stella de Oxóssi na Cadeira nº 33 da Academia de Letras da Bahia**, 12 de setembro de 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/discurso-de-posse-de-mae-stella-de-oxossi-na-cadeira-n-33-da-academia-de-letras-da-bahia/> . Acesso em 18 de maio 2023.

OLIVEIRA, M de J.; SAMPAIO, J. C de C. *Escrevivência*: um conceito em expansão. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 8, n. 4, p. 273-290, 2022.

OLIVEIRA, M de J.; SANTOS, M. A de. J. P dos. *Escrevivências negras*: subalternidade e violência de gênero em *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, Campo Grande, V.18, nº18, 2020, p. 39-57.

OLIVEIRA, N. F de. Os condenados da terra: violência doméstica e maternidade em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ. C.; PEREIRA. M. do R. A. (Orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 225-238.

PASSOS, R. G. “É pelo Homem que a Sociedade Chega ao Ser”: Reflexões Decoloniais Acerca da Ontologia do Ser Social. In: EURICO, M; PASSOS, R. G; ALMEIDA, M. da. S; MARTINS, T. C. S. (Org.). **Questão Racial, Serviço Social e os desafios contemporâneos**. Campinas: Papel Social, 2021. p.53-63.

PINTO, T. Escrivência – 30 anos de um conceito revolucionário. **Portal Geledés**. 09/01/2025, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escrivencia-30-anos-de-um-conceito-revolucionario/> Acesso em 09 jan. 2025.

PIRES, C. Apresentação: o luto na luta. In: FRANCO, A. **Minha irmã e eu**: Diários, memórias e conversas sobre Marielle. São Paulo: Planeta, 2022.

PORTO-GONÇALVES, C.M. Entre América e *Abya Yala* – tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

POSTONE, M. **Tempo, trabalho e dominação social**. São Paulo: Boitempo, 2014.

POTIGUARA, E. **Metade Cara, Metade Máscara**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Grumim, 2019.

PROJETO NACIONAL LEIA MULHERES. Sobre nós. In: **site**. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. 2024. Acesso em 25 set. 2024.

PROCÓPIO, A. P. Formação social brasileira e questão étnico- racial. O racismo estrutural em debate. In: ELPIDIO, M. H, VALDO, J. P., ROCHA, R. (Org.) **Desafios para o Serviço Social na luta antirracista**: questão étnico-racial em debate. 1ª edição. São Paulo: Analume, 2021, p. 55-72.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. de S; MENESES, M.P (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009. p. 73-118.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 02 dez. 2021.

QUIJANO, A. ¡Que tal raza!. **Ecuador Debate**. Quito. n. 48 p. 141-152, 1999.

QUIJANO, A. *Colonialidad Y Modernidad/Racionalidad*. **Perú Indígena**. v.13. n.29, p. 11-20, 1992.

QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros**. *site*. Design e conteúdo do site: Márcio Barbosa. *Internet*. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>. Acesso em 19 jul. 2024.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. 1ª- ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RÁDIO AGÊNCIA. **Relatório mostra dados sobre violência policial contra negros** [Locução Mara Régia - entrevista a cientista social e coordenadora da Rede de Observatórios da Segurança Pública, Silvia Ramos, 2023a]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-11/relatorio-mostra-dados-sobre-violencia-policial-contranegros>. Acesso em: 25 abr. 2024.

RÁDIO AGÊNCIA. **Conceição Evaristo abre Casa Escrevivência, espaço cultural no Rio** [Locução Vinícius Lisboa, 2023b] Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/conceicao-evaristo-abre-casa-escrevivencia-espaco-cultural-no-rio>. Acesso em: 06 jun.2024.

RATTS, A. Introdução. *In*: NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. RATTS, A. (Org.), Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REDAÇÃO (Deutsche Welle). Em 11 anos, 73% dos homicídios no Brasil foram contra negros. **Brasil de Fato**. 19/06/2024, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/19/em-11-anos-73-dos-homicidios-no-brasil-foram-contranegros#:~:text=Atlas%20da%20Viol%C3%Aancia%20mostra%20que,%C3%A9%20quase%20tr%C3%AAs%20vezes%20maior&text=De%202012%20a%202022%20C%20em,assassinadas%20por%20dia%20no%20Brasil>. Acesso em 11 set. 2024

REDAÇÃO. Manifestações tomam o país contra o PL do Estupro neste domingo (23). **Brasil de Fato**. 23/06/2024, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/23/manifestacoes-tomam-o-pais-contrao-pl-do-estupro-neste-domingo-23>. Acesso em 26 jul. 2024

REDAÇÃO. Lula defende que corte de gastos do governo também deve incluir militares, políticos e empresas, diz colunista. **Brasil de Fato**. 12/11/2024, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/12/lula-defende-que-corte-de-gastos-do-governo-tambem-deve-incluir-militares-politicos-e-empresas-diz-colunista>. Acesso em 10 jan.2025.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, M. Mulheres Negras: uma Trajetória de Criatividade, Determinação e Organização. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Ano 16, V. 3, 987-1004, 2008.

REGIANE FARIAS. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.125-132.

REGIANE MARTINS. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes: resistência histórica (escritoras negras)**, Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.133-140.

REVISTA EXAME. Bolsonaro questiona escravidão e cotas. **Roda Viva**. 31/07/2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/no-roda-viva-bolsonaro-questiona-escravidao-e-cotas/> . Acesso em: 04 out.2022.

ROCHA, C. Arte Escura. *In*: DUARTE, M (Org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p.51-52.

RODRIGUES, L; SILVA, A. K. Por uma política de escrita do cotidiano: enfrentamentos ao racismo e sexismo na academia. *In*: ALVES, M. C.; ALVES, A. C. (Orgs.). **Redes Intelectuais**: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas. – 1. ed. - Porto Alegre: Rede Unida, 2021, p.121-133.

ROMÃO, L. **Sangria**. 1ª edição. São Paulo: Edição do Autor: Selo do Burro, 2017.

SAMPAIO. C. Haddad aguarda aval de Lula para divulgar corte de gastos nos próximos dias; governo enfrenta protestos. **Brasil de Fato**. 16/11/2024, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/16/haddad-aguarda-aval-de-lula-para-divulgar-corte-de-gastos-nos-proximos-dias-governo-enfrenta-protestos>. Acesso em 10 jan. 2025.

SANTANA, B. (Org.) **Vozes insurgentes de mulheres negras**: do Século XVIII a primeira década do Século XXI. Belo Horizonte: Maza Edições, 2019.

SANTOS, J. S. O enfrentamento conservador da “questão social” e desafios para o Serviço Social no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 136, p. 484-496, Set/ Dez. 2019.

SANTOS, M. Intelectual Negra: a produção literária de Conceição Evaristo. *In*: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 65-85.

SANTOS, Y. **Conceição Evaristo**: voz insubmissa, 1ª edição, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

SCHOLZ, R. O Valor é o homem. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, nº 45, p. 15-36, julho de 1996, tradução portuguesa de José Marcos Macedo (que agradece a Robert Schwarz pela ajuda na tradução de termos específicos).

SILVA, A. de M. S. EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 114-133.

SILVA, J. R. Sá e *et al*. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SILVA JUNIOR, A. C. Sulear. *In*: LANDULFO, C; MATOS, D. (Orgs.) **Suleando conceitos em linguagens**: decolonialidade e epistemologias outras. 1ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2022. p.339-350.

SILVA, V. J. da. **O presente vivido e o futuro pensado**: condição juvenil e estudantil de jovens universitários dos/nos Vales do Mucuri e Jequitinhonha. 2013. Tese. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVANA RODRIGUES. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.141-148.

SILVANA RODRIGUES. Apresentação. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018.

SOBRINHO, S. T. A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade. *In*: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 239-250.

SOUZA, E. B., MORAES, I. A. (Orgs.). **Literatura negra feminina**: poemas de sobre(vivência). São Paulo: Mjiba, 2021.

TAVARES, J. S. C. Suicídio na população negra brasileira: nota sobre mortes invisibilizadas. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, n. 4, v. 1, p 73-75, 2017.

TAYLA FERNANDES. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.149-156.

THABATA CRISTINA. *In*: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.157-164.

THEODORO, T. **Afro Fênix**: a fúria negra ressurgir. São Paulo: Quirino Edições, 2019.

TOMMASELLI, G.C.G. Necropolítica, Racismo e Governo Bolsonaro. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, Dossiê “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência, n. 42, v. 4, p. 179-199, dez. 2020.

TORRE, S; BENEGLIAMO, M; DAL GOBBO, A. O pensamento decolonial: das raízes do debate a uma proposta de método. **Revista X**, Curitiba, n.1, v.7, p.341-371, 2022, tradução de Isabela Cristina Santos, Universidade Federal do Paraná (UFPR), departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

TUBAMOTO, F.T. Racismo e exclusão: jovens negros são principais vítimas de suicídio. **Estado de Minas**. 08/09/2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/08/noticia-diversidade,1391718/racismo-e-exclusao-jovens-negros-sao-principais-vitimas-de-suicidio.shtml>. Acesso em 23 jul. 2024.

VIERA, D.; SANTOS, J. L Efeito Colateral do Sistema: a formação do grupo de rap que contrariou as estatísticas. *In*: VIERA, D.; SANTOS, J. L (Orgs.). **Racionais MC's**: entre o gatilho e a tempestade. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 2-29.

VENAS ABIERTAS. *VENAS ABIERTAS*: uma editora popular. Belo Horizonte, 2020. Campanha de doação. Disponível em: <https://apoia.se/venasabiertas>. Acesso em 04 de mar. 2024.

WILLIAMS. E. **Capitalismo e Escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

XAVIER, G. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

ZAINNE LIMA. In: OLIVEIRA, K. (Org.). **Raízes**: resistência histórica (escritoras negras), Belo Horizonte: *Venas Abiertas*, 2018. p.165-172.

APÊNDICE A - CARTA ÀS ESCRITORAS DO LIVRO “RAÍZES”

Araçuaí, 02 de julho de 2023

Olá, companheiras do livro “Raízes-Resistência História (escritoras negras)”.

Sou Thaisa Silva Martins, tenho 33 anos, e lhes escrevo para contar sobre a minha experiência ao ler o livro de vocês e, também, para partilhar um pouco da minha trajetória. Peço licença para entrar em contato e experimentar a sensação de troca.

Sou uma mulher que há cerca de três anos tem se descoberto como negra, bem como tem experimentado o reconhecimento de ser uma pessoa que escreve para além da escrita acadêmica, isto é, alguém que tem exercitado considerar a expressão “ser escritora”. Tais reconhecimentos têm me motivado e me desafiado a *escrever* a minha tese de doutorado, que objetiva defender a *escrevivência* como produção de conhecimento. Por isso, lhes escrevo a fim de que possamos trocar ideias e fortalecer a nossas redes de afeto e de interlocução, nas quais uma “mulher negra sacode e levanta a outra”.

É desta terra chamada *Araçuaí*, que significa *Rio das Araras Grandes*, fundada por uma mulher desbravadora e lutadora, Luciana Teixeira, que escrevo para vocês. Nos situamos no médio Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais. A minha cidade é uma terra quente, *calorosa* no sentido literal da palavra *calor*. Mas é *calorosa* também porque, embora possa ter inúmeros desafios, a minha terrinha é muito afetuosa, receptiva e acolhedora. Quem passa por aqui sempre deixa esta mensagem.

E é com este *calor* que venho escrever para vocês, para lhes dizer o sentimento que tive ao ler vocês. E espero que este *calor* lhes chegue recheado de afeto, consideração e respeito.

Primeiramente, gostaria de comentar que este livro me foi apresentado em 2018, no ano de seu lançamento, pela Julia Gomes, que é uma das autoras. Ela é uma mana que considero como uma das “pretas que andam comigo”, que escuta as minhas angústias e que acompanhou o meu processo de recente reconhecimento como mulher negra. Desde 2020, tivemos a oportunidade de vivenciar momentos incríveis que possibilitaram uma linda amizade. Eu a conheci em 2013. Ela é também da cidade do *Rio das Araras Grandes*. Tivemos um contato muito bacana, mas não estivemos muito próximas, por conta das mudanças de cidade que nós duas realizamos em nossas trajetórias de estudantes.

Em 2017, voltamos a ter contato numa relação bem inusitada. Eu estava como sua professora na graduação. E o mais engraçado é que a turma dela foi a que eu mais ministrei aulas, naquele período. Foi ali que ela me apresentou a coletânea *Raízes-Resistência História (escritoras negras)*, tendo lançamento da obra na nossa universidade, em 2018, e na nossa cidade, Araçuaí, em 2019.

Ainda não sei bem por onde começar a expressar o que este livro me suscitou. Ou melhor, o que as vozes de vocês suscitaram em mim. A escrita não é algo fácil de

lidar. Talvez seja por isso que Conceição Evaristo diz que “escrever é uma maneira de sangrar”. É algo que nos potencializa, nos livra do silenciamento e da opressão, mas também é difícil, devido às formas coloniais que nos atravessam, inclusive, na nossa formação escolar, universitária, acadêmico-profissional e etc., enfim, em diversas trajetórias compostas pela escrita.

Hoje, vejo que não consigo escrever sem ser atravessada pela *escrevivência*. Não sei começar um escrito dizendo que “o “texto pretende...”, apesar de ter tido uma trajetória escolar e universitária calcada na ideia de que os nossos escritos têm que estar sempre referenciados em intelectuais renomadas/os, e de que devemos ter um “sujeito oculto” dentro do texto.

Guimarães Rosa disse que o que a vida quer da gente é coragem. E é com muita coragem que venho assumindo rupturas em minha vida. É com muita coragem que venho bancando a nossa *escrevivência* como um saber, saber ancestral e político, que expressa o enfrentamento à violência colonial nos nossos corpos, algo que é permanente no capitalismo.

Foram mais de dez anos sendo moldada em uma formação que me “catequizou” para assumir determinada postura teórico-prática que não me permitia ser eu. E, obviamente, sei que isso não foi exclusivo a mim ou à minha geração. Hoje, consigo compreender a relação desse processo com a colonização dos nossos currículos e da produção de conhecimento científico.

Contudo, naquele contexto, eu considerava que essa era a forma de alçar níveis de “excelência”. Ledo engano. Tal caminho nos leva a adoecer e pensando, especificamente, a produção de conhecimento de pessoas negras, mulheres, trans e etc., podemos identificar, inclusive, o **epistemicídio**. Ele não apenas silencia os nossos saberes, mas os mata, levando-nos à necessidade de um enfrentamento *escrevimente*.

Hoje, aprendi que quando uma pessoa negra avança nesta sociabilidade do capital, cada um e cada uma de nós vai com ela. Nossas conquistas são sempre coletivas, como aprendi com o colega Jô Pinto, presidente da Comissão das Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha (COQUIVALE). E ler vocês me faz perceber que uma “mulher negra levanta, sacode, e ergue uma à outra”. Ler vocês é perceber que não estou só, que eu posso continuar nesta trajetória de “escrita vivida”.

Na coletânea *Raízes*, ler a escrita de Dalva Maria, por exemplo, foi mergulhar em contos que me remeteram bastante aos de Conceição Evaristo. Não sei se Dalva lembra de mim. Mas eu me lembro muito bem dela. No período da pandemia, participei de um mini curso online, que ela ministrou, sobre a *escrita de si*, em diálogo com a obra de Carolina Maria de Jesus. Lembro de como ela nos deixava a vontade para ler nossos escritos, para falar de nós. Ao lê-la, no livro, me veio à mente os rostos das personagens de Conceição, como Ditinha em “Becos da Memória”, e Aramides Florença de “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” – mulheres que expressaram uma dor que, em mim, senti um “corte na carne”. E foi a mesma sensação que me atravessou ao ler “Acalento”, conto de Dalva, e senti a expressão da mãe que aguardava o filho, que foi preso injustamente, sair daquela condição. E com isso, lhe

dizer que ele sabe muito bem como preto e pobre é tratado nesse país. Isso é um soco, aquele mesmo soco expresso em “Em última instância”, outro conto de Dalva.

Julia Gomes explicita em seus poemas o sentimento que tenho quando penso no sentido da palavra *luta*. Não atoa os temas: luta de classes, revolução, machismo, bissexualidade e feminismo são recorrentes em sua escrita. São poesias diretas, típicas do que ela sempre se diz ser “poeta marginal” – não é mesmo, Ju?. Não por acaso é uma *slammer*, que bota a sua voz no mundo, que grita e diz termos como “treta”, “bixa”, “buceta”, desafiando os padrões tido como politicamente corretos.

Ao ler Regiane Farias, me emociono por sentir conexão com a minha terra, Vale do Jequitinhonha. Eu tenho crise com a minha região, confesso. Apesar de ela ser muito rica culturalmente e carregada de histórias de luta, eu sempre tive dificuldades de me reconhecer profissionalmente aqui. E ler Regiane me faz pensar na herança identitária de *Ponciá*, da Conceição Evaristo, me faz pensar a herança do meu povo, o legado do nosso povo. Ela tem dois poemas muito fortes sobre a opressão da mulher e o outro sobre a escravização e suas marcas. Tem poema também sobre o Vale e a doçura da infância. Não tem como não se envolver.

Ler Karine Bassi me faz remeter à Identidade racial, ao amor, ao afeto, à revolução e à luta. Ela fala muito da relação “amor e militância”. E eu fiquei pensando o quanto eu sempre distanciei esses dois termos. Sempre enxerguei a militância como algo que necessariamente estivesse ligado a um movimento social ou sindical. Mas não é bem assim. Há diversas formas de militar. Vocês fazem militância quando realizam as suas *escrevivências* neste livro. Eu faço militância quando assumo bancar esta minha proposta de estudo na academia, ainda tão tradicionalmente branca e calcada em referenciais eurocêntricos. Dessa maneira, agradeço à Karine por me fazer refletir sobre isso, e por através da poesia, expressar a colonização do nosso país e dos nossos corpos.

Thabata Cristina traz poesias, também. Eu comecei a segui-la nas redes sociais através de Felipe Melo, que foi meu contemporâneo na universidade, e comentou sobre seus escritos. Sempre admirei as tranças dela. Que bom poder falar isso através dessa carta. Queria comentar também que é muito linda a poesia que fala sobre a solidão, que nos leva a pensar a solidão da mulher negra, e toda a estrutura dessa sociedade que nos oprime. Thabata também fala sobre corpos e objetificação do corpo feminino. Tem uma poesia sobre resiliência que, para mim, é a cara do que sinto quando estou em encontros de mulheres.

Agradeço a vocês por me permitir exercitar a minha *escrevivência* com vocês e aproveitar para partilhar um pouco da minha trajetória até aqui.

Gostaria de comentar que me graduei em Serviço Social, no ano de 2012, pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Esta se constituiu por meio do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais/ Decreto 6096/07), que marcou o primeiro e o segundo governo do presidente Lula (2003-2010), por meio de propostas de interiorização do ensino superior. Fiz o mestrado em Serviço Social, na UERJ, durante os anos de 2014 e 2016. De 2017 a 2019, trabalhei na UFVJM como assistente social

docente. E em 2020, iniciei o doutorado em Serviço Social na UFJF, no mesmo ano em que a pandemia do coronavírus começou a arruinar toda a humanidade.

Naquele período tão difícil e que assolou, sobretudo, o povo negro, o sentido de *resistência* ganhou um novo significado em minha vida. Eu já estava experimentando ampliar os meus conhecimentos para além do Serviço Social, vinha coordenando um dos clubes do Projeto Nacional *Leia Mulheres* em minha cidade, Araçuaí, e vinha observando que queria dar uma reviravolta nas minhas pesquisas. Era necessário movimentar o meu corpo em uma direção que estivesse explicitamente conectada as/aos nossas/os. O sentimento sobre a finitude da vida ficou escancarado para todas/os nós. Mais de 700 mil pessoas se foram, apenas no Brasil. A realidade clamava de nós uma intervenção, um posicionamento acerca de que lado estaríamos.

Até aquele momento, eu vinha me dedicando aos estudos acerca do Serviço Social brasileiro. Mas as vivências a partir do Projeto Nacional *Leia Mulheres* e, conseqüentemente, junto ao Movimento dos/as poetas e escritores/as do Vale do Jequitinhonha, me levaram a estar estudando e vivendo a *escrevivência* de mulheres negras na atualidade, o que me levou a reconectar com o livro de vocês, o *Raízes*.

E hoje, o objetivo da minha tese de doutorado é *escrever* uma pesquisa, defendendo a *escrevivência* como uma produção de conhecimento que historicamente foi negada no meio acadêmico, por meio da colonialidade do saber, imersa em nossos currículos. Processo que nos impossibilitou de ter acesso às produções e vivências do nosso povo, que construíram, constroem, pensaram e pensam este país.

Até a eminência da entrada no doutorado, quando comecei a construir um dos clubes do *Leia Mulheres*, eu não me lembro de ter tido acesso ao estudo de obras de escritoras negras. Lembro que, na oitava série do ensino fundamental, uma professora indicou a obra “Quarto de Despejo”, da Carolina Maria de Jesus. Foi uma indicação que veio com muitas outras e não foi direcionada para o estudo da obra da autora. É a única lembrança que tenho, em minha trajetória escolar e acadêmica, de orientação para a leitura de obra de uma escritora negra. E, atualmente, a busca por obras assim se deu por conta da minha experiência pessoal e coletiva, impulsionada pelo projeto *Leia Mulheres* e pela minha pesquisa da tese, não foi uma orientação curricular.

Quando comecei o doutorado, fazia cerca de 13 anos desde a última vez em que eu havia lido algum livro que não fosse de exigências voltadas ao Serviço Social brasileiro, dada à minha experiência como estudante, pesquisadora e professora, exclusivamente, nesta área. Ou seja, desde que entrei na graduação, em 2008, eu só fui me abrir para ler livros que não fossem de estudos e pesquisas do referido campo, em 2019, por conta da influência do Projeto Nacional *Leia Mulheres*. Somente em 2020, foram lidos mais de 20 livros que não tratavam da minha profissão, e grande parte se conectava com o âmbito literário. Desde aquela época, até hoje, esta quantidade se triplicou, e eu devo muito disso às companheiras como vocês que realizam o enfrentamento *escrevivente*, que nos permitem construir inspirações e legados coletivos.

Hoje, vejo que assumi um caminho pra vida toda, um caminho que aponta para a direção das nossas, e que atravessa todas as esferas da minha vida. Afinal, se reconhecer como negra não é algo episódico.

Sou grata por me inspirarem a *escrever* e, por isso, recebam esta carta *escreviente* que envio recheada de afeto.

Aproveito o ensejo para perguntar se vocês animam trocar comigo. Que tal um correio de cartas, durante este mês de julho que se inicia? Pode ser via *e-mail*, via *whatsapp*, via *instagram*, enfim, como quiserem. A forma de contato, o conteúdo, e o formato da escrita é com vocês. Eu sugeri as cartas porque elas nos deixam curiosas, carregam uma sensação de endereçamento que emociona, e ainda remetem a algo manual. E como aprendi, com Bruna Battistelli, **as mãos guardam muitas memórias**. De todo modo, me encantarei com qualquer forma de retorno.

Que este friozinho do meio do ano, ainda que bem de leve na minha terra do *Rio das Araras Grandes*, nos inspirem a aquecer por meio da *escrevivência*.

Um cheiro do Vale do Jequitinhonha para vocês;

Abraço

Thaísa Silva Martins

Envio este desenho da companheira Uakyrê Pankararu Braz, a qual muito agradeço. Ela é da aldeia indígena Cinta Vermelha Jundiba, que se localiza no município da nossa cidade, Araçuaí-MG. No momento em que eu escrevia esta carta, ela postou esta foto no *whatsapp*, e eu senti uma conexão muito forte. Veio em mim que seria uma lembrança da nossa terra, para vocês. O que acharam?

Desenho 1: Desenho de Uakyrê Pankararu Braz, indígena da aldeia Cinta Vermelha Jundiba – Araçuaí-MG



Fonte: postagem em rede social *WhatsApp*